A ARGÉLIA APOSTA NA INDUSTRIALIZAÇÃO (PÁGINA 3)

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SÁBADO, 24 DE JANEIRO DE 1970 N.º 16 916 ANO 49.º PREÇO 1$50

COMPRE JOGO no CAMPIÃO LOTARIA - TOTOBOLA

O prof. Fraústo da Silva, novo director do I. S. Técnico, 36 anos de idade e um «curriculum» assinalável, lê o compromisso de honra. Na gravura vêem-se ainda o reitor e vice-reitor da Universidade Técnica, profs. Vasco Costa e António Maria Godinho

Universidade: MUDANÇA DE POLÍTICA

— segundo o novo director do I. S. T.

«NÃO POSSO DEIXAR de associar esta nomeação a uma mudança da política universitária» — afirmou o prof. Fraústo da Silva ao tomar posse, esta manhã, do cargo de director do Instituto Superior Técnico, em que sucede ao prof. Almeida Alves. A posse foi-lhe conferida pelo reitor da Universidade Técnica, prof. Vasco Costa, e ao acto assistiram numerosas individualidades, especialmente ligadas ao ensino, professores e estudantes. Usaram da palavra o director cessante, o reitor Vasco Costa e o prof. Fraústo da Silva, que expôs algumas das linhas fundamentais do que pensa sobre a Universidade e sobre o Instituto de que passou a ser director.

O empossado é, também, presidente do Gabinete de Estudos e Planeamento de Acção Educativa do M. E. N. e do grupo de trabalho «Ensino e Investigação ligada ao Ensino», do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho. Além do mais, foi, ainda, membro da Comissão de Inquérito para a Reforma da Universidade, que, em devido tempo, terminou e apresentou o seu trabalho, que não chegou a vir a lume — trabalho que se devia destinar a servir de

(Continua na 10.ª página)

LER NA PÁGINA CENTRAL

- O Presidente do Conselho inaugurou em Porto Alto um novo emissor do R. C. P.
- Problemas da indústria açucareira
- Fim-de-tarde em S. Bento

BERLIM «AQUECE»

Advertência da RDA ao Governo de Bonn

BERLIM, 24 — (F. P.) — Nas estradas que ligam Berlim á Republica Federal formaram-se ontem longas bichas de camiões e automóveis, aguardando interminávelmente passagem na fronteira da Alemanha Oriental. Nos postos de «contrôle», as autoridades leste-alemãs afixaram as notas de protesto dirigidas em 10 do corrente pelo Ministério dos Negócios Estrageiros da Republica Domocrática Alemã a Bonn e pelo ministro do Interior ao Burgomestre de Berlim-Oeste, Klaus Schuetz. Os protestos declaram «ilegais» as reuniões de deputados do Bundestag em Berlim Oeste, «situado em pleno território da R. D. A.». O governo federal é convidado a pôr termo ás «tentativas para integrar Berlim-Oeste no estado alemão-ocidental», de contrário a

(Continua na 15.ª página)

Representação da Espanha em Budapeste

MADRID, 24. — (A. N. I.) — Foi aprovado pelo Conselho de Ministros ontem reunido em Madrid, o decreto que cria a representação consular e comercial da Espanha em Budapeste. Dá-se assim concretização ao acordo recentemente assinado em Paris, entre os embaixadores da Espanha e da Hungria na França.

A Espanha mantém representações semelhantes na Polónia e na Roménia, prevendo-se que as venha a estabelecer com outros países socialistas.

PERUA MÃE MORRE «VIRGEM»

NUM aviário de Alcabideche, peruas estão a ser submetidas ao primeiro sistema de inseminação artificial aplicado no nosso País. Na página 16, na série sobre «o negócio deste meio século», explicamos ao leitor como uma perua mãe pode morrer «virgem».

HOJE 40 PÁGINAS

VISADO PELA CENSURA

NA 2.ª PÁGINA REPETIMOS AS GRAVURAS 27 e 28 DO NOSSO CONCURSO

ÁLBUM DE LISBOA

Começa em Alfama (na segunda-feira) a recepção de cadernetas

COMO TEMOS NOTICIADO, começa já na próxima segunda-feira a recepção de cadernetas. Com a colaboração da Cidla, que patrocina a nossa iniciativa, a recepção de cadernetas faz-se nos «stands» Gazcidla espalhados pelas zonas mais populosas e populares de Lisboa. Na segunda-feira, a recepção de cadernetas verifica-se em Alfama, após o que, sucessivamente, se realizará na Madragoa, no Bairro Alto, na Graça, em Campolide, Campo de Ourique, Lumiar, Benfica, Olivais, Avenidas Novas, Alvalade, Avenida 24 de Julho, Rua do Alecrim, Praça Marquês de Pombal, Alcântara e Arroios.

Chamamos a atenção dos concorrentes para a localização dos «stands» e datas de recepção de cadernetas, que noutro local publicamos, para evitar enganos, sempre desagradáveis. A intenção é, aliás, permitir aos concorrentes, sem deslocações ou demoras, a entrega da sua caderneta e a obtenção imediata do boletim de identificação com o número que o habilitará a óptimos prémios, que excedem, no seu valor total, as três centenas de contos.

A recepção pelo correio

Continuamos a receber pelo correio as cadernetas enviadas pelos concorrentes da província. Chamamos, porém, a atenção para o facto de algumas nos chegarem multadas por insuficiência de franquia. Será melhor, portanto, franquiar cada caderneta a enviar com a importância de 2$00, juntando um selo de 1$00 se pretenderem receber o boletim de identificação com o número que os habilitará ao sorteio.

STANDS GAZCIDLA

Localização e datas da recepção de cadernetas

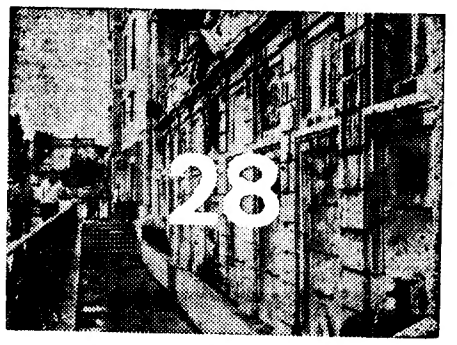
JANEIRO

26 — Rua de S. Miguel, 9	— ALFAMA
27 — Rua da Esperança, 134	— MADRAGOA
28 — Rua da Atalaia, 131	— BAIRRO ALTO
29 — Largo da Graça, 63-D	— GRAÇA
30 — Rua de Campolide, 94-C	— CAMPOLIDE
31 — Rua Infantaria, 16, 57-A	— C. DE OURIQUE

FEVEREIRO

2 — Praça Alexandre Ferreira, 32	— LUMIAR
3 — Rua Emília das Neves, 4-B	— BENFICA
4 — Rua Cidade de João Belo, lote 88-Lj. B	— OLIVAIS
5 — Av. Miguel Bombarda, 56-A	— AVEN. NOVAS
6 — Rua José Duro, 27-C	— ALVALADE
7 — Avenida 24 de Julho, 94-A	— 24 DE JULHO
9 — Rua do Alecrim, 77	— ALECRIM
10 — Praça Marquês de Pombal, 1	— M. DE POMBAL
11 — Largo do Calvário, 12-C	— ALCANTARA
12 — Largo Mendonça e Costa, 9-C	— ARROIOS

Album de Lisboa



Recorte e cole as gravuras no espaço marcado na caderneta

Todos os assuntos referentes ao Concurso deverão ser tratados na RUA CASTILHO, 185-1.º — Telefs.: 65 45 33/65 45 34

instantâneos de LISBOA

A ÁRVORE

Nunca mais tinha pisado aquele jardim. Quando a terei visto, à árvore, pela ultima vez? E pela primeira? Mas a primeira nunca existe quando somos crianças. Acontece lentamente, progressivamente, um pouquinho hoje, outro amanhã, outro daqui por oito dias. Ou mais. Ou menos. Sem darmos por isso, insensivelmente. Só a ultima vez é definitiva e cruel, quase diria sanguinária. Mas haverá uma ultima vez também? Haverá?

Atravessei pois o jardim. Devagar porque subitamente dei comigo a reconhecer pedacinhos, uma outra pedra, aquele banco, as flores vermelhas, o lago de repuxos e água verde, grossa, atravessada por rostozinhos infantis sempre a reflectirem-se à superfície trémula, levemente inquieta, florida aqui e além pela mão de uma criança.

Mas a árvore? Não a via portanto há muitos anos, embora não soubesse há quantos. Uma árvore oriental, de casca lisa, cremosa, um tronco de formas arredondadas, com braços estendidos para o céu, e hipotéticas mãos perdidas entre as folhas. O seu nome não o sei, nunca o soube, era a árvore, aquela, um pouco para além do lago, e que na Primavera se cobria de flores cor-de-rosa. Era igual, era sem idade, a árvore, sem tempo na sua pele, sem uma ruga nos seus verdes cabelos rosados um dia destes quando a Primavera chegar.

MARIA JUDITE DE CARVALHO

BOLSAS DA ROTARY FOUNDATION

Termina no dia 15 de Março o prazo para apresentação de pedidos de bolsas de estudo da Rotary Foundation. De acordo com o respectivo regulamento, os clubes rotários portugueses estão agora à procura de candidatos para essas bolsas de estudo no estrangeiro.

O Rotary International, através da sua Rotary Foundation, oferece todos os anos a jovens dos dois sexos que possam desempenhar a dupla missão de estudantes e «embaixadores de boa vontade» a oportunidade de fazer um ano de estudos numa Universidade estrangeira à sua escolha.

O programa de «bolsas educacionais» da Rotary Foundation, que funciona desde 1947 e foi estabelecido com o propósito de promover a compreensão internacional, beneficiou já mais de 4000 estudantes, técnicos, homens de negócios e profissionais.

Há três tipos de «bolsas educacionais» oferecidas pela Rotary Foundation: Bolsas de Estudos Pós-Graduação, para estudantes universitários já formados; Bolsas de Estudos Pré-Graduação para os estudantes que ainda não terminaram o curso superior; e Bolsas para Treino Técnico, para técnicos com pelo menos dois anos de experiência no seu sector de especialização. Além dessas, há bolsas para grupos de seis homens de negócios e profissionais, a fim de passarem dois meses no estrangeiro para ampliarem os seus conhecimentos nos sectores económico, comercial, industrial e cultural do país, sob os auspícios de um programa do distrito.

Todos os Rotary Clubes portugueses podem submeter candidatos para os três tipos de bolsas educacionais.

Associação dos Jardins-Escolas João de Deus

No dia 31 do corrente, pelas 15 horas, efectua-se a assembleia geral ordinária da Associação dos Jardins-Escolas João de Deus para apreciação das contas de 1969 e eleição de novos corpos gerentes.

ora diga-nos...

— Costuma ir à ópera?

Começou a nova temporada de Ópera. O Teatro Nacional de S. Carlos tem novo director, que pretende «tirar o maior rendimento cultural daquela instituição e «interessar a gente nova pela Ópera». Enfim, há propósitos novos, há novas esperanças. E o leitor que diz? Gosta de ópera? Costuma ver (e ouvir) ópera?

● *O sr. António Runa diz-nos, no seu sotaque de longos anos pelo Brasil (lutando, suando, ameaçando):*

— Tenho visto na televisão. No teatro, nunca. Passei há bocado pelo S. Carlos e pelo Trindade e vi os programas, os cartazes.

— ...

— Só tenho visto pela TV no hotel onde estou hospedado. Fui, criança ainda, para o Brasil, e lá tenho vivido. Fui trabalhar para Manaus, não pròpriamente na cidade. É claro que houve um período durante o qual Manaus viveu com esplendor, grandes acontecimentos de Arte, de grandes espectáculos. Mas quando para lá fui essa época já terminara. Mas aprecio ópera, sim, senhor.

— E agora, sr. Runa?

— Bem... Agora tenho de voltar ao Brasil, a fim de resolver uns assuntos, e então regressarei, de vez, a Portugal.

● *O sr. Eduardo Ruas Esteves é empregado na carga e descarga de câmaras-frigoríficas. E gosta de ópera.*

— Sim, gosto, embora não seja um especialista, não tenho grandes conhecimentos. Mas gosto.

— ...

— Tenho visto, às vezes, na televisão, e tenho ido, também, algumas vezes, ao Coliseu, quando arranjo bilhetes por intermédio da F. N. A. T. Fora disso, a ópera é um espectáculo caro, fora das minhas possibilidades.

● *Empregado de escritório, o sr. Eduardo da Silva Avelãs, também nunca foi à ópera ao teatro.*

— Pois não. Só tenho visto através da TV. Aprecio ópera, gosto de ópera, mas nunca se possibilitou ir à Ópera ao teatro. Um dia será.

A Volkswagen mantém o «record» de vendas nos Estados Unidos

NOVA YORK, 20 — A Volkswagen conquistou pela 15.ª vez consecutiva, no último ano, o título de campeão dos importadores e vendedores de automóveis de fabrico estrangeiro nos Estados Unidos.

O total de vendas de Volkswagens novos na América do Norte, em 1969, apesar da mais prolongada greve de estivadores, foi de 551 379 unidades, contra 569 292 em 1968. Em três meses do último ano foram batidos recordes mensais de venda, e em Dezembro a procura acentuou-se, tendo as entregas de carros novos sido as mais importantes de sempre, com um aumento de 19 por cento.

Stuart Perkins, presidente da *Volkswagen of America*, revelou à Imprensa que em 1969 as vendas «foram apenas 3 por cento inferiores às do ano transacto, devido ùnicamente à mais aguda das greves de estivadores da história da companhia. No primeiro trimestre de 1969, a greve provocou uma baixa na importação de quase 20 por cento em referência a igual período do último ano». E acrescentou: «No entanto, conseguimos recuperar essa extraordinária quebra, e assim, nos últimos meses do ano, a posição da Volkswagen consolidou-se, tornando-se a mais forte de sempre. Esta é a verdade, apesar dos prejuízos que a paralisação de trabalho dos estivadores causou em vários pontos dos Estados Unidos, onde não foi possível a entrega contínua e normal de unidades aos nossos agentes. Provou-se portanto, como tínhamos afirmado, que o lançamento dos novos carros utilitários de Detroit em nada afectou o interesse do público americano pelo Volkswagen que continua a ser, de muito longe, o carro importado de maior venda» — (E.).

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

1.ª EXPOSIÇÃO DE CARAVANAS RESIDENCIAIS EM PORTUGAL
de 23 a 31 de Janeiro — Aberto até às 24 horas
MARCAMPO: SALÃO DE EXPOSIÇÕES
LISBOA — Av. Alm. Gago Coutinho, 56-D — Tel. 726776

A ARGÉLIA APOSTA NA INDUSTRIALIZAÇÃO

ARGEL — A política e a ideologia são uma coisa na Argélia, mas, quando se trata do desenvolvimento económico, negócios são negócios.

A Argélia mantém estreitas relações com a U. R. S. S. e outros países comunistas, bem como com os do «Terceiro Mundo». Não tem relações diplomáticas com os E. U. A., se bem que haja diplomatas americanos na embaixada suíça em Argel.

por JESSE LEWIS

Exclusivo «The Washington Post» — «D. L.»

A Argélia reconhece o Vietnam do Norte e a Frente de Libertação Nacional, e quase diáriamente os jornais argelinos criticam com violência a política americana no Sudeste Asiático e no Médio Oriente.

Mas, no que se refere ao desenvolvimento económico já a poltiica é outra:

1) — A Argélia recruta conselheiros ocidentais que a auxiliem a levar a bom termo o seu ambicioso programa de desenvolvimento.

2 — O equipamento americano é abundantemente utilizado nos poços de petróleo argelinos e na exploração do gás.

3) — A industria argelina do aço é desenvolvida com o auxílio de técnicos italianos, alemães (e também soviéticos).

4) — A Argélia vai comprar dois «Boeing» para a sua companhia aérea nacional.

5) — Várias companhias americanas se têm associado com empresas argelinas para lançarem negócios comuns.

«Os argelinos sabem dissociar as considerações políticas das questões económicas e procuram o melhor negócio», explica um economista ocidental. «Dirigem-se muitas vezes ao Ocidente. Sempre que estes lhes proporcione as meres tecnologias e o melhor equipamento.»

E, assim, apesar de uma dura guerra de independência, a Argélia continua a manter a maior parte do seu comércio externo com a França. A Argélia não tem relações diplomáticas com a Alemanha Ocidental, mas os alemães vão construir e dirigir uma fábrica de tractores e motores «Diesel» em Constantina.

Diplomatas acreditados em Argel garantem que as relações económicas da Argélia com o Ocidente se baseiam, não só num certo pragmatismo, mas também no desejo de não depender demasiado da U. R. S. S. nem do bloco soviético. A recordação da guerra de independência leva a Argélia a preservar cautelosamente a sua independência. «O papel dos soviéticos na Argélia suscita um ligeiro nervosismo, diz um diplomata. Os responsáveis argelinos querem diversificar as fontes da assistência económica.»

Os soviéticos e os países do bloco ocidental têm grande penetração no país. O Exército argelino utiliza armas soviéticas e a Força Aérea conta com aparelhos essencialmente soviéticos. Há cerca de 4 000 técnicos soviéticos na Argélia. Alguns são conselheiros militares, outros trabalham em projectos de irrigação ou em fábricas.

«Mas podemos dizer que os argelinos acabaram com o período revolucionário», diz um diplomata. «A Argélia vive agora uma fase de consolidação, os dirigentes prevêem as coisas a longo prazo e põem em relevo o desenvolvimento económico».

A industrialização em primeiro lugar

Os responsáveis da economia argelina decidiram atribuir o primeiro lugar ao desenvolvimento industrial: querem que a Argélia se transforme nos mais breves prazos possíveis, num país fortemente industrializado.

O Governo argelino fundou um certo numero de companhias estatais: a *Sonatrach*, para o petróleo e gás natural, a *Sonareu*, para as industrias de extracção e a *Sonacome*, para o sector automóvel.

O exame de uma das operações da *Sonatrach* dá um exemplo da maneira como a Argélia vai obter o máximo pelo seu dinheiro, desenvolvendo, ao mesmo tempo, as suas bases industriais.

A Argélia assinou recentemente um acordo com uma firma americana, *El Paso*, referente á venda de 10 mil milhões de metros cubicos de gás natural por ano, durante 25 anos. Este acordo, se for aprovado pelo Governo americano, dará 150 milhões de dólares por ano á Argélia.

A venda deste gás depende, contudo, de outra série de projectos: a construção (pela França) de uma fábrica de liquefacção do gás e de um oleoduto até á fábrica e ao porto.

Esta operação fornece não só fundos para outros projectos de desenvolvimento, mas também empre«os, *know-how*, (mão-de-obra muito especializada, assistência técnica) e a possibilidade de vender mais gás natural. Este contrato de 25 anos não esgota as reservas da Argélia em gás natural, as quais se elevam a 2 800 biliões de metros cubicos.

Explica um economista ocidental: «O grande problema da Argélia, como o de todos os países em vias de desenvolvimento, é o da falta de pessoal qualificado. Mas os argelinos estão dispostos a comprar este auxílio no estrangeiro».

O mesmo economista (que entende que a Argélia fez uma «terrível aposta», pondo a industrialização tanto em relevo) frisa que diferentemente de numerosos países subdesenvolvidos, a Argélia tem já «infra-estruturas» — vias férreas, rede eléctrica e telefone, etc., todas deixadas pelos franceses.

«A Argélia tem os elementos de base — os recursos e as instalações básicas — agora pode dedicar-se aos *retoques*», diz um técnico.

«Outra vantagem reside no facto de a Argélia se virar — quanto aos seus padrões de desenvolvimento — para a Europa e não para o Médio Oriente ou para a África. Os argelinos compreendem e respeitam a tecnologia ocidental, ainda que não se sintam encantados com muitos aspectos da política do Ocidente. É um povo extremamente nacionalista e os seus dirigentes sentem-se na obrigação de fazer progredir totalmente o país. E têm grandes probabilidades de êxito.»

ECOS

JACINTO DO PRADO COELHO, historiador da literatura e ensaísta fino e sagaz, reflecte sobre uma autognose portuguesa no pequeno, mas denso, estudo que acaba de publicar: «A literatura portuguesa expressão de uma cultura nacional». Que o título não induza em erro. Não há aqui nem resquícios das delirantes divagações patrioteiras e anticientíficas de um Álvaro Ribeiro, para citar tão-só um dos expoentes da corrente da chamada «filosofia portuguesa». Mais perto das últimas proposições e rectificações de um António José Saraiva? Talvez. Eis uma passagem, de certo modo elucidativa, do texto em questão: «A individualidade cultural de uma nação (já Hermann Gumbel criteriosamente o acentuava) não deve ser concebida como «essência mística e absoluta» mas sim como algo dinâmico, mutável. Trata-se de um resultado extremamente complexo de factores físicos (o solo, o clima, a situação geográfica, o substracto étnico) e de factores históricos, uns conservadores, que podemos considerar condições, pressupostos, em determinado momento, da actividade espiritual (por exemplo, a estrutura económica, a organização social, a língua, a sabedoria popular), outros de renovação (as contingências da evolução histórica e a inventiva, a iniciativa humanas, que podem mesmo superar ou modificar os aludidos factores estáticos). A mentalidade positivista das últimas décadas do século XIX tendia a valorizar os elementos físicos da nacionalidade, mas são, claro está, os factores históricos que principalmente interessam ao teorizador da literatura, e nunca deve este esquecer que a individualidade nacional se manifestou e continuará a manifestar-se dinâmicamente, é um constante **fazer-se** e não uma coisa feita, inalterável.»

★

NA poesia de Shakespeare há versos de uma aguda e perturbante actualidade. Estes, por exemplo (em tradução livre): «Se a música é o festim do amor, toca / Oferece-me para que pelo excesso / O meu desejo decline e feneça, sublimando-se / Repete esse tom, que decai como quem morre / Que chegou ao meu ouvido como o som / Tão suave do vento sobre as violetas / Roubando e espargindo as cores do perfume.»

RECTÂNGULOS DA VIDA

OS MEDICAMENTOS POÉTICOS

Por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Já os apiseruns eram poèticamente prometedores. Surgiram em herméticas ampolas, e o mundo sentiu-se cheio de esperança. Fica sempre cheio de esperança, o mundo, sobretudo quando lhe são propostas coisas fáceis à primeira vista, embora inacessíveis, coisas-fada, em suma. Uma fonte de juventude apareceu aqui há tempos — constou — não sei onde, para as bandas da Ásia. Que beleza e que poesia, uma fonte de juventude! E entre nós muita gente acredita mais nas frescas e murmurantes águas das termas — fontes de saúde relativamente acessíveis — do que em remédios de nome complicado e prosaica literatura inclusa.

Vem isto a propósito de um anúncio há dias no jornal. *Comprimidos de PÓLEN de flores. Para os fracos e convalescentes, para defesa do organismo, para recuperação de energias.* Seguia-se ainda uma referência ao facto de o pólen ser um dos mais ricos alimentos da Natureza, pelo seu elevado teor em vitaminas e ácidos aminados.

Claro que quem redigiu o anúncio percebia decerto muito ou até muitíssimo de medicina, de farmacologia ou de ambas as coisas. Eu não. É talvez mesmo por isso que me parece que os comprimidos de pólen das flores deviam ser propostos sem mais nada. Isto, claro, se vissemos o referido anúncio de um ângulo puramente publicitário ou puramente humano. O que não é o caso. O anúncio de um remédio, mesmo que ele se chame pólen, dirige-se a doentes necessitados desse mesmo remédio.

Mas se assim não fosse? Pois bem, nesse caso competia-nos a nós — que beleza! — imaginar que íamos florir, rescender, estar em breve em pleno rejuvenescimento. Formidável, não? Uma fonte de juventude-jardim, todos os anos pela Primavera. Agora vitaminas e aminoácidos não! Para isso há os alimentos que comemos ou devíamos comer, os comprimidos que tomamos ou devíamos tomar. Pólen é outra coisa. Para quê tirar-nos com tão científicas e antipoéticas palavras a inesperada esperança de reflorir um destes dias?

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

CURSO

OPERADOR DE MÁQUINAS DE CONTABILIDADE NO CENTRO DE APERFEIÇOAMENTO PROFISSIONAL DO SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

Inscrições de 26 a 30 do corrente mês de Janeiro, na Avenida Duque de Loulé, 83-3.º, Telefones 59993 e 45712, todos os dias uteis, excepto aos Sábados, das 18,30 ás 23 horas.

O curso inicia-se em 19 de Fevereiro.

ELEVADORES
COMPORTEL

PREPARATÓRIO E LICEAL • INSTITUTOS
CRISFAL
AVENIDA DA REPÚBLICA, 83 E 52 • TELS. 77 90 47 - 76 96 20

RIBATEJO: SITUAÇÃO ESTACIONÁRIA

SANTARÉM, 24 — Mantém-se estacionária a situação criada pelas cheias no Ribatejo. Os campos oferecem um aspecto desolador e a água, que alagou muitas dezenas de quilómetros quadrados, inutilizou sementeiras e provocou prejuízos de elevada monta.

Continuam intransitáveis as estradas Ribeira de Santarém-Alcanhões, Pombalinho - Azinhaga, Santana-Valada, Vale de Santarém - Valada e Cruz do Campo-Valada

Toda a lavoura está grandemente afectada, acentuando-se a crise rural. Há cerca de um mês que os trabalhadores não encontram ocupação. De Benavente ao Arreplado, da Golegã a Valada, tudo é desolação.

As escalas hidrométricas, verificadas respectivamente ás 3, 6 e 9 horas, acusaram:

Vila Velha de Ródão, 8,70 metros, 8,70 e 8,60: Abrantes, 7,40, 7,50 e 7,47; Vila Nova da Barquinha, 6,10, 6,8 e 6,15; Santarém, 6,54, 6,55 e 6,52.

Na eventualidade da situação se agravar, permanecem de prevenção os Serviços Hidráulicos.

MINISTRO REBELO DE SOUSA

De Moçambique, onde se deslocara a fim de apresentar as suas despedidas como governador geral, regressou hoje a Lisboa o dr. Baltazar Rebelo de Sousa, ministro da Saúde e Assistência e das Corporações e Previdência Social.

Aguardavam-no os secretários de Estado da Saúde e Assistência e do Trabalho e Previdência, o subsecretário de Estado do Trabalho e Previdência, representantes dos ministros das Finanças e Ultramar, do secretário de Estado da Informação e Turismo e do subsecretário de Estado da Administração Escolar e o prof. Leite Pinto, presidente da Junta de Investigação Científica, entre muitas outras individualidades.

Em MIRA D'AIRE o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Comércio, 15.

Já não estão internados os emigrantes feridos no acidente de viação

CELORICO DA BEIRA, 24 — Os emigrantes portugueses, regressados de França, feridos num desastre de viação, na Estrada Nacional n.º 16 (a camioneta em que seguiam precipitou-se num lameiro), já não se encontram internados no hospital desta vila. Todos seguiram para suas casas: Mário Cardoso, natural da Guia, Pombal; Augusto de Jesus, natural da Guia, Pombal; Manuel Jesus Fernandes, natural da Guia, Pombal; Emília da Conceição Ferreira, natural de Porto de Mós, Leiria; Candido Ferreira Cecilio, natural de Porto de Mós, Leiria; Manuel Maria dos Santos, natural de Porto de Mós; Manuel dos Santos, natural de Mourisca, Pombal; José Carlos Torrada, natural de Castelhana, Pombal; Joaquim da Silva, natural do lugar do Monte, Monte Redondo, Leiria; Armindo Pedroso Domingos, natural do lugar do Monte, Monte Redondo, Leiria; José dos Santos Francisco, natural de Santa Ofélia, Leiria; Flogay Daniele, francesa.

HOMENAGEM

Promovido pelos funcionários do Município realiza-se no próximo dia 30, ás 21 horas, no restaurante Guizo, em Cascais, um jantar de homenagem aos srs. engs. António de Azevedo Coutinho e António Castello Branco, respectivamente, presidente e vice-presidente da Camara Municipal de Cascais.

Inscrições até ao dia 28, pelo telefone 28 08 61.

Cadáver na margem do rio Minho

LA GUARDIA (Espanha), 24 — (A. N. I.) — O cadáver do português Jaime Azevedo dos Rios, natural de Vila do Conde, Portugal, e ali residente, foi encontrado ontem na margem do rio Minho, próximo de La Guardia, na província de Pontevedra.

«SEMANA DE ENGENHARIA ELECTROMECÂNICA»

NO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO

Os aluos finalistas de Engenharia Electrotécnica e Engenharia Mecânica vão realizar, de 29 de Janeiro a 6 de Fevereiro, nas instalações do Instituto Superior Técnico, uma «Semana de Engenharia Electromecânica.»

Com esta iniciativa os seus organizadores pretendem contribuir para uma melhor informação dos estudantes sobre problemas de grande importancia da vida técnico-económica da Nação, bem como debater problemas do ensino superior.

Por outro lado, há a intenção de proporcionar aos engenheiros já formados e a industriais uma oportunidade de encontro para troca de ideias e de experiências.

O programa da «Semana» consta de uma exposição industrial, de uma série de colóquios e de sessões de filmes didácticos.

Os colóquios programados são os seguintes: dia 29, ás 17 e 45, «Condicionamento industrial e outras medidas de protecção á industria. Vantagens e inconvenientes. Dimensões do mercado e estrutura tecnológica da empresa»; dia 30, ás 17 e 45: «O problema do automóvel português Análise do conteudo do Decreto n.º 41 104. Desenvolvimento de uma industria automóvel portuguesa»; 2 de Fevereiro, ás 17 e 45, «A industria electrónica em Portugal. Suas possibilidades de progresso e expansão»; 4 de Fevereiro, ás 17 e 45: «Estágios: discussão da sua validade, interesse no momento presente. Propostas concretas para uma relação dinâmica Universidade - Empresa»; 5 de Fevereiro, ás 17 e 45: «Propostas concretas de temas para cursos Pós-Graduação tendo em conta as necessidades da industria e laboratórios de investigação em Portugal»; 6 de Fevereiro, ás 17 e 45: «Planeamento do ensino. Prospecção das necessidades de técnicos. Relação Ensino-Investigação: seu enquadramento num planeamento do ensino. Caso português.»

No dia 2 de Fevereiro, ás 10 e 30 realiza-se também uma conferência sobre «Marketing».

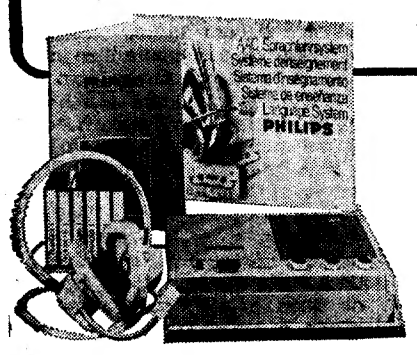
VENÇA NA VIDA POR SI PRÓPRIO

A Philips, sempre na vanguarda do Progresso, proporciona-lhe a aprendizagem de uma nova língua, em novos moldes.

Em sua casa, nas horas vagas, pode aprender ou aperfeiçoar, com um mínimo de esforço, a língua que deseje pelo moderno

MÉTODO AUDIO-ACTIVO-COMPARATIVO

DOS CURSOS DE LÍNGUAS PHILIPS E VISAPHONE



■ Cursos individuais com características de laboratório de línguas — o aluno conversa com o professor e corrige a pronúncia.

■ Seis línguas à sua escolha — Inglês, Francês, Alemão, Italiano, Espanhol e Russo.

■ Gravador LCH 1000 que, além de servir para o curso, pode ser utilizado como qualquer outro.

PARA QUAISQUER ESCLARECIMENTOS, DIRIJA-SE À

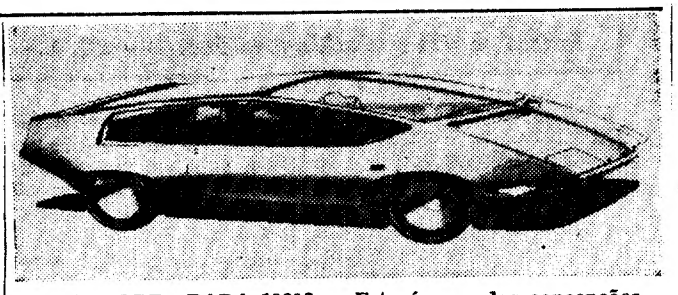
SECÇÃO DE EQUIPAMENTO EDUCACIONAL DA PHILIPS

AVENIDA DUARTE PACHECO, 6 — TELEFONE 65 45 21 — LISBOA

RUA FERNANDES TOMÁS, 760-764 — TELEFONE 27 44 7 — PORTO

OU NOS AGENTES ESPECIALIZADOS:

ABRANTES: Isidoro & Sousa, Lda.
AVEIRO: Moreira & Moreira, Lda.
BARREIRO: Américo, Rodrigues & Seruca
BRAGA: Centro Comercial Bracarense
CASTELO BRANCO: Manuel F. Cantero
CHAVES: Castro Lopo & Filhos, Lda.
COIMBRA: J. Trindade, Lda.
COVILHÃ: João dos Santos Luiz
FAMALICÃO: A. Sousa Lopes
FARO: José Guerreiro Martins Ramos
GUARDA: Amilcar & Grilo, Lda.
LEIRIA: Electro-Liz, Lda.
PORTO: Melo & Santos, Lda.
SETÚBAL: Amadeu da Silveira Guedes
SINTRA: Tele-Sintra
VIANA DO CASTELO: Electro-Citânia



UM «FORD» PARA 1980? — Esta é uma das concepções de «automóvel» para a próxima década, segundo os estilistas do departamento da «Ford» de Dunton (Essex). A carroçaria será em fibra de aço e vidro, com linhas acentuadamente aerodinamicas. O carro não terá pára-choques, sendo estes substituidos por dispositivos de absorção da energia nas colisões, bastante mais eficazes

Sigmund Brueckmann: Dez anos a «fazer a barba» aos portugueses

Ele veio da Alemanha com entusiasmo e, sobretudo, com coragem. Desembarcou em Lisboa exactamente a 23 de Janeiro de 1960. Vinha ocupar o cargo de conselheiro comercial da Companhia Gillette em Portugal. Como hoje ainda recorda: «Seis horas e meia depois de aqui chegar realizei a primeira conferência no meu fraco português. Será difícil saber se os meus vendedores compreenderam o que eu queria transmitir-lhes».

Seis anos mais tarde, a 1 de Abril de 1966, constituía-se em Lisboa uma nova empresa comercial: a Gillette Portuguesa, Lda. — Director: Sigmund Brueckmann.

No momento presente, a Gillette Portuguesa dispõe de 21 vendedores e o mercado português foi completamente remodelado, mercê dos estudos realizados para o efeito. Na realidade, Sigmund Brueckmann percorreu os mais remotos recantos de Portugal, fazendo viagens que totalizaram 350 mil quilómetros e ficando, por isso, a conhecer o País em todas as direcções.

Com coragem, e principalmente com amor, através destes dez anos Sigmund Brueckmann aprendeu a conhecer, a admirar, a gostar dos portugueses. Hoje, pode dizer-se é um grande amigo do nosso País. Apesar de a Gillette, por várias vezes, lhe haver oferecido cargos directivos noutros pontos do mundo tem, preferido continuar entre nós. Gosta do ambiente, da tarefa realizada de que já pode orgulhar-se. E nas horas vagas faz escultura em madeira. Com talento — dizem. Ele sorri.

Ontem, pontualmente ás cinco da tarde, muitos «tiros» de garrafas de «*champagne*» assinalaram dez anos de magnífica actividade e, pode dizer-se, de «bem escanhoadas vitórias». Sigmund Brueckmann viu á sua volta todo o pessoal da Gillette Portuguesa.

Nota original, talvez inédita: em vez da tradicional salva de prata, os colaboradores do director da Gillette Portuguesa ofereceram-lhe uma lâmina de barba — mas de oiro. Palmas, flores, palavras risonhas, e um pouco de emoção á mistura, assinalaram a data em que se completam dez anos de permanência no nosso País de um homem que, com entusiasmo e coragem, faz ainda hoje a barba aos portugueses.

Evocação de Alves Redol no 1.º acto

Como já noticiámos, o «1.º Acto — Clube de Teatro», á Rua Fernando Augusto pedroso, em Algés, realiza esta noite, às 21 horas, um serão evocativo de Alves Redol.

Além de gravações e de um filme com apontamentos sobre o autor de «Barranco de Cegos», haverá um comentário por Mário Ventura Henriques, a leitura de um artigo de José Cardoso Pires (ausente em Londres) e de textos de Alves Redol. A evocação, que é também uma homenagem á memória do malogrado escritor, terminará com a leitura de poemas da autoria de José Carlos de Vasconcelos, Mário Castrim, Fernando Assis Pacheco e José Carlos Ary dos Santos, declamados por este último.

Técnico israelita de assuntos de marinha vem falar a Portugal

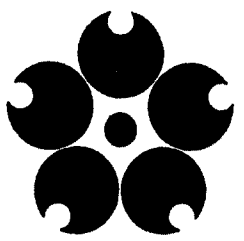
A convite do Grémio dos Armadores da Marinha Mercante, chega a Lisboa, no dia 2 de Fevereiro, o dr. Arye Perlberg, técnico em assuntos da marinha mercante e de mão-de-obra marítima.

O dr. Arye Perlberg, que é professor do «Technion — Israel Institut of Technology» de Haifa, proferirá uma conferência sobre as matérias da sua especialidade, no dia 4 de Fevereiro, ás 18 horas na sala do Palácio Foz, á qual assistirão o ministro da Marinha e entidades interessadas naqueles problemas.

ポルトガル海外銀行

(BANCO NACIONAL ULTRAMARINO)

Preparámo-nos, devidamente,
para o perfeito desempenho
da nossa actividade
no Pavilhão de Portugal
na Feira de Osaka
(Março a Setembro de 1970)
onde prestamos,
ao público japonês,
informações financeiras sobre Portugal.
Também estamos ao seu dispor
para quaisquer contactos
com o Comércio e Indústria japoneses.



ESTA SEMANA NA CINEMATECA

O PRESIDENTE, de Carl T. Dreyer

TÍTULO ORIGINAL — «Praesidenten».
REALIZAÇÃO — Carl Theodore Dreyer, 1919 (Dinamarca).
ARGUMENTO — Carl Th. Dreyer, segundo um romance de Karl-Emil Frankos.
FOTOGRAFIA — Hans Vaage; cenários e montagem: Carl Th. Dreyer.
INTÉRPRETES — Halvard Hoff, Elith Pio, Carl Meyer, Olga Raphael-Linden, etc.

Iniciou-se na Cinemateca Nacional mais um ciclo retrospectivo, desta feita dedicado á obra de Carl Theodore Dreyer, um dos mais importantes cineastas da cinematografia mundial e certamente o maior realizador dinamarquês de sempre. A retrospectiva principiou projectando-se o filme com que Dreyer se estreou no cinema: «O Presidente», obra datada de 1919 e onde são já visíveis, ainda que de forma embrionária, os temas caros ao autor e até os rudimentos de um estilo pessoalíssimo que fazem de Dreyer um homem inteiramente isolado na história do Cinema.

De poderosa luminosidade (invulgar no cinema da época), de um gosto neoclássico no enquadramento, de uma majestosa serenidade expositiva, de uma secreta e muito densa sensibilidade e pudor, Dreyer fez de «O Presidente» uma obra rica de sugestões, que uma montagem movimentada e rápida (vertiginosa mesmo, quando situada no período a que pertence) permite colocar ao lado das mais inspiradas criações cinematográficas da década de 1910-1920, que está na base de uma estética fílmica própria, definidora de um ritmo narrativo específico e de uma certa respiração plástica do enquadramento.

História vagamente inspirada no Griffith de «Intolerancia» (que irá influenciar ainda muito mais o filme seguinte de Dreyer, «Páginas do Livro de Satanás»), «O Presidente» narra-nos a vida de uma família dinamarquesa, cujos problemas amorosos passam de pais para filhos, repetindo injustiças e intolerancias. O filme abre quase com um *flash-back* (seguramente dos primeiros da história do cinema), através do qual um pai conta ao filho a desventura do seu nascimento, fruto de uma ligação entre extractos sociais diferentes. O filho jura nunca mais permitir tais coisas, mas acaba ele mesmo apaixonado por uma criada a quem engravida, mas com quem não casa. Alguns anos depois, numa altura em que toda a cidade o homenageia na sua qualidade de íntegro juiz, o presidente descobre que terá de julgar por infanticida a sua própria filha. Resolve fugir com ela, mas regressa sózinho, entregando-se ás autoridades para que o condenem. Estas, porém, prevendo o escandalo, resolvem arquivar o processo e o presidente irá terminar os seus atormentados dias suicidando-se. Este esquema permite a Dreyer desenvolver algumas das ideias chaves do seu cinema: o amor, a intolerancia, a justiça e a sua falibilidade (aliada á clausura e ao tribunal), a morte (curiosa é a permanência de uma certa imagética liturgica que a camara-ardente sugere), o contacto com a natureza, a sua poderosa simpatia para com os animais (que pautam toda a acção deste «Presidente»), etc.

Em complemento exibiu-se uma muito significativa curtat metragem do mesmo autor, datada de 1947, «A Igreja Rural», onde a beleza de algumas imagens chega a ser ofuscante de intensidade dramática e luminosidade.

LAURO ANTÓNIO

RESTAURANTE
Folclore
RUA NOVA DA TRINDADE - 22 A - LISBOA

REABRE EM 2 DE FEVEREIRO DE 1970
PREÇOS FIXOS
Cozinha Portuguesa
Artesanato
O mais completo espectáculo de FOLCLORE NACIONAL, com os seguintes artistas exclusivos:
Arminda Vidal
Fernanda Guerra
Lídia Ribeiro
Marina Rosa
Américo Lima
António Chaíno
Fernando Ribeiro
José Maria Nóbrega
«OS TRÊS DE PORTUGAL»
e ainda:
3 músicos
e 17 Dançarinas e Dançarinos
sob a orientação do ensaiador-coreógrafo
António Gonçalves
(M. 12 anos)
Telefones 35007-323406-324005
ABERTO DAS 20 AS 2

Pensão Monumental
(Restauradores)
Magníficos aposentos
Serviço de bom hotel.
Rua da Glória 21
Tel. P P C. 36 98 07

HOJE, às 20.45 e 23 h., no ➧ MARIA VITÓRIA
Enorme êxito da revista:

JOSÉ VIANA e MARIEMA
o hilariante numero «Os Marchantes»

ESPERTEZA SALOIA
ADULTOS
O triunfo de um óptimo elenco, com:
● SALVADOR ● JOSÉ VIANA
● MARIEMA ● BARROSO LOPES ● DORA LEAL
E AS ATRACÇÕES:
● HELENA TAVARES
● «THE MELODIES»
● AMANHÃ, «MATINÉE», ÀS 16 HORAS ●

TIVOLI
ÀS 18 E 30
DIAS 28, 29 E 30
DE NOVO O MAIS NOTÁVEL ÊXITO DE 1969
«AMANHÃ DIGO-TE POR MÚSICA»
PELO
GRUPO 4
ENCENAÇÃO DE FERNANDO GUSMÃO
DESCONTO DE 50% A ESTUDANTES
ANOS M/ 17

RIA BARATÍSSIMO!
RIA POR $17 CADA MINUTO
ECONOMIZE VENDO

ADULTOS
O VISON VOADOR
COM
RAUL SOLNADO
Io Apoloni ● Artur Semedo ● Fernanda Borsatti ● Vasco de Lima Couto ● Yola ● David Silva ● Georgina Cordeiro ● Rolando Alves ● Maria e colaboração de Maria Paula
IO APOLONI, ARTUR e RAUL no momento da peça em que o vison voa e deixa IO nesta «alegre figura»
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
● HOJE 2 SESSÕES, ÀS 21 H. E ÀS 23 HORAS ● DOMINGO, «MATINÉE» AS 16 HORAS ●

fundação calouste gulbenkian
música barroca para órgão
SÉ CATEDRAL
Amanhã às 16,30 h.
RECITAL PELO ORGANISTA
PIERRE COCHEREAU
com a colaboração do trompetista
ROGER DELMOTTE
Obras de Torelli, J. G., Walther, J. S. Bach, Stradella, Purcell
PREÇOS: 10$00 e 5$00 ● 50% de desconto aos estudantes ● Bilhetes à venda, hoje na Fundação Gulbenkian e amanhã na Sé
— Para maiores de 6 anos —

OFERTA ÚNICA
TRÊS OBRAS DE LUXO AO PREÇO DAS SÉRIES DE BOLSO

esplêndidas obras para a sua biblioteca

ESTES TRÊS VOLUMES ENCADERNADOS
COURO VERDADEIRO
OFERTA LIMITADA A UMA SÓ REMESSA POR LAR
PARA ENCADERNAÇÕES DE LUXO SÓ O COURO
TÍTULOS E MOTIVOS EM OURO E PÚRPURA PRENSADOS A QUENTE AO BALANCÉ - INÚMERAS ILUSTRAÇÕES EXTRA-TEXTO - PAPEL "PLUMA" DE LUXO
SÒMENTE POR 147$50 OS TRÊS
PORQUÊ ESTA OFERTA ANORMAL
OBTER 3 LIVROS ENCADERNADOS EM COURO VERDADEIRO, PROFUSAMENTE ILUSTRADOS, NESTAS CONDIÇÕES, SEM OBRIGAÇÃO ALGUMA DE COMPRA POSTERIOR, É TALVEZ UMA COISA NUNCA VISTA. TRATE DE APROVEITAR. AO OFERECER ESTE VERDADEIRO PRESENTE, OS AMIGOS DO LIVRO, EMPRESA LIGADA À MAIS FORTE ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE AMADORES DO LIVRO, ESPERAM CHAMAR A SUA ATENÇÃO, NÃO SÓ PARA O VALOR LITERÁRIO DAS EDIÇÕES, COMO TAMBEM PARA A SUA ALTA QUALIDADE E APRESENTAÇÃO. V. SERÁ MANTIDO, DE FUTURO, AO CORRENTE DAS NOSSAS ACTIVIDADES, MAS NÃO CONTRAIRÁ QUALQUER OBRIGAÇÃO AO APROVEITAR ESTA OFERTA ÚNICA NA HISTÓRIA DO LIVRO. DADO O IMENSO INTERESSE QUE IRÁ SUSCITAR ESTA NOSSA OFERTA, VAMOS RECEBER UMA AVALANCHE DE PEDIDOS. OS PRIMEIROS A RESPONDEREM-NOS SERÃO, EVIDENTEMENTE, OS PRIMEIROS A SER ATENDIDOS.
MAIS APAIXONANTES que o melhor romance policial, visto serem compostos por episódios verdadeiros.
AMIGOS DO LIVRO
PARIS
BRUXELAS
GENEBRA
LISBOA
MADRID
MILAO
MONTREAL
1º VOL. OS GRANDES ENIGMAS DA GUERRA SECRETA
Os episódios mais decisivos e mais estranhos da guerra na sombra: Estará o chefe da Abwher a soldo da Inglaterra? Terá a Máfia ganho a guerra na Sicília? O inimaginável caso Cícero. A verdade sobre o caso King Kong.
2º VOL. MAO TSÉ-TUNG
A longa marcha até ao Poder, plena de peripécias, de dramas, de aventuras sangrentas ou gloriosas... Os primeiros tempos em Pequim, a luta clandestina, a proclamação da República Popular da China, a ruptura com Moscovo... A bomba atómica chinesa. Mao Tsé-tung em breve chefe de um bilião de [illegible] proclamação do seu herdeiro.
3º VOL. A AMÉRICA FACE AOS GANGS
V. descobrirá Chicago dos anos vinte e trinta, a proibição, a actividade dos "gangs", Sindicatos do Crime, políticos corruptos... Al Capone, Jim Colosimo, Dillinger, são os personagens desta história verdadeira do banditismo, mais apaixonante que o melhor romance policial.
CUPÃO-ENCOMENDA a enviar a Amigos do Livro - Editores, Lda. - - Rua Azedo Gneco, 56 - Lisboa - 3
Queiram enviar-me à cobrança os 3 volumes encadernados em couro. Liquidarei 147$50 mais 9$00 de portes e embalagem.
Se as obras não me agradarem serei reembolsado do preço - 147$50 - devendo fazer a sua devolução dentro de 8 dias.
NOME:.....
ENDEREÇO:.....
ASSINATURA:..... D. L.

MÉRITO INEGÁVEL TEM O ACTUAL «SHOW» DO CASINO ESTORIL

Numa época em que os empresários, por via de regra, procuram manter o mais possível no cartaz os seus espectáculos, em busca de uma economia que lhes permita fazer face, mais desafogadamente, ás inevitáveis despesas com as caras atracções da quadra carnavalesca, o Casino Estoril, sem olhar a encargos, apresenta um novo «show», mesmo sabendo-se de antemão que a empresa prepara, para os bailes de Entrudo, um programa recheado de autênticas «vedetas» de nível internacional. Chama-se a isto consciência profissional, e respeito pelo publico — conjunto de qualidades tão raras no nosso meio artístico que justo se torna referi-las e exaltá-las quando as topamos.

Graças a esta linha de rumo, em matéria de «music-hall», o Casino Estoril coloca-se, assim, a par dos seus congéneres europeus que não enjeitariam apresentar Cecile Deville, cançonetista francesa de categoria mundialmente reconhecida; Galli Galli, um dos mais famosos nomes do ilusionismo internacional; Lídia Ribeiro, justamente considerada das mais representativas artistas portuguesas; e o conjunto «Starlight», em que a beleza plástica das bailarinas se casa maravilhosamente com o recorte modernista das coreografias apresentadas.

Este simples enunciado funciona como nota de apreço, pois não vale a pena somar adjectivos a nomes que o publico sobejamente conhece e aprecia, como é o caso de Cecile Deville e de Lídia Ribeiro. Uma referência especial, porém, é devida a Galli Galli, ilusionista egípcio que actua entre nós pela primeira vez. É positivamente fantástico, fazendo desaparecer objectos com a mesma facilidade que, hoje em dia, uma dona de casa faz desaparecer notas de cem escudos quando vai á mercearia. O publico fica justamente espantado com a rapidez das mãos voadoras de Galli Galli, das quais saem, em catadupas, pintainhos vivos, tirados dos sítios mais incríveis, nomeadamente de dentro do fato de um espectador.

Se somarmos a tudo isto a presença constante da musica da orquestra de Ferrer Trindade, da Filarmónica Fraude e do conjunto de Juan de Aiza, reconhecemos sem esfôrço o inegável mérito do espectáculo diáriamente apresentado pelo Casino Estoril. Diga-se, em abono da verdade, que essa é também a opinião dos seus frequentadores.

CAPITÓLIO
HOJE, ÀS 16 E ÀS 21.45 H.
O GRANDIOSO ÉXITO DO MOMENTO
«O CRAVO ESPANHOL»
de Romeu Correia
M 17 anos Tel. 32 03 79

ÓPERA EM S. CARLOS

«ARIANA EM NAXOS»

Para inauguração de mais uma temporada lírica do Teatro de São Carlos, não tivemos um dos pratos fortes do repertório mais habitual nem uma ópera faustosa ou de grande espectáculo. Mas sim: *Ariana em Naxos*, de Ricardo Strauss. Neste cometimento o compositor (em íntima colaboração com o seu libretista Hugo von Hofmannsthal) procurou, no plano cénico como no musical, reatar com determinados aspectos típicos do barroco (nomeadamente através da mistura ou oposição de elementos muito dispares (estilísticos, ambienciais ou mais ou menos anedoticos) — através, porém, de uma relativa singeleza de meios. A partitura é mesmo uma das mais «despojadas» e de orquestração mais transparente de quantas saíram da pena do autor, se bem que na sua linguagem se sinta fortemente o peso da herança novecentista. Isto não impede que *Ariana em Naxos*, que surgiu na segunda década do presente século, fique para a história como uma significativa e corajosa tentativa de reacção contra os exageros do «drama lírico» wagneriano e o emocionalismo violento ou as orgias sonoras tão em voga na época.

O espectáculo de ontem poderia, pois, constituir uma excelente ocasião para avaliarmos, por assim dizer vivencialmente, o impacto que a obra, volvidos mais de cinquenta anos sobre o seu aparecimento, produz no público dos nossos dias. Mas há que reconhecer que se perdeu, em grande parte, tal ensejo. Não tanto pelo que se refere á montagem cénica, que foi correcta («régie» sem rasgos, mas cuidada, de Haberland e cenários funcionais de Alfredo Furiga), ou á realização orquestral (de uma maneira geral aprumada, a cargo do maestro Friedrich Pleyer, á frente da Sinfónica da Emissora Nacional); mas por culpa dos cantores, ou de muitos deles. De facto, estivemos bem longe de uma parada de vozes bonitas, a começar por Bella Jasper («Zerbinetta»), que não se mostrou ao abrigo de notórios desajustes de afinação e cuja técnica deixa a desejar, e pelo tenor Eugene Tobin («Baco»), e sem esquecer os elementos masculinos que se encarregaram de personagens típicas da «comedia dell'arte» (excepção feita a Álvaro Malta) e as acompanhantes de Ariana... .

Claro que não há que medir tudo pela mesma bitola. Irmgard Stadler impôs-se inegávelmente por predicados vocais (qualidade do timbre e técnica desenvolvida), assim como pela musicalidade e bom sentido interpretativo. E quanto a Teresa Stich-Randall, apesar de já no declínio, ainda evidencia a «classe» de uma artista fora de série.

Em resumo: uma récita que, devido ás frouxidões de vários cantores não ultrapassou o nível médio.

É pena: pois duas intérpretes da envergadura de Irmgard Stadler e Teresa Stich-Randall mereciam mais...

Antes de se iniciar a representação, o novo director do Teatro de São Carlos, dr. João de Freitas Branco, recebido com uma prolongada salva de palmas, mal surgiu no proscénio, pediu um minuto de silêncio de homenagem á memória do seu antecessor, recentemente falecido, dr. José Duarte de Figueiredo, no que foi seguido imediatamente por todos os presentes.

NUNO BARREIROS

Teatro Maria Matos
BREVEMENTE
Em teatralização de Sttau Monteiro e Artur Ramos
A RELÍQUIA
EÇA DE QUEIROZ
Uma nova produção de IGREJAS CAEIRO
(ADULTOS)

NO TEATRO VARIEDADES T. 32 60 37
HOJE e todas as noites, às 20.45 e 23 h.
AMANHÃ: «matinée» às 16 horas
ADULTOS
A REVISTA POPULAR DE GRANDE ESPECTÁCULO
2.º MÊS
PEÇO A PALAVRA!
RIA COM
AIDA BATISTA ● CARLOS COELHO
ELOINA ● SPINA
MAX ● ANITA GUERREIRO
V. ESPADINHA ● M. FRANCO
e a atracção nacional
ANTÓNIO CALVÁRIO
á frente de um grande elenco
Um sensacional «BALLET» internacional
António Calvário em «Nazaré»
Um produção de GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO

Pela primeira vez em Portugal
HANDY
apresenta
MÓVEIS METÁLICOS
de bom gosto
e bom preço
SECRETÁRIAS
ESTANTES
CADEIRAS GIRATÓRIAS
BALCÕES
VESTIÁRIOS
Linhas modernas e funcionais. — Entregamos nas datas combinadas
PEDIDOS A
HANDY PORTUGUESA, LDA.
PORTO — RUA DA CONSTITUIÇÃO, 863 — TELEFONE 493883 — 494026
AGUEDA — APARTADO 25 — TELEGR. «HANDY» — TELEFONE 64131
LISBOA — AV. ANTONIO AUGUSTO DE AGUIAR, 38-A — TELEF. 562011/2 — 551157/8 — BRAGA - R. ENG. ARANTES E OLIVEIRA, 455 — S. JOÃO DA MADEIRA - AV. BENJAMIM ARAÚJO, 196
FABRICANTES DA FAMOSA GAMA DE
CANTONEIRA PERFURADA E TUBULAR E
PRANCHA METÁLICA

— Senhor vidraceiro: vimos propor-lhe um pequeno negócio que fará aumentar a sua clientela...

— É o director dos Serviços Meteorológicos...

— Mas se não gostas de lavar a louça por que diabo te casaste, Afonso?

O parceiro que faltava

ACADEMIA PORTUGUESA DE HISTÓRIA

Reuniu-se, sob a presidência do prof. dr. Damião Peres, secretariado pelo dr. António Rodrigues Cavalheiro, a assembleia dos académicos de numero da Academia Portuguesa da História. Foram eleitos académicos correspondentes os drs. Luís Ribeiro Soares, Francisco José Caeiro, Isaías da Rosa Pereira e Manuel Luís de Macedo Faria dos Santos, portugueses, e dr. João Camilo de Oliveira Torres, brasileiro.

CINEMA SÃO JORGE

«O Salto» inicia o ciclo «A Responsabilidade na Vida» amanhã às 11 horas

Como já noticiámos, o Cinema São Jorge vai promover, a partir de amanhã (e quinzenalmente, aos domingos, ás 11 horas) sessões de «Cinema de Qualidade».

Numa primeira fase, foram seleccionados quatro filmes, que, pelo seu invulgar interesse e linha de orientação, formam um ciclo: «A Responsabilidade na Vida». Teremos, assim: «O Salto» (A responsabilidade na promoção humana); «Um Homem para a Eternidade» (a responsabilidade na Justiça); «No Calor da Noite» (a responsabilidade na imposição da Lei); «A Palavra» (a responsabilidade na opção).

Estas sessões têm o patrocínio do C. C. C., e o preço dos bilhetes é, francamente, acessível a todo o público. Os sócios do C. C. C. têm entrada facilitada.

NOVA LIVRARIA

Abriu, esta tarde, as suas instalações uma nova livraria no popular bairro de Campo de Ourique, cujo desenvolvimento é constante. A população ledora daquela área fica, assim, com um novo centro de irradiação intelectual e mercado do livro.

A Livraria Ler, situada na esquina das ruas de Infantaria 4 para a de Almeida e Sousa, tem como gerente o conhecido técnico livreiro sr. Luís Mendes Alves.

A gerência oferece uma recepção a numerosos amigos e a conhecidas personalidades do bairro de Campo de Ourique.

AMÁLIA NO LÍBANO

Amália Rodrigues apresenta-se em Beirute (Líbano) no próximo dia 4 de Fevereiro. Depois, por contratos já firmados, estará no Canadá, nos Estados Unidos da América do Norte e no México.

Entretanto, a popular intérprete prepara um «LP» em que cantará fados e folclore, acompanhada pela orquestra dirigida por Joaquim Luís Gomes, com a colaboração dos guitarristas Fontes Rocha, Raul Nery, Júlio Gomes e Joel Pina.

A Lisbanar, hoje uma das mais importantes fábricas de pronto-a-vestir feminino, realizou uma passagem dos seus ultimos modelos no Hotel Tivoli. O acontecimento revestiu-se dum interesse excepcional por esta fábrica — agora integrada no Grupo Sepulchre — se ter especializado na confecção de vestuário que, embora produzido industrialmente, conserva todas as características do vestuário individualizado. Esta característica explica o interesse que o acontecimento despertou entre os proprietários das «boutiques» de Lisboa e o elevado numero das pessoas que assistiram a esta passagem de modelos

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Uma nova dimensão à sua escolha
ami8 Break ou Berline
CITROËN

Mayona
maionese deliciosa
leve, leve, leve...
... porque é feita com Óleo de Girassol Nuxo! (Este é um segredo impossível de imitar).
Com MAYONA pode fazer agora belas guarnições, transformando os alimentos mais simples em pratos requintados. Peixe, mariscos, saladas, sanduíches e molhos, ràpidamente ficam mais atraentes e gostosos.
MAYONA é prática — está sempre pronta para quando é preciso!
em tubos de 170 g • só nos bons estabelecimentos • distribuição diese

A LOTARIA DE ONTEM

Paulatinamente, as nossas lotarias continuam a distribuir muitos milhares de contos. Embora os serviços oficiais respeitem o desejo de anonimato da generalidade dos premiados com grandes fortunas, são os próprios conhecidos, amigos e familiares desses contemplados que divulgam discreta embora não menos eficientemente, tais casos, explicando a subida dos valores das lotarias. Ontem, num sorteio semanal, subiu a oito milhões e cem mil escudos o total de prémios. O n.º 10 611 foi contemplado com os 4200 contos da «taluda» e aos n.ºs 17 578 e 43 893 couberam os 2.º e 3.º prémios — 420 e 240 contos, respectivamente.

Idêntica á de ontem é também a lotaria da semana próxima. A seguir teremos a lotaria do Carnaval que, pela primeira vez, oferece um prémio maior de 8000 contos.

AZEITE: UM PROBLEMA EM DEBATE

O «lotado corrente» era mais barato do que os próprios óleos vegetais

• O mal não será resolvido pela importação de azeite

O problema do azeite lotado corrente parece estar à beira de uma pequena polémica entre os nossos leitores. Com efeito, após duas intervenções (do sr. Rui da Silva Rodrigues, da Ericeira, e do sr. C. Castro Lopes, de Algés), entra na discussão o sr. Manuel António de Vasconcelos, com aquilo que ele chama «um pequeno comentário à carta do sr. Rodrigues».

Escreve o sr. Manuel António de Vasconcelos:

«Diz o autor, em resumo, que, por o azeite embalado e vendido no mercado interno não oferecer garantias de qualidade, deveria ser autorizada a venda do «lotado corrente» que, sem interesses são de certo modo irrelevantes. A justa solução dos problemas agrícolas do nosso País e a justa rentabilidade dos in- também atingir as características desejadas para o azeite puro, era pelo menos mais barato cerca de 8$00 por litro, com o que não posso estar de acordo.

«Se, como o sr. Rodrigues afirma, houver, de facto, motivos para duvidar da qualidade do azeite que compramos nas mercearias, só há, quanto a mim, que pedir a rápida intervenção das entidades competentes, ordenando uma fiscalização rigorosa junto dos armazenistas, distribuidores e retalhistas, no intuito de pôr cobro a tal situação: mas voltar ao «lotado corrente» isso é que nunca, pelos motivos que passo a expor:

«1.º — Porque, recorrendo-se a tal via, não se melhoraria a qualidade do produto, nem se evitariam fraudes, se é que as há;

«2.º — Porque qualquer apreciador da mistura (se é que os há também), poderá fazer o lote em casa a seu belo gosto, comprando azeite e óleo para tal fim;

«3.º — Porque a importação de óleo do estrangeiro (a produção nacional é insignificante), agravaria a economia nacional;

«4.º — E porque — o que é o mais importante, quanto a mim — tal situação viria a abreviar a ruína dos olivicultores.»

Por sua vez, o nosso leitor António Julio Proença procura fazer uma síntese do problema, numa carta em que afirma:

«Fundamentalmente parece que o problema consiste em haver ou não um regresso à mistura legal do azeite com óleo conhecida por «lotado corrente».

«Se V. permite, eu ouso admitir que o assunto tem estado a ser discutido de uma forma demasiado simplista. Com efeito, se é justo ter em conta os interesses da Lavoura e da Indústria, a verdade é que para o consumidor esses vestimentos feitos na Indústria nada têm a ver com o poder aquisitivo do consumidor nem com a saúde pública.

«É evidente que numa economia sã todos estes aspectos estão interligados. O sr. Presidente do Conselho tem repetidas vezes afirmado nas suas alocuções pela Televisão que se a um aumento de salários corresponder uma subida de preços nos bens de consumo, esses aumentos não só se tornam ilusórios como a nossa economia entrará em franca inflação. Ora o que está a acontecer com o azeite é exactamente isso: comercializa-se hoje azeite em certas regiões do País a 35$00 o litro, por força da lei da oferta e da procura. De facto não há azeite suficiente, o que entusiasma os menos escrupulosos a especular com os preços, constando até que aumentam a quantidade da mercadoria através de uma mistura não fiscalizada.

Não se trata de «legalizar uma fraude» como diz o sr. C. Castro Lopes na carta a V., pois nunca foi legal misturar um óleo semi-refinado no azeite. E nunca foi bom para a saúde publica ingerir qualquer óleo por refinar: que se saiba os unicos óleos que podem ser, sem perigo, tomados virgens são o azeite própriamente dito e o óleo de palma.

«Não se trata também de defender o óleo A, B ou C, pois no nosso mercado existem livremente à venda ao publico pelo menos cinco ou seis óleos diferentes, desde o girassol ao amendoim passando pelo cártamo e óleo de milho, todos eles bastante bons e industrializados por empresas diferentes.

«O que é pena é que se por um lado se admite que a existência legal de um lotado fiscalizado resolveria o problema do abastecimento, por outro pretende-se não acreditar que os negociantes desse azeite lotado fossem capazes de cumprir a lei. Quer dizer: o que está em causa não é a utilidade de um regresso ao lotado corrente mas sim a idoneidade das pessoas. É triste que assim seja, mas parece ser esta a ilação.

«A sugestão do sr. C. Castro Lopes para que os consumidores façam o lotado nas suas próprias casas não anula a mistura não-fiscalizada, que tudo leva a crer que já exista no aezite. Na realidade o consumidor estaria a pagar ao preço do azeite puro uma mistura que seria novamente lotada com óleo. Esta é de facto a realidade que o consumidor quereria ver esclarecida.

«É já do domínio publico, pois a própria Secretaria de Estado do Comércio o anunciou e publicou, que a produção de azeite no nosso País é de cerca de 60 mil toneladas por ano, quando o consumo de óleos vegetais, incluindo azeite, é mais do dobro. Daqui infere-se que o azeite está automáticamente todo vendido pelo que não há perigo de excedentes para a Olivicultura. Se esta não é rentável — o que parece ser verdade — não é justo que seja o consumidor a sofrer as consequências nem o mal será resolvido pela importação de mais azeite, o qual, de resto, sabe-se vir misturado com um óleo. Não há dúvida ser um facto que pode e deve oferecer-se ao publico, uma gama de soluções gradativa de preços, pois são os factores preço e qualidade que verdadeiramente interessam ao consumidor. A verdade é que o lotado corrente era mais barato do que os próprios óleos vegetais.»

VIDA MUSICAL

Concerto no Trindade pela Banda da G. N. R.

Continuando a série de concertos organizados pela F. N. A. T., em colaboração com o Comando-Geral da G. N. R., a Banda de Música desta Corporação, dirigida pelo maestro capitão Silva Dionísio, realiza, amanhã, ás 11 horas, no Teatro da Trindade, o seu 5.º concerto dominical da presente temporada.

Fazem parte do programa as seguintes obras: «Abertura Festiva» (op. 96), de Chostakovitch; «Concerto em Dó Maior para duas Trombetas», de Vivaldi (solistas: primeiro-sargento Domingos Taneco e primeiro-cabo Jorge Taneco); «Os Planetas», de Holst (1.ª audição pela Banda); «Arco Íris» — fantasia popular de Duarte Ferreira; «La Revoltosa» (Prelúdio da Zarzuela) de Chapi; e «Capricho Espanhol», de Rimsky-Korsakow.

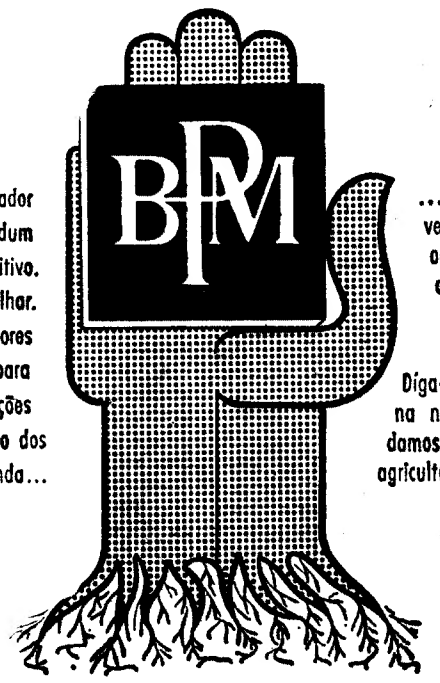
Concerto de órgão na Sé Catedral

A segunda manifestação artística integrada no ciclo de «Música Barroca para Órgão», que a Fundação Gulbenkian promove de Janeiro a Março deste ano, realiza-se amanhã, ás 16 e 30, na Sé Catedral de Lisboa.

Pierre Cochereau, célebre organista titular do Grande Órgão de Notre Dame de Paris, e o notável trompetista da Ópera de Paris, Roger Delmotte, são os artistas convidados para este concerto espiritual naquele Templo.

PIANOS
Verticais e de Cauda
Alugam-se
CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA & C.ª
RUA DO CARMO

-Crédito à Lavoura-
"uten$ílio" que fazia falta ao lavrador.



Só com um completo apetrechamento o lavrador moderno pode corresponder às exigências dum mercado cada dia mais competitivo. Nada poderá falhar. tratamentos a tempo, as melhores sementes, a aparelhagem para regas, as pornas, a compra de gado, as reparações de materiais e do casal, até à conservação dos produtos para aguardar época própria de venda...

...tudo envolve dispêndio para o qual muitas vezes o lavrador não está preparado. Foi para acorrer a essas necessidades urgentes que criamos o

CRÉDITO À LAVOURA

Diga-nos francamente o que pretende e confie na nossa vontade de o servir. Ajudando-o, damos um passo no desenvolvimento da nossa agricultura.

CRÉDITO À LAVOURA

MAIS UM SERVIÇO DA:

ORGANIZAÇÃO BANCÁRIA
PINTO DE MAGALHÃES

PORTO — RUA SÁ DA BANDEIRA, 53 LISBOA — RUA DO OURO, 95

AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E NO EXTERIOR

A posse do novo director do Instituto Superior Técnico

(Continuação da 1.ª página)

base ao referido inquérito, a promover por decisão do Conselho de Ministros.

O director cessante explica as razões da demissão

Em primeiro lugar usou da palavra o director cessante do I. S. T., prof. eng.º Almeida Alves que se referiu ao programa que desenvolveu nos 11 anos que ocupou o lugar, e explicou o motivo por que pediu a demissão — o qual se baseou, disse, num longo processo que se desenvolveu em torno de duas perguntas que fiz a mim mesmo».

«1.º — Partindo da hipótese de ser possível um professor, justificadamente ou não, faltar a 70 % das reuniões do Conselho Escolar, ou faltar a 70 % das provas de concurso e de doutoramento, ou faltar a 70 % das aulas que constam do seu calendário escolar, esse professor terá o direito de fazer críticas ou até mesmo elogios, á acção do Director?

2.º — Se essa hipótese se verificar, fará sentido falar-se em Reforma da Universidade?»

Revelou depois que sobre a essência deste processo tinha feito um relatório aprovado pelo Conselho Escolar, ao ministro da Educação Nacional, no qual se fazia «uma análise objectiva dos contrangimentos que condicionam o progresso do I. S. T.». E concluiu desejando grandes felicidades ao seu sucessor.

Finalmente, vai-se acudir à Universidade

— esperança manifestada pelo reitor Vasco Costa

O reitor da Universidade Técnica, orador seguinte, lembrou as palavras do novo ministro da Educação Nacional, prof. Veiga Simão, na abertura do ano escolar da Universidade de L. Marques, e acrescentou:

«Ascendeu o antigo reitor de Lourenço Marques a ministro da Educação Nacional. As palavras que já como ministro proferiu publicamente e em particular levam-nos a confiar em que, finalmente, se vai acudir á Universidade. A obra a empreender será árdua. Aos directores das escolas, mais ainda do que aos professores e alunos, se irá exigir trabalho. Mas ao trabalho, e ao trabalho intenso e envolvendo responsabilidade, está V. Ex.ª já habituado.»

O prof. Vasco Costa falou depois dos anteriores directores do I. S. T. e fez o elogio do prof. Fraústo da Silva como «técnico distinto», homem que «tem acompanhado o progresso científico e para ele tem dado contribuição valiosa», e que fiel á resolução dos problemas do ensino tem dado valioso contributo em diversos cargos.

«Aceitação tácita das vias de reformas»

O prof. Frausto da Silva principiou por agradecer as palavras do reitor Vasco Costa, cujo elogio fez, e pôs em destaque a obra de organização realizada pelo director assistente. Depois de lembrar que ocupara já outro lugar num serviço de interesse público «de importância fundamental» (o de presidente do GEPAE) salientou que «esse facto não deixará de ter sido devidamente ponderado por quem tem obrigação de decidir». E logo a seguir:

«E porque não há pessoas indispensáveis ou insubstituíveis, não posso eu deixar de associar esta nomeação a uma mudança da política universitária, implicando maior receptividade a novas ideias, maior abertura a novas correntes, aceitação tácita das vias de reforma que tenho defendido publicamente e que, decerto, não são ignoradas por quem de direito. Outra interpretação não consigo antever para o facto de sobre mim vir recair esta sobrecarga de responsabilidades, que não posso, no entanto, deixar de aceitar, quanto mais não fosse, por uma questão de coerência.»

Estruturas de ensino irremediávelmente ultrapassadas

Depois de se referir á «emoção» com que aceitava o lugar, o prof. Frausto da Silva realçou «que não se poderá pôr em duvida ser o I. S. T. um dos estabelecimentos universitários de maior importância no País» e fez diversas considerações sobre o Instituto e a previsão e a inovação tecnológicas.

«Se nos recordarmos de que a organização básica do Instituto data de 1911 e que apenas sofreu modificações, não muito profundas, em 1921 e 1955, forçoso será concluir que ou nada mudou desde então e continuamos a viver na era pré-industrial e social de há cinquenta anos, ou que as estruturas do nosso ensino se encontram irremediávelmente ultrapassadas.»

Ajustamentos de pormenor não rejuvenescem uma estrutura caduca

Sublinhou depois o orador que se em alguns cursos se atingiu «uma elevação e uma actualidade que não desmerecem dos conseguidos nas escolas congéneres», tal se deveu apenas á dedicação e iniciativa dos professores — «mas trata-se de iniciativas desordenadas, cuja eficiência se difui num horizonte cinzento de indiferença a todos os níveis». E, falando da vertiginosa evolução das técnicas e das ideias perguntou:

«Como é então possível admitir que os esquemas idealizados em 1911 se mantenham verdadeiros? Como é possível defender que simples ajustamentos de pormenor possam rejuvenescer uma estrutura caduca e impotente?»

«Uma função crítica da Universidade»

Depois de criticar a actual situação do nosso estilo de ensino, «informativo e enciclopédico», afirmou que não pretendia propor soluções mágicas: «mas uma via se abre desde já para as encontrar e essa é, perdoem-me a palavra gasta por tantos abusos, a do diálogo, a da participação plena, em que todos dão o seu contributo para a construção de hipóteses de trabalho».

Mais adiante:

«Advoga-se, assim, um tipo de ensino orientado para a obtenção de uma mentalidade crítica, pressupondo o fornecimento aos estudantes dos conhecimentos científicos, dos quadros culturais e dos dados humanos, capazes de os conduzirem a um processo de actuação lucido nas situações a que tiverem de fazer face. Reconhece-se, ao fim e ao cabo, uma *função crítica* da Universidade, com toda uma problemática de que a actual se encontra divorciada».

«A Universidade há-de dispor de liberdade»

O prof. Fraústo da Silva falou depois da «urgentíssima reforma do Instituto» como «tarefa prioritária do novo director». E a propósito: «Pensarão alguns que será um trabalho inutil, de antemão destinado a qualquer gaveta poeirenta das repartições competentes. Pois só será assim se nós quisermos, se não impusermos a nossa vontade, marcando de vez, a firme intenção de sair deste imobilismo anquilosante em que nos encontramos há tantos anos».

E após outras considerações o novo director do I. S. T. concretizou algumas das suas ideias:

«A Universidade como instituição há-de dispor de liberdade para orientar os seus próprios destinos. Tem de ser autónoma se a quisermos responsável, pois a responsabilidade é a contrapartida da liberdade» (...).

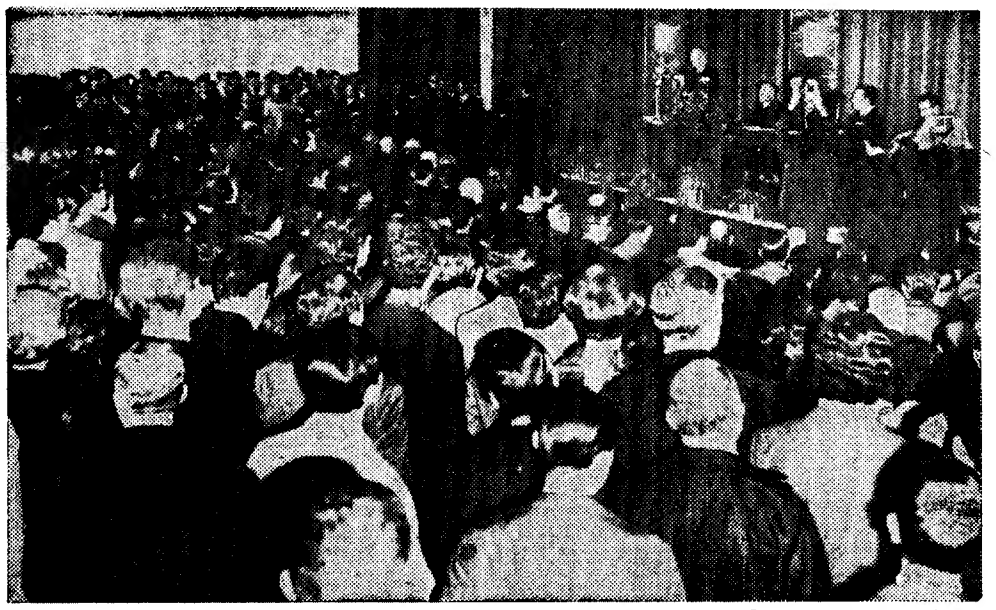
«Não se poderá aceitar que na Universidade, centro depositário de uma indefectível independência de pensamento, se desvirtue o ideal democrático que tem nesse espírito de convivência o seu fundamento próprio».

Participação e autonomia

Depois de sublinhar que o I. S. T. «oferece condições excepcionais para se constituir num polo de desenvolvimento e de renovação» e de fazer outros considerandos, o prof. Fraústo da Silva defendeu o «desempenho a tempo inteiro das funções docentes» e «*relações de verdade* entre professores e alunos, firmadas na estima e na confiança mutua que advêm do trabalho e da pesquisa em comum. Por outro lado, é manifestamente impossível o estabelecimento do diálogo quando um dos interlocutores não está presente...».

E logo, antes de concluir o seu importante discurso:

«Participação e autonomia surgem naturalmente como coordenadas de um programa e se a primeira exige uma aprendizagem de todos que não pode ser regulamentada, já a segunda implica uma mudança de estilo político em relação á Universidade que nos atrevemos agora a esperar, em face das recentes declarações do principal responsável pela Educação Nacional».



Contra o que é habitual, uma assistência numerosa — e com grande percentagem de estudantes — encheu literalmente o salão nobre do I. S. T. para assistir á posse do seu novo director, cujo discurso foi prolongadamente aplaudido

Recorreram da sentença os ciganos condenados por numerosas burlas

PORTO, 24 — Terminado, com a condenação dos réus, o julgamento dos 24 ciganos originários do Irão, Paquistão e India, sobretudo, que eram acusados da prática de dezenas de burlas e roubos no montante de cerca de 200 contos, todos os arguidos recorreram da sentença, por intermédio do seu advogado, para o Supremo Tribunal Militar. O julgamento decorreu nesta cidade, no Tribunal Militar Territorial presidido pelo coronel Silva Pereira.

A sala de audiência, tal como já havia acontecido no dia anterior, encontrava-se cheia de gente, incluindo muitas mulheres árabes das famílias dos incriminados.

Antes das leitura da sentença o advogado dr. Araujo de Barros interveio a favor dos réus. No entanto, o Tribunal deu como provados os pontos dos quesitos, incluindo a associação de malfeitores.

Dos 24 réus, quatro foram condenados a 15 meses de prisão, por serem menores de 21 anos, mais quatro, a dois anos de prisão maior e os restantes dezasseis, a dois anos e seis meses de prisão maior. Aos quatro primeiros será levada em conta a prisão preventiva já sofrida, e, aos restantes apenas metade do tempo prisional sofrido.

Foram aplicadas a todos os réus medidas de segurança que vão de 6 meses a 3 anos, prorrogáveis por períodos iguais, em colónias agrícolas ou estabelecimentos congéneres.

VAI SER EXTINTO O «CICARP» DE PENICHE?

PENICHE, 24 — Uma proposta para extinguir a Secção de Cinema, o Círculo de Iniciação Cinematográfica da Associação Recreativa Penichense (que se popularizou através da sigla «CICARP») vai ser apresentada esta noite em assembleia geral da referida Associação, pela direcção que foi recentemente eleita.

A proposta baseia-se, segundo parece, no facto de as actividades desenvolvidas pelo CICARP ferirem as susceptibilidades de algumas individualidades desta vila, o que poderá causar, no futuro, dificuldades para a obtenção de dinheiro necessário à conclusão das obras da sede da colectividade.

Entretanto o CICARP está a comemorar o seu terceiro aniversário com a exibição dos filmes «Viva Maria» e «O Perfume do Dinheiro». Ao longo destes três anos, o CICARP vem desenvolvendo uma acção a todos os títulos meritória, elevando Peniche à situação de uma das terras portuguesas de província onde se processam actividades culturais a um ritmo mais intenso.

A par de sessões cinematográficas com debate sobre os filmes, tem realizado colóquios, sessões de teatro e sessões culturais. No Verão passado, organizou o «Festival de Verão» que englobou um colóquio sobre literatura, uma sessão de poesia e baladas, uma noite de teatro com o Grupo «Proscénio» e a exibição do filme «O Evangelho Segundo S. Mateus».

Paralelamente, promoveu a «1.ª Feira do Livro de Peniche» que constituiu um êxito assinalável tendo sido vendidos mais de 2000 livros, no valor de cerca de 50 contos.

Está gerar-se uma grande expectativa em volta da assembleia geral que vai decidir dos destinos do CICARP, pois, sendo a única secção cultural de Peniche, a sua extinção constituirá um golpe no progresso desta vila.

Aulas à luz de velas também em Setúbal

SETUBAL, 24 — São verdadeiramente deploráveis as condições em que funciona a Escola Feminina do Ciclo Preparatório desta cidade.

No edifício anexo não há iluminação eléctrica, e para que as aulas possam começar á hora regulamentar — 8 e 30 — as alunas têm de levar de casa, a pedido dos professores, velas para se alumiarem!

Após a recente Campanha de Prevenção Visual, esta prática apresenta-se a todos os títulos lamentável!

Acontece também que não existem ali instalações sanitárias quer para as alunas, quer para os professores. Além de tudo isto, tem-se formado junto do edifício, com as águas da chuva, um verdadeiro lençol de água que as alunas têm de atravessar á entrada e á saída.

ROMEU CORREIA E PAÇO D'ARCOS ENTREVISTADOS NA R. T. P.

No seu programa «Notícia do Espectáculo», a R. T. P. transmite amanhã, ás 20 e 30, entrevistas com os dramaturgos Romeu Correia e Joaquim Paço d'Arcos, a propósito da estreia recente das suas peças, «O Cravo Espanhol» e «Antepassados, Vendem-se», respectivamente.

Necrologia

FUNERAIS

Dr. Lino Augusto Pinto

CANTANHEDE, 24 — Efectuou-se, para o cemitério desta vila, o funeral do sr. dr. Lino Augusto Pinto Cardoso de Oliveira, de 84 anos, casado com a sr.ª D. Raquel Silveira Magalhães Coutinho.

O extinto, considerado como um dos mais brilhantes advogados desta região, desempenhou, durante vários anos, o cargo de presidente do município local.

O sr. dr. Cardoso de Oliveira era pai dos srs. dr. António Magalhães Cardoso, advogado na Figueira da Foz, dr. Nuno de Magalhães Cardoso, médico em Beja, e Miguel de Magalhães Cardoso, funcionário da Junta da Beira Litoral.

D. Maria do Céu Campos Neves Moreira

PORTO, 24

Para o cemitério de Agramonte, efectuou-se, ás 10 horas, o funeral da sr.ª D. Maria do Céu Campos Neves Moreira, de 45 anos, solteira, que residia na Av. Dr. Antunes Guimarães, 166, nesta cidade.

A extinta era filha do conhecido escultor Henrique Moreira.

Visita ministerial à 2.ª Região Militar

O ministro da Defesa e do Exército, general Sá Viana Rebelo, acompanhado do secretário de Estado do Exército, general José Oliveira Vitoriano, visita depois de amanhã, o quartel-general da 2.ª Região Militar, em Tomar.

O VELHO QUE TINHA UM GALO

O velho tinha um galo e debaixo do sobretudo o tinha...

Como era de madrugada, honestos cidadãos, suspicazes, denunciaram-no á Polícia. Foi preso. Abriram-lhe o sobretudo, e caiu o galo.

Na esquadra, o velho confessou ter furtado o galináceo de um galinheiro do Campo Grande. Ora, ter galo sem ser proprietário, sempre se revelou cousa funesta. Da informação seca não constou se o velho tinha, ou não, fome. Há destas irrelevâncias. Para quê arquivar-lhe o nome para pública exacração? Tem 71 anos, é pedreiro, e foi entregue á Polícia Judiciária.

CINQUENTA CONTOS ROUBADOS

Aproveitando o facto de a porta principal se encontrar encostada alguém subiu a um 1.º andar de um edifício da Rua Miguel Pais, no Barreiro, arrombando a porta de um escritório e retirando 50 contos de uma das secretárias.

Os empregados que estavam ausentes, comunicaram, assim que regressaram, o ocorrido á G. N. R. local.

Após averiguações diversas, o posto urbano da G. N. R. pede a todas as autoridades do País, a captura de Carlos Alberto dos Santos Veloso, o «Caletas», de 17 anos, sem profissão, natural desta vila. O acusado que se procura é filho de Mário Tavares Veloso e de Arlete dos Santos Domingos e tem olhos castanhos, é moreno, cabelo castanho escuro, 1,55 m de altura e é magro.

O ministro da Defesa ofereceu um almoço ao almirante Sousa Uva

O sr. ministro da Defesa Nacional, general Sá Viana Rebello, ofereceu um almoço, na messe de Pedrouços, em honra do vice-almirante Joaquim de Sousa Uva, por ter terminado as suas funções no Departamento da Defesa Nacional.

Estiveram presentes o chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Venâncio Deslandes, o director do serviço de Infra-Estruturas da Força Aérea, brigadeiro Santos Dias, o director das Oficinas Gerais de Material Aeronáutico, brigadeiro Alberto Fernandes, o director-delegado da Comissão Administrativa das novas instalações das Forças Armadas, eng. Rodrigues Catum, além de outros oficiais superiores em serviço na Defesa Nacional.

Embaixador de Portugal no Japão

Chegou ontem a Lisboa, onde passará um curto período de férias, o embaixador de Portugal no Japão, dr. Virgílio Armando Martins.

Diário do Porto

Acidentes de viação em Gaia: dois feridos em estado grave

Cerca das 10 horas de hoje, registou-se em Rechousa, ca-Camelas, Vila Nova de Gaia um acidente de viação ocasionando dois feridos. Uma moto conduzida pelo sr. Joaquim Marçal Barbosa Duarte, de 25 anos, empregado de escritório, do lugar de Sergueiros (Gaia) em que seguia também o sr. Joaquim Guimarães Moreira, de 22 anos, solteiro, empregado alfandegário, de Brandariz, igualmente daquela vila, ao fazer uma ultrapassagem foi embater numa camioneta de passageiros da União Rodoviária do Caima que seguia em sentido cotrário e era conduzida pelo motorista sr. Raimundo Rodrigues, de 34 anos, residente em Ribeira de Castelões (Vale de Cambra).

Os dois tripulates, unicas vítimas do acidente foram transportados ao Hospital de Santo António em carros particulares. Encontram-se em estado grave, sem fala e politraumatiados.

Subsídio de 30 contos concedido à Casa da Imprensa

O presidente da nova direcção da Casa da Imprensa, João Gomes, e a vogal, D. Antónia de Sousa, apresentaram em nome da mesma, cumprimentos ao governador civil de Lisboa, dr. Afonso Marchueta.

O chefe do distrito comunicou, durante a audiência, ter atribuído um subsídio de 30 contos á Casa da Imprensa, referindo-se em termos muito amáveis á obra de assistência desenvolvida pela mesma.

O dr. Afonso Marchueta teve também palavras de muita simpatia para com os jornalistas.

João Gomes apresentou um panorama breve das intenções que animam a nova direcção na actividade planeada e agradeceu o subsídio e as palavras do governador civil.

SERVIÇAL INFIEL

Antónia dos Santos, de 58 anos, serviçal, natural de Idanha-a-Nova, residente na Rua do Grilo, 14, 2.º esq. foi detida e acusada da autoria de um furto de um colar no valor de 40 contos na casa onde trabalhava. Foram-lhe apreendidos, além de elevada quantia em dinheiro, que se supõe ser produto da venda do colar, muitos objectos, presumìvelmente furtados em casas onde trabalhou anteriormente.

A Polícia Judiciária pede á pessoa que haja transaccionado o colar que compareça a prestar declarações, «sob pena de procedimento criminal, caso o não faça».

Igualmente, solicita ás pessoas a quem a arguida tenha prestado serviços, que se apresentem a fim de identificarem os objectos apreendidos, devendo, para o efeito, contactar com o agente Orlando Andrade, da 6.ª Secção.

REUNIÃO ELEITORAL SOBRE RECENSEAMENTO

Com vista ás operações de recenseamento eleitoral dos chefes de família a iniciar no próximo dia 1 de Fevereiro, efectuou-se no Governo Civil do Porto uma reunião de presidentes das Camaras Municipais do distrito, administradores dos bairros e presidentes das Juntas de Freguesia da cidade.

O governador civil, sr. major Paulo Durão presidiu á sessão tendo ainda intervindo nela o director-geral da Administração Política e Civil que expressamente se deslocou a esta cidade.

O Ministro do Interior estudou com governadores civis o aumento dos funcionários das autarquias locais

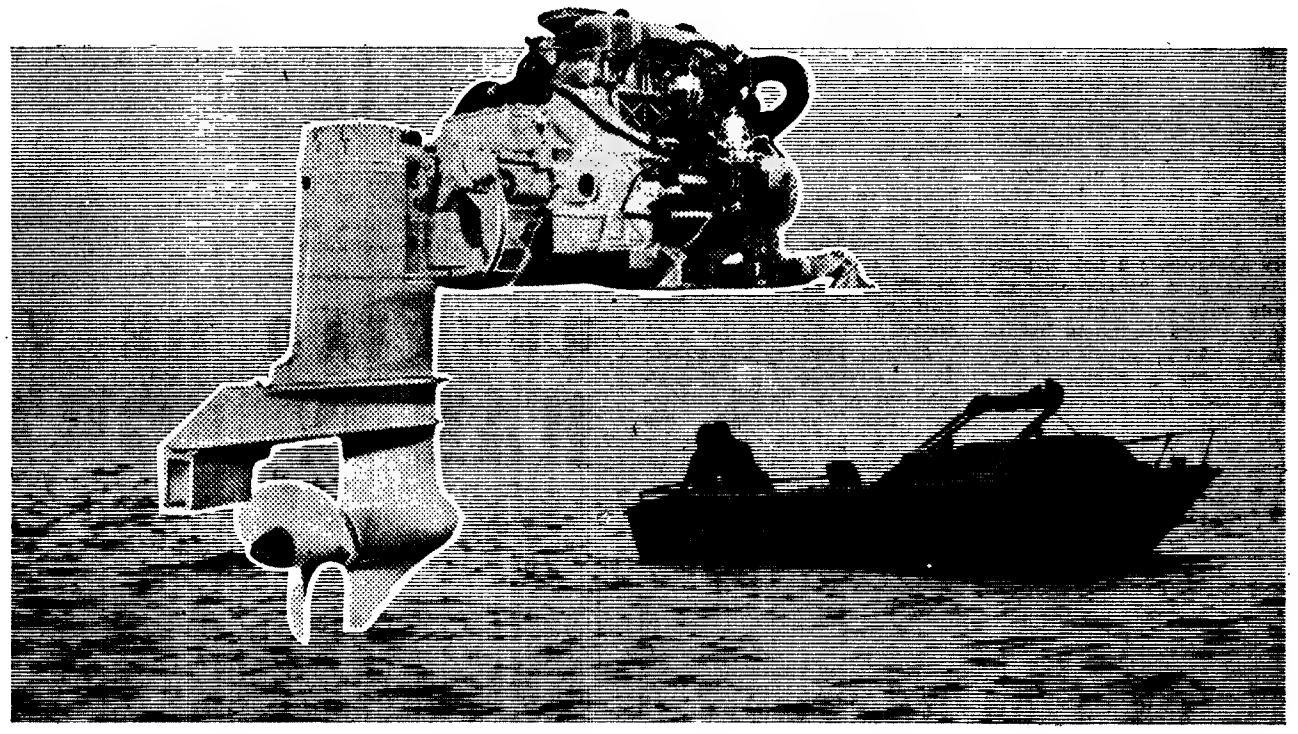
Na reunião do ministro do Interior com os governadores civis, realizada ontem, terminou a apreciação das alterações introduzidas ao código administrativo respeitante aos vencimentos dos funcionários das autarquias locais, tendo sido estudadas as disposições relativas ao continente e os problemas decorrentes da sua execução. Os problemas referentes dos distritos autónomos serão estudados pelos respectivos governadores logo que as correspondentes disposições legais sejam conhecidas nas ilhas.

Com alguns Stern Drives ouve e sente a velocidade

Com Johnson ouve o som do mar

Johnson apresenta os

Silenciosos



É formidável sentir sob os seus pés a segurança de um Johnson OMC Stern Drive. Mas, se a ouvisse também, acabaria por cansar-se.

Os Johnson OMC estão montados sobre 4 isoladores de borracha que absorvem os ruídos e vibrações do motor, sem fadiga para si e para o barco.

A tranquilidade silenciosa dum Johnson baseia-se também nas suas mudanças electromagnéticas. Suaves. Sem sobressaltos.

Manobre silenciosamente em águas difíceis. Tire o máximo rendimento da rotação de 90° de bombordo a estibordo e do levantamento de coluna até 75°.

Claro que só não fazemos silêncio sobre a garantia de 2 anos para fins recreativos. Nem tão-pouco sobre a nossa assistência mundial.

Navegando com um Johnson pode falar baixinho. Mas falando de Johnson fale bem alto.

Envie este cupão ao Distribuidor e receberá mais detalhes sobre o Motor OMC Johnson Stern Drive

Nome .....

Morada .....

..... MO

Distribuidores exclusivos para todo o espaço português:

NÁUTICA, BELO & FILHO, S. A. R. L.

Trav. da Praça, 4 (Belém) LISBOA

Telefs. 63 61 54 - 63 79 70

Johnson

O símbolo da qualidade

adapt. LATINA

PROBLEMAS DA INDÚSTRIA PORTUGUESA DE AÇÚCAR

APRECIADOS EM REUNIÃO DA CORPORAÇÃO

Na Corporação da Indústria, reuniu-se, sob a presidência do dr. Augusto de Sá Viana Rebello, o conselho conjunto da direcção e dos vice-presidentes, tendo estado presentes o representante do Ministério das Corporações, dr. Rosciro e Maia; os vice-presidentes eng.º Leopoldo Barreiro Portas, eng. António de Resende Valadas Fernandes, dr. José Manuel de Sá Pais do Amaral Coelho, dr João Ubach Chaves, dr. Cesário de Moura Bonito, eng. António Costa Silva Carvalho, eng. Vergílio Teixeira Lopo e dr. Jorge da Silva José de Mello; os vogais da direcção Albino Soares Carneiro, dr António Morales de Los Rios Leitão, António José de Sousa, Frederico Marques e Joaquim José da Rocha Ribeiro; o secretário-geral dr. Henrique Sequeira e o adjunto dr. José Julio da Gama Santos.

O presidente da Corporação deu conhecimento ao conselho de que tinha designado, nos termos regimentais vice-presidente da direcção o dr. Jorge da Silva José de Mello, vice-presidente da 9.ª secção, e Albino Carneiro e Joaquim José da Rocha Ribeiro, respectivamente, director-secretário e director-tesoureiro

Seguidamente, e com largo debate em que intervieram, além do presidente, os vogais do conselho conjunto, foram apreciadas as disposições legais relativas á medicina no trabalho, tendo sido aprovada uma deliberação no sentido de ser proposto ao Governo um mais perfeito ajustamento das referidas disposições ás características da média e pequena industria, considerando embora a necessidade inadiável de organizar a medicina preventiva, como elemento de melhoria do rendimento do trabalho, mas através da promoção do melhor aproveitamento das unidades médicas actualmente adstritas ao serviço das empresas e dos seus empregados.

O presidente fez uma exposição versando as recentes declarações publicas de alguns dos responsáveis pela Administração sobre a politica industrial que o Governo está a elaborar

Começou a ser apreciado um texto do projecto de diploma sobre a disciplina de exportação do concentrado de tomate, elaborado na Secretaria de Estado do Comércio, e foi tomado conhecimento das sérias apreensões da industria açucareira relativamente ao trabalho de uma comissão constituída por elementos do sector publico criada na Secretaria de Estado do Comércio para o estudo do subsector.

O director-secretário Albino Carneiro — no mandato anterior vice-presidente da 3.ª secção — esclareceu o conselho de que os industriais açucareiros apresentaram em devido tempo ao Governo, através de um estudo elaborado na Corporação da Industria, um projecto de reorganização pelo qual e mediante uma vasta reconversão que custa vultuosos investimentos, se torna a industria açucareira actual e competitiva, projecto este que foi imediatamente posto em execução, estando em pleno curso de desenvolvimento.

Seguidamente, o conselho, apreciados os esforços do Governo para evitar a subida dos preços apresentados ao consumo, deliberou que se diligenciasse sectorialmente promover a contenção dos preços na produção, contribuindo-se assim para o esforço em que o Governo se empenha para travar as tendências inflaccionistas.

ESTRADA VELHA PARA UM BAIRRO NOVO — O que se passa centro da povoação de Ranhados, no distrito de Viseu, de acesso Novo», é simplesmente lamentável, pelo abandono que revela. E Ra — mas haverá alguma povoação que mereça!? — tamanho «descon imperiosas necessidades. E a da referida estrada para o seu Bairro, ca mais, é uma das mais instantes

Os banqueiros Augustine Reis & C.ª tiveram em 1969 lucros líquidos de 6125 contos

Encontram-se publicados o relatório e contas dos banqueiros Augustine Reis & C.ª, referentes ao ano de 1969. Nesses documentos se diz que «é absolutamente indispensável que as empresas se estabeleçam no País com base técnica e comercial que lhes permita viver uma vida natural ao nível europeu, na iminência de serem desprotegidas das estacas movediças, o que o Governo lhes tem facilitado, mas que ele próprio, a curto prazo, não poderá assegurar; é pois urgente encarar o futuro com alguma rapidez porque sérios são os riscos da nossa indústria se não se apetrechar em tempo para o combate que lhe é dado nos mercados internacionais.»

Na introdução analisa-se a situação económica e financeira portuguesa sob diversos aspectos, findando por se dizer que «a vasta matéria legislada no ano de 1969, interessando vivamente o sector bancário, criou um ambiente de benévola expectativa perante os fenómenos que se irão processar em subordinação às directrizes dimanadas dos órgãos competentes»

No balanço referente a 31 de Dezembro de 1969, na rubrica do activo figura a carteira comercial com 528 940 contos; e, no passivo, os depósitos à ordem e a prazo, num total de 1 066 346 contos. O capital e reservas são de 80 mil contos. Os lucros líquidos elevaram-se a 6125 contos

Alguns números nos podem dar a ascensão dos depósitos que eram de 64 552 contos, em 1958, ascendendo, em 1963, a 267 335 contos, e atingindo 1 066 346 contos, como dissemos, no ano passado.

Urge defender tam os interesses dos he directos dos arti

—uma carta da S. N. B. A. sobre a venda do quadro

A propósito da notícia, publicada pelo «Diário de Lisboa», sobre os direitos de autor a receber por Almada Negreiros pela transacção do seu quadra «Fernando Pessoa», a Sociedade Nacional de Belas-Artes enviou-nos a seguinte carta, assinada pelo presidente da respectiva direcção, arquitecto Conceição Silva, para cujo conteudo chamamos a atenção das entidades responsáveis:

«Na sua reunião semanal, efectuada ontem, á noite, esta direcção tomou conhecimento da notícia publicada no «Diário de Lisboa» acerca dos direitos de autor do artista Almada Negreiros, quanto á sua pintura de «Fernando Pessoa», cujo preço no leilão dos «Irmãos Unidos» alcançou uma importância «record» para obras de arte portuguesas.

Secu consid Jornal 1966, telou tas pl do o dos A greiros seus l lei não na ve da op clamo dor da ticipas transf valore como porqu criada facto

Num convir tivas que os direct igualm não s a assis pintor Almad muito, do ve cado, gundo benefi

Com sobre pensa chamo trinár

REUNIÃO DE VENDAS DA HANDY PORTUGUESA

Nos passados dias 2 e 3, realizou-se em Águeda a habitual reunião da equipa de vendas da HANDY Portuguesa.

Durante a manhã do dia 2 efectuou-se uma visita á fábrica, tendo recaido a atenção sobre as novas instalações (aumento de área, na 1.ª fase, em 8600 m2) onde se irão especialmente fabricar os móveis metálicos de acordo com a técnica mais evoluida e a linha mais actualizada.

Durante a tarde realizou-se uma sessão para entrega dos prémios aos vendedores que mais se distinguiram pelo volume de vendas atingido ou pela forma perfeita como trabalharam.

A noite foi reservada a convivio.

No dia seguinte realizaram-se 2 jogos de futebol entre as equipas do Sul e do Centro e Norte, tendo a jornada terminado com um almoço de confraternização presidido pelo dr. Nelson Reis, director-geral da empresa, que aproveitou a ocasião para saudar a equipa de vendas que tão sèriamente tem trabalhado, granjeando para a Handy Portuguesa o nome de que já se orgulha.

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

NOVO GRUPO PUBLICITÁRIO

PARIS, 24 — (F. P.) — A Havas Conseil, a maior agência de publicidade francesa, acaba de se associar com duas empresas anglo-saxónicas do mesmo sector (a Benson, de Londres, e a Needham Harper, de Nova York), constituindo-se assim um novo grupo publicitário de vulto.

A nova organização fica a ser a décima agência do Mundo, com uma carteira de negócios de 300 milhões de dólares, para 1969, e sucursais em 35 países.

OS 4200 CONTOS
DA
SORTE GRANDE
foram distribuídos ontem pela
CASA DA SORTE
1.º PRÉMIO — 10611
4200 CONTOS
Momentos após a extracção, foram logo rebatidas várias fracções do número premiado que se encontram expostas na montra do estabelecimento da Casa da Sorte em Lisboa, no Rossio-Praça da Figueira.
CASA DA SORTE
A CASA DOS PRÉMIOS GRANRES...
A CASA DAS SORTES GRANDES...

Conta
BANCO DO ALE

e passa com a estrada no cesso ao chamado «Bairro . E Ranhados não merece «desconhecimento» de suas rro, cada dia a valorizar-se

mbém herdeiros tistas

A.

ro de Almada

Secundando as oportunas considerações feitas por esse Jornal sobre o Código de 1966, que, felizmente, acautelou os interesses dos artistas plásticos, exprimimos todo o apoio moral desta Casa dos Artistas a Almada Negreiros na reivindicação dos seus legítimos direitos. Se a lei não lhos conferisse, seria, na verdade, perante o vulto da operação comercial, uma clamorosa injustiça se o criador da obra de arte não participasse da vantagem de transformação acelerada dos valores de mercado, o qual, como é evidente, só existe porque a obra de arte foi criada e produzida. Esse o facto primordial.

Numa futura revisão da lei, conviria actualizar as respectivas percentagens. E oxalá que os interesses dos herdeiros directos dos artistas fossem, igualmente, defendidos, para não suceder ao que estamos a assistir, a respeito de outro pintor da mesma geração de Almada, e falecido não há muito, cujas obras vão subindo vertiginosamente no mercado, e de que a viúva, segundo pressentimos, em nada beneficia dessas transacções.»

EM PORTO ALTO

O PRESIDENTE DO CONSELHO INAUGUROU O NOVO EMISSOR DE ONDA MÉDIA DO RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS

O sr. prof. dr. Marcello Caetano visitou, hoje, as instalções do Rádio Clube Português, em Porto Alto, onde chegou cerca das 11 horas, companhado dos srs. drs. César Moreira Baptista e Mendes Costa, respectivamente, secretário de Estado da Informação e Turismo e secretário da Presidência do Conselho.

O Chefe do Governo foi recebido no Centro Emissor Jorge Botelho Moniz pelos srs. Botelho Moniz e Álvaro Jorge, respectivamente, presidente e vice-presidente da direcção do R. C. P.; António Augusto Molta de Deus, engs. Manuel Meneses, Afonso Percheiro e Vitor Rodrigues, directores.

Após troca de cumprimentos o sr. prof. dr. Marcello Caetano colocou uma palma de flores na base do busto do fundador major Jorge Botelho Moniz, percorrendo, depois, demoradamente as instalações exteriores do Centro Emissor, visitando com particular interesse uma das casas do pessoal residente em Porto Alto, construídas e mantidas pelo R. C. P.

Durante a visita o Presidente do Conselho descerrou uma placa comemorativa da sua passagem pelo Centro Emissor do R. C. P.

Ás 12 horas, o prof. dr. Marcello Caetano pôs em funcionamento o novo emissor de onda média do Centro Emissor Jorge Botelho Moniz.

O Presidente do Conselho, acompanhado dos administradores do R. C. P., durante a visita ás instalações de Porto Alto

FIM DE TARDE EM S. BENTO

✱ A sessão de ontem da Assembleia Nacional deu o tom o eng.º Camilo de Mendonça. Primeiro orador do período antes da ordem do dia, o deputado bragançano apresentou dois projectos de lei relativos à contratação colectiva ou a acordos intercorporativos para a comercialização dos produtos agrícolas e ao crédito de colheita.

✱ *Ao justificar os dois projectos de diploma, o deputado nordestino fez algumas considerações sobre a situação da lavoura, que vale a pena registar: «A situação agrícola é dramática, mas também desesperante pela falta de meios nítidos e persistentes como de acção coerente e válida. «Dobram os sinos a finados», proclamei nesta Assembleia há uma dezena de anos... Dez anos passaram... os sinos continuam a dobrar, a agonia prolonga-se, como a atestar a resistência física e moral da estrutura agrícola, os problemas a agravar-se, os homens a desesperar, procurando no êxodo maciço o único caminho possível para fugir á pobreza e á ruína, o abandono do campo a espreitar por todos os lados e todos os dias, quanto antes amorosamente era trabalhado»...*

✱ Ao exemplificar aquilo a que chamou «a trapalhada do nossa vida económica», o eng.º Camilo de Mendonça falou do caso concreto das madeiras. Referiu-se à coligação dos industriais de celulose, que fez baixar o preço da madeira para cerca de metade, e acentuou: «Já sabemos quais os objectivos: acabar com a concorrência na compra; quais os motivos: a falta de força contratual de uma lavoura pobre, fraca, dispersa e desiludida; quais os processos usados: a coligação económica, contrária aos princípios constitucionais como ás leis vigentes».

✱ *O dr. Duarte de Oliveira, ao falar de problemas do ensino, defendeu a sua democratização, afirmando a certa altura: «A política do Ensino (se é que tem havido uma política do Ensino entre nós) inibe o acesso á educação dos filhos de grande massa da população do País. Com efeito, tem-se dado preferência absoluta á dotação dos meios urbanos com escolas secundárias e professores, com total esquecimento dos meios rurais».*

✱ Ainda no período antes da ordem do dia, o dr. Artur Pimentel falou da necessidade de um plano rodoviário para o Nordeste, o dr. Oliveira Ramos pediu o alargamento do número de liceus e melhor pagamento aos professores; a deputada D. Raquel Ribeiro falou da necessidade de aumentar a cultura dos portugueses, e o deputado José da Costa Oliveira falou de problemas económico-sociais do distrito de Braga.

✱ *Na ordem do dia continuou a discutir-se, na generalidade, o projecto de lei sobre o turismo na serra da Estrela. Para a próxima sessão, a efectuar na terça-feira, está inscrito o «leader», dr. Almeida Cotta. Há natural curiosidade em ouvi-lo, dada a sua especial representatividade.*

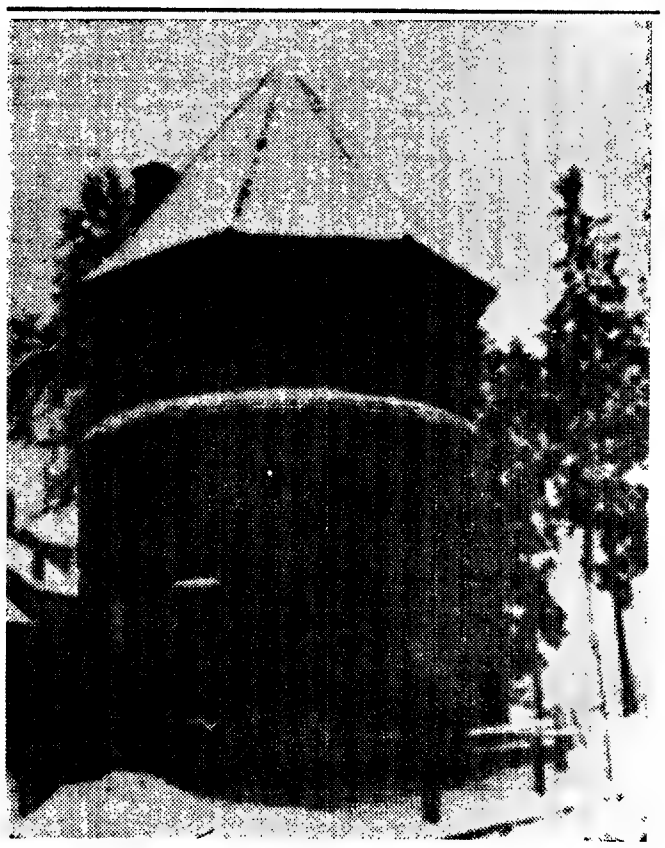
ELABORADOS OS ESTATUTOS DA CÂMARA DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA LUSO-ESPANHOLA

Foram já elaborados os estatutos da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Espanhola que, dentro em breve, serão homologados na primeira assembleia geral, a realizar no Centro Espanhol.

A iniciativa da criação desta Câmara partiu de um grupo de portugueses e espanhóis fixados em Lisboa e visa tornar mais fecundas as relações económicas entre Portugal e Espanha, fomentando, especialmente, intercâmbios comerciais, a cooperação industrial e financeira, cultural e turística, etc.

As três comissões inicialmente formadas no Departamento Comercial da Embaixada de Espanha (comissão organizadora, de relações públicas e jurídica) foram já recebidas pelo embaixador de Espanha e pelo secretário de Estado do Comércio, dr. Xavier Pintado. Dentro de dias, deverão ser recebidas pelo secretário de Estado da Indústria, eng.º Rogério Martins.

Entretanto, foram enviados alguns milhares de circulares a firmas portuguesas que trabalham em Espanha, a firmas espanholas estabelecidas em Portugal, assim como a empresas luso-espanholas e instituições bancárias com interesses nos dois países.



PASSAR AS FÉRIAS NUMA TORRE GÓTICA — Seguindo o exemplo de outras cidades alemãs medievais onde edifícios de valor histórico foram poupados pela guerra, Mindelheim, no sudoeste da República Federal da Alemanha, decidiu-se a permitir que uma torre gótica seja utilizada para apartamentos. Um arquitecto adquiriu esta romântica relíquia da antiga fortificação da cidade, propondo-se instalar nela apartamentos modernos. Não faltam candidatos. A cidade de Mindelheim impôs ao arquitecto a condição de se manter a estructura exterior da torre

JANTAR DE BENEFICÊNCIA

Realiza-se hoje no Palácio Hotel do Estoril o tradicional jantar, seguido de baile, para angariação de fundos a favor da construção do bairro para pobres, de Santo António do Estoril.

As reservas de mesas podem ser feitas para o Palácio Hotel do Estoril

ANTÓNIO SÉRGIO MORREU HÁ UM ANO

Completa-se hoje um ano obre a morte do grande ensador e cidadão que se amou António Sérgio. Doutrinário, crítico, ensaísta, político, em todos os sectores da vida portuguesa intelectual e política a personalidade de António Sérgio influenciou poderosamente o Portugal de nossos dias.

O homem da Renascença Portuguesa, da «Águia» e da «Seara Nova» que em dado momento foi ministro da República e depois conheceu horas amargas de ostracismo, mas sem nunca ceder da sua posição, marcou lugar á parte no Portugal contemporâneo e influenciou poderosamente até alguns dos que o combateram.

Lembrando a figura grande de António Sérgio, amigos seus e admiradores promovem amanhã, ás 11 horas, uma romagem ao seu tumulo no Cemitério dos Prazeres, um ano depois de ele ali ter ficado para sempre.

Infantil

LENTEJO

RELÓGIOS

De todas as marcas, máxima garantia, preços de concorrência.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

Actualidade internacional

UMA ESTAÇÃO ORBITAL PODERÁ SER LANÇADA ESTE ANO PELA URSS

MOSCOVO, 24 — (A. N. I.) — A primeira realização espectacular dos russos na década de 70 será muito provávelmente, a construção de uma autêntica «estação orbital no espaço» — julga saber-se em círculos autorizados de Moscovo.

Os russos nunca anunciam as suas realizações espaciais antecipadamente, mas um certo numero de declarações de responsáveis, em conjunto com informações filtradas através de círculos oficiais, fazem crer, com certo fundamento, que se estudam já os pormenores da estação espacial, a colocar em órbita este ano.

Duas naves «Soyuz», de dois compartimentos cada uma e dois homens de tripulação, devem ser colocadas numa órbita entre 160 e 240 quilómetros. Em seguida, uma nave não tripulada, carregada de instrumentos e de víveres, será enviada para uma órbita próxima. As «Soyuz» realizarão a acostagem e compartimentos das naves serão utilizados como oficina, onde os homens trabalharão cerca de um mês, regressando á Terra nas secções de reentrada das suas naves

Não deve ser já — mas está previsto dentro da década agora iniciada — que os russos enviarão para o espaço tripulações que substituam os homens em pleno espaço, bem como abastecimentos para reforçar os armazéns da estação.

Depois destas estações experimentais «próximas da Terra» ou «de baixa altitude» — como se lhes chama — os russos prosseguirão com um programa que prevê o estabelecimento de estações a cerca de 480 quilómetros de distancia do nosso planeta. Estas devem ter uma vida de vários meses, mantendo-se em órbita fixa sobre o território da União Soviética, do mesmo modo pelo qual se estabilizam actualmente os satélites de comunicações e de meteorologia

Julga saber-se que estes programas estão unicamente dependentes do êxito das experiências em curso na U. R. S S. de um potentíssimo propulsor que — segundo certos círculos de informação — já por duas vezes teria explodido na rampa de lançamento.

Batidos na corrida para a Lua, os soviéticos declaram não se interessar pela sua exploração, pelo menos realizada por homens. Hão-de passar ainda muitos anos até que um russo pise o solo lunar — afirma-se.

Esse aspecto da exploração espacial não está nos planos soviéticos — disse há dias um cientista Não faz parte, pelo menos, do programa dos anos mais próximos.

Mas continuarão os voos com aparelhagem para exploração não tripulada da Lua — o unico tipo de exploração que interessa á União Soviética, a unica em que não foram batidos pelos Estados Unidos. E não só da Lua — acrescenta-se — mas igualmente dos outros planetas.

SVETLANA ESTALINE, defronte de sua casa em Princeton (E. U. A.), retira a neve acumulada no vidro do seu carro, pouco depois de saber que tinha sido privada da cidadania soviética. A propósito da notícia, Svetlana disse ao repórter que a fotografou: «Sinto-me muito satisfeita. Talvez isso ajude a aumentar as vendas do meu livro»

Fabrico de armas nucleares na Índia?

NOVA DELHI, 24 — (A. N. I.) — O Governo indiano prometeu á comissão parlamentar consultiva de energia atómica que vai estudar a possibilidade de fabrico de armas nucleares, com que pretende reduzir a vantagem da China sobre a União Indiana no sector do armamento.

A comissão citou o estudo do cientista S. Swamy, que propôs um programa de desenvolvimento nuclear para cinco anos, que custaria 999 milhões de dólares 28471500 contos).

Conseguiu regressar à Suécia o aviador que organizou a força aérea biafrense

MALMOE (Suécia), 24 — (A. N. I. e F. P.) — O aviador sueco Carl-Gustav von Rosen, que combateu ao lado dos biafrenses, regressou á Suécia, na noite de quinta-feira.

Não se sabe ainda como conseguiu chegar á Suécia depois da rendição das tropas biafrenses. Ontem, von Rosen descansava na sua residência de Malmoe.

Em círculos geralmente bem informados afirma-se que o aviador regressou da Africa utilizando uma falsa identidade, porque foram postas a circular notícias de que a sua vida corria perigo.

O ás da aviação sueca organizou a Força Aérea de Biafra com mini-aviões suecos, e participou em vários ataques contra objectivos nigerianos.

Entrevistado pela Televisão sueca, von Rosen declarou que foram as grandes potências por detrás da Nigéria — Grã-Bretanha, U. R. S. S., Estados Unidos e em certa medida a Argélia, próximo do fim — quem ganhou a guerra.

O capitão von Rosen reconheceu, por outro lado, que foi contactado pelo Sudão meridional — onde a situação, frisou, é bastante comparável á de Biafra — para lhe prestar a sua colaboração. Precisou, no entanto, que não deseja meter-se mais em empreendimentos deste género.

A Costa do Marfim recusa-se a indicar o paradeiro do general Ojukwu

ABIDJAN (Costa do Marfim), 24 — (A. N. I.) — As autoridades da Costa do Marfim continuam a recusar-se a indicar o local exacto onde se encontra o general Odumegwu Ojukwu e voltaram a pedir aos órgãos de Informação que respeitem o afastamento do antigo dirigente de Biafra.

Em círculos bem informados declara-se que o general Ojukwu deixou Biafra na noite de quarta para quinta-feira, tendo sido transportado directamente com a sua família para Bouake, a cidade principal da tribo Baoule, a 390 quilómetros a sudoeste de Abidjan.

Segundo outra versão, Ojukwu aterrou em Port Bouet, onde se encontrou com representantes de Biafra e Costa do Marfim, antes de seguir para o interior do país escoltado pela Polícia.

Ainda na quinta-feira — 24 horas antes da Costa do Marfim ter anunciado oficilamente ter concedido asilo político ao antigo chefe biafrense, que prometeu abster-se de qualquer actividade política — círculos autorizados haviam declarado que o general não estava na Costa do Marfim.

No comunicado oficial publicado sobre a questão não se esclarece quando é que o general chegou á Costa do Marfim.

NÓRDICOS

Sociedade Importadora de Acessórios para Autos, Lda.

Não lhe interessando continuar como agente oficial de Auto-Sueco, Lda., **para venda de peças e acessórios**

VOLVO

informa que, por acordo estabelecido, terminou o seu contrato com a indicada firma em 1-1-1970, continuando, no entanto, habilitada a satisfazer todos os seus Exmos. Clientes e Amigos no seu estabelecimento, como sempre o tem feito, na Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — LISBOA

TELEFONES 710724 E 714586

Tentativa de reconstituição do movimento fascista belga

BRUXELAS, 23 — (F. P.) — Um antigo «SS» da Legião da Valónia, que combateu na Frente Leste, Jean Robert Debbandt, publicou na quinta-feira um comunicado em que anuncia que tomou a iniciativa de reconstituir o movimento rexista, que se atribui o título de chefe rexista e que convoca a assembleia geral do movimento.

O rexismo (movimento fascista), chefiado por Leon Degrelle, surgiu por volta dos anos 30 e chegou a ter 37 deputados na Câmara, em 1936. Durante a guerra, pôs-se incondicionalmente ao serviço do ocupante.

«Coloco — disse Debbandt — o movimento ao serviço da causa palestiana, contra os manejos sionistas na Bélgica». E Debbandt termina o seu manifesto com estas palavras: «Viva Leon Degrelle, viva a Fatah, Rex vencerá».

Debbandt, que nunca chegou a ser condenado devido á sua pouca idade (tinha 14 anos em 1940), é o fundador da primeira organização de reagrupamento dos antigos «SS» no plano internacional — a «Nova Ordem Europeia», que celebrou a sua primeira reunião o ano passado, em Barcelona

Porém, segundo informações obtidas junto da União Internacional da Resistência e da Deportação, Debbandt não goza de nenhum crédito nas esferas dos antigos rexistas. Trata-se de um iluminado — acrescenta-se — que só representa a si próprio. Malograram-se as suas tentativas anteriores de reconstituir um movimento rexista, de organizar um referendo a favor de Leon Degrelle, que vive em Espanha desde o fim da guerra, e de se fazer eleger deputado.

PARTICIPAÇÃO CHECA NA «PROTECÇÃO AÉREA» DA UNIÃO SOVIÉTICA

VIENA, 24. — (F. P.) — Com outros países socialistas europeus, a Checoslováquia poderia ser chamada a participar na «protecção aérea» da União Soviética contra uma eventual ameaça chinesa, diz-se em alguns círculos a propósito da ordem do dia ontem distribuída pelo general Dyur por ocasião do aniversário da 1.ª Divisão Aérea.

Neste documento, o ministro da Defesa diz que a aviação checa tem de se preparar para participar, «ao lado das forças aliadas», na defesa das fronteiras da Checoslováquia «e do conjunto do campo socialista».

O texto do general Dyur chama a atenção pelo facto de estarem a circular na Europa Oriental, particularmente em Viena e em Budapeste, notícias de que unidades aéreas polacas, húngaras e Leste-alemãs teriam sido enviadas em períodos de treino para as imediações das fronteiras chinesas, quer na Sibéria Oriental, quer na Mongólia Exterior.

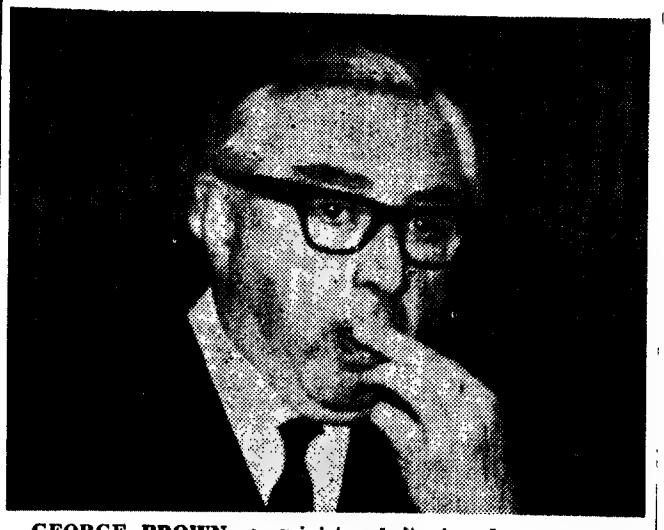
A ideia de opor uma réplica «socialista colectiva» à «ameaça chinesa» fora lançada em Março de 1969 após os graves incidentes sino-soviéticos do Ussuri e na véspera da conferência cimeira do Pacto de Varsóvia reunida na capital húngara.

À espera de um ataque a Da Nang

SAIGÃO, 24 — (F. P.) O comando militar norte-americano em Saigão aguarda para os próximos quinze dias um ataque do Vietcong contra a base aérea de Da Nang.

A investida contra a base, situada a 600 km a nordeste de Saigão, seria desencadeada imediatamente antes e logo a seguir á trégua do Tet, em 6 e 7 de Fevereiro.

O ataque limitar-se-ia a violentos bombardeamentos com morteiros e foguetões dirigidos contra a base pròpriamente dita, além de ataques por terra contra aldeias periféricas.



GEORGE BROWN, ex-ministro britânico dos Negócios Estrangeiros e actualmente «leader» do Partido Trabalhista, fotografado pouco depois de chegar da sua viagem ao Médio Oriente. Brown visitou o Cairo e esteve em Israel, não se furtando a declarações que provocaram grande celeuma entre os dirigentes árabes e judeus

Klaus Schvetz dùvida que a Alemanha seja reunificada

NOVA YORK, 24 — (R.) — O burgomestre de Berlim-Oeste, Klaus Schuetz, afirmou numa entrevista, divulgada a noite passada, nesta cidade, que duvidava que a Alemanha alguma vez fosse reunificada.

Contudo, era possível que Berlim fosse um dia uma cidade unida.

A entrevista foi gravada na Alemanha por um correspondente da National Broadcasting Company e será transmitida no domingo nesta cidade.

Schuetz disse ainda: «Não creio que seja nosso objectivo (...) pelo menos, objectivo da minha geração na política alemã, conseguir a unidade do país. Temos a responsabilidade para com o povo da outra parte do nosso país de lhe conceder mais liberdade. Se isso é possível apenas por meio de dois Estados alemães numa única nação, porque não?»

ATAQUE AÉREO EGÍPCIO A EL ARISH (NO SINAI) CONFIRMADO POR ISRAEL

TEL AVIV, 24 — (R.) — Aviões egípcios penetraram profundamente no Sinai durante a noite e atacaram alvos judaicos, após um dia em que Israel enviou jactos para desferirem golpes perto do Cairo e retirou uma importante estação de radar da estratégica ilha de Shadwan.

Um informador militar israelita comunicou, ás primeiras horas de hoje, nesta cidade, que aviões egípcios bombardearam a localidade de El Arish, no nordeste do Sinai, pouco antes da meia-noite, ferindo uma mulher e uma criança árabes e danificando algumas casas.

O ataque foi efectuado por um ou dois aviões, acrescentou.

O Cairo comunicou, também, ás primeiras horas de hoje, a sua versão do ataque, mas não forneceu o número de aparelhos que realizaram a missão.

O bombardeamento efectuado pelos egípcios registou-se várias horas depois de Israel retirar uma força transportada de helicóptero que ocupou durante 29 horas a ilha de Shadwan, no Golfo do Suez.

Informadores militares judaicos anunciaram que foram mortos 70 egípcios e aprisionados mais 62 em Shadwan, enquanto as baixas israelitas foram de três mortos e seis feridos.

Da ilha, apenas a 16 quilómetros da principal base egípcia de Bardaka, no Mar Vermelho, os israelitas trouxeram equipamento militar, incluindo uma estação de radar de vigilância marítima, fabricada pelos britânicos, a segunda de tais unidades que é arrebatada aos egípcios nos últimos 30 dias.

Contudo, fontes bem informadas disseram que a estação de Shadwan, embora moderna, se encontrava virtualmente à venda no mercado e não podia ser comparada em importância com a apresada anteriormente pelos israelitas. Essa era uma estação de radar, que pesava sete toneladas, altamente secreta e fabricada na União Soviética, que foi transportada de helicóptero por «comandos» israelitas desde o Golfo do Suez.

As tropas que realizaram o ataque contra Shadwan foram recebidas numa base do Sinai pelo chefe do estado-maior, tenente-general Haim Barlev, que afirmou que todo o Egipto podia ser considerado como uma zona potencial de guerra para as forças terrestres israelitas.

Ao ser-lhe perguntado por um correspondente se todo o Egipto podia ser considerado uma zona de guerra para as forças terrestres do Estado judaico, o general Barlev respondeu: «Bem, na generalidade, diria que sim. Foram os egípcios que declararam que não vão manter qualquer sessar-fogo... Assim, consideramo-nos livres para operar em qualquer área do Egipto que seja para nós conveniente».

«O Egipto é um grande país. Existem ali imensas oportunidades para nós.»

BERLIM «AQUECE»

(Continuação da 1.ª página)

República Democrática Alemã ver-se-á forçada a tomar medidas para fazer respeitar a sua soberania e os seus interesses».

Entretanto anuncia-se que o chanceler Willy Brandt se deslocará amanhã á noite a Berlim-Oeste devendo conferenciar na segunda-feira com os três comandantes e os encarregados de Negócios dos três países aliados. Visitará também o burgomestre de Berlim-Oeste assistindo depois no antigo Reichstag a uma reunião do grupo parlamentar social-democrata.

As dificuldades levantadas pelas autoridades de Pankow na circulação entre Berlim e a República Federal serão discutidas por Brandt com o comando aliado.

O chanceler regressa na segunda-feira, á noite a Bonn num avião especial das forças americanas.

O EGIPTO ENVOLVIDO NA VENDA DE AVIÕES

NOVA YORK, 24 — (R.) — O «New York Times» anuncia hoje que no grupo, que recentemente concluiu a negociação sobre armamento entre a Líbia e a França, encontravam-se peritos militares da R.A.U. disfarçados de funcionários da Líbia.

O correspondente Peter Grose, citando informações dos serviços secretos diplomáticos, afirma que foi um veterano dos serviços secretos egípcios, Fathi El-Dib, que iniciou de facto a transacção com o Ministério da Defesa francês.

O jornal acrescenta que Fathi El-Dib exerceu pressão sobre os dirigentes da Líbia para comprarem os aviões.

Durante as negociações realizadas em Paris os franceses teriam insistido para que a Líbia assinasse uma cláusula especificando que os aviões não seriam transferidos para outro país (há mais de dois anos que o Cairo aguarda que a França lhe forneça aviões).

Os egípcios não fizeram questão, confiantes de que a cláusula podia ser rodeada mas a Líbia não assinou de bom grado. Simultâneamente a Líbia, o Egipto e o Sudão redigiram um pacto de defesa estipulando a criação de um comando central e reunião das forças armadas em caso de guerra contra Israel.

ITÁLIA: SINDICATOS DENUNCIAM DISPOSIÇÕES DE INTIMIDAÇÃO

ROMA, 24 — (R.) — Os três maiores sindicatos de Itália revelaram a noite passada que foram proferidas acusações contra 9938 operários italianos, a seguir á vaga de greves e de agitação entre a classe trabalhadora, no último Outono.

Os incriminados incluíam metalúrgicos, trabalhadores rurais, operários da construção civil, mineiros e funcionários municipais — diziam os sindicatos numa carta enviada aos presidentes das duas Câmaras do Parlamento, ao primeiro-ministro Mariano Rumor e ao ministro do Trabalho, Carlo Donat Cattin.

Os sindicatos, que protestaram contra o que classificam «uma vaga de repressão» afectando a classe trabalhadora, disseram ainda que outras medidas de intimidação tinham sido tomadas pelas entidades patronais, incluindo despedimentos, suspensões e transferências.

Novas execuções no Iraque

BAGDAD, 24. — (F. P.) — Um militar e dois civis foram executados esta manhã ao alvorecer, anuncia Rádio-Bagdad.

Os dois civis foram enforcados tendo o militar sido fuzilado, precisou a emissora.

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	16/1/70	23/1/70	Desvio %
GERAL	153,9	156,4	+1,6
METROPOLITANAS	145,5	146,9	+1,0
Bancárias	253,0	254,3	+0,5
Eléctricas	94,6	94,9	+0,3
Industriais	136,1	139,4	+2,4
Diversas	154,4	156,1	+1,1
ULTRAMARINAS	215,5	225,8	+4,8
Angolanas	223,6	234,6	+4,9
Moçambicanas	121,6	124,9	+2,7

TUTTI MUNDI DRUGSTORE

APRESENTA ALGO DE NOVO EM PORTUGAL

MÚSICA NA SUA MESA

A magia e o fascínio da autêntica música zíngara

PELO CONJUNTO DE

MAURICE TOUBAS

CHÁ DAS 17 ÀS 19 HORAS
E NO JANTAR DAS 21 H. EM DIANTE

A ACTUAÇÃO DESTA ORQUESTRA É POR TEMPO LIMITADO

Aceitam-se marcações de mesa pelo Telef. 71 40 21

GARAGEM PRIVATIVA

ENTRADA LIVRE E SELECCIONADA

ANTÓNIO SÉRGIO
Obras Completas

a Livraria Sá da Costa Editora iniciará, na Primavera, o lançamento das Obras Completas de António Sérgio — edição crítica organizada sob a orientação de CASTELO BRANCO CHAVES, VITORINO MAGALHÃES GODINHO, RUI GRÁCIO e JOEL SERRÃO, incluindo textos inéditos e artigos dispersos em revistas e jornais portugueses e brasileiros.

AVIÁRIOS: NEGÓCIO DESTE MEIO SÉCULO (2)

PERUA MÃE MORRE «VIRGEM»

• Em Alcabideche: primeiro sistema de inseminação artificial no nosso País

Tudo começou em 1962, com 18 perus vindos de Inglaterra. Hoje, a «Socriaves» (Sociedade Criadora de Aves Seleccionadas, Lda.) tem 105 perus e 820 peruas no aviário da Quinta dos Cinco Ventos, em Alcabideche. O curioso é que os perus, neste caso de propagação da espécie, não tiveram acção directa: em Alcabideche, toda a perua mãe morre «virgem».

Reportagem de NEVES DE SOUSA

— *Trata-se da primeira experiência de inseminação artificial realizada no nosso País* — diz-nos o sr. Gabriel Caeiro Miranda, encarregado-geral da «Socriaves», que acrescenta: — *Colhemos o esperma dos perus e, acto contínuo, injectamo-lo nas peruas. Depois é só esperar...*

Mostra-nos a tabela de prazos e comenta:

— *Dois dias depois a perua põe um ovo.*

A inseminação artificial obedece a uma escala: nas primeiras duas semanas a perua é fecundada duas vezes; a partir daí o esperma de peru é injectado na fêmea de 15 em 15 dias, durante seis meses.

— *Colhidos os ovos, passam á incubadora. Agora (por exemplo) temos lá 560 ovos, entrados no passado dia 12. No dia 24 fazemos um teste para separar os ovos fecundados. E, no dia 6 de Fevereiro, entram na chocadeira, a uma temperatura de 90 graus. No próximo dia 10 de Fevereiro, teremos aí uma nova fornada de peruzinhos.*

E o sr. Gabriel Miranda esclarece:

— *Portanto, desde que o ovo entra na incubadora até que se efectua a reprodução decorrem, exactamente, 28 dias. Para esta operação apenas se escolhem os ovos fecundados: os outros são logo vendidos.*

Na «Socriaves» presentemente, há 340 peruas em condições de pôr ovos: uma média de 200 unidades em cada 24 horas.

Alimentação especial

A raça de perus-peruas que melhor se adapta á inseminação artificial é a «gigante inglês»: a carne é vendida a 47$50 cada quilo e toda a produção da «Socriaves» é consumida pelos mercados de Lisboa, Porto, Braga e Chaves.

— *Mas também temos vendas asseguradas para o Algarve* — afirma-nos António Elias que coadjuva Gabriel Miranda na Quinta dos Cinco Ventos. — *Noutras instalações da firma, na Vargem de de Sintra, estão 1300 aves prontas para o abate. O que comem os perus pré-reprodutores? Olhe, a fórmula vem aqui.*

Estende-nos uma etiqueta de «alimento composto completo, vitaminado e mineralizado, destinado a perus pré-reprodutores no período de tempo compreendido entre as 14 semanas e a postura». Eis a composição global: teor em água — 13 por cento; fibra bruta — 6 por cento; cinza insoluvel — 1,5 por cento; proteína bruta — 15 por cento; cálcio — entre 0,8 e 1,3 por cento; fósforo 0,6 a 0,9 por cento. O valor energético desta mistura (denominada 1-T-2) é de 2590 calorias metabolizáveis por quilograma. A sua actividade biológica estende-se por 90 dias.

As várias farinhas

Todavia, neste «1-T-2» entram também outros produtos, tais como farinha de milho, sêmea de trigo, bagaço de palmiste, vitaminas, minerais e oligoelementos. Vejamos a dosagem vitamínica: 10 000 unidades de vitamina A; 2500 de vitamaina D_3; 50 miligramas de vitamina B_2; 10 microgramas de vitamina B_{12}; 25 unidades de vitamina E; um miligrama de vitamina K; seis miligramas de ácido pantoténico; 0,6 miligramas de ácido fólico; 13,5 miligramas de ácido nicotínico e 360 miligramas de colina.

Quanto a minerais, temos 18,25 gramas de carbonato de cálcio e dois gramas de cloreto de sódio. Finalmente, em oligoelementos, encontram-se 75 miligramas de manganês, 10 miligramas de cobre, dois miligramas de iodo, 50 miligramas de zinco e 50 miligramas de ferro.

— *A «1-T-2» tem outras farinhas irmãs: a «1-T-1» (para bebés com menos de seis semanas de idade), a «2-T-1» (para os animais que ultrapassam as seis semanas de vida), a «2-T-2»(só para reprodutores) e a «3-T-1» (exclusivamente destinada á engorda).*

E o sr. Gabriel explica:

— *A ração diária de uma perua é de 400 gramas de qualquer destas farinhas.*

Doze perús para 200 perúas

Na «Socriaves», pelo método artificial, 12 perus inseminam 200 peruas. Quando completam seis meses de vida acabam a carreira e passam ao tacho.

— *O peso médio de cada peru (adulto) oscila entre os 13 e os 15 quilos. As peruas (que vão á faca por alturas da décima oitava semana de vida) nunca ultrapassam os seis quilos. Do peru extraímos bifes. Foi uma ideia minha. A carne, congelada durante 30 horas, tem uma grande procura e vende-se (em bifes) a 50 escudos o quilo.*

António Elias: é ele quem procede, diáriamente, á operação de «inseminação artificial»

Gabriel Miranda, o «inventor» dos bifes de peru

A laminação de bifes de peru

Legislação do trabalho e previdência do Ultramar

No prosseguimento de medidas ultimamente tomadas pelo Ministério do Ultramar, relativamente á jurisdição e disciplina das relações jurídicas de trabalho, foram remetidas para publicação no «Diário do Governo» duas portarias mandando aplicar ao Ultramar, com as alterações que o condicionalismo local impõe, o Código do Processo do Trabalho e o Código das Custas Judiciais do Trabalho, actualmente em vigor na Metrópole.

Na mesma linha de orientação, foram já submetidos á apreciação do Conselho Ultramarino dois novos projectos de diploma, um simplificando os tramites processuais nos tribunais municipais do trabalho do Ultramar e outro instituindo comissões corporativas e regulando o seu funcionamento e processo.

Com a futura regulamentação, já em estudo, respeitante á magistratura e funcionários de justiça a colocar nos tribunais de trabalho de 1.ª instancia, se completará todo o novo sistema judiciário do trabalho e previdência social do Ultramar.

POEMAS DE RUY BELO («Homem de palavra (s)») NA GALERIA 111

Na Galeria 111, ao Campo Grande, é lançado esta tarde, ás 18 e 30, o novo livro de poemas de Ruy Belo, «Homem de Palavra(s)», agora publicado com o n.º 9 de Cadernos de Poesia das Publicações D. Quixote.

No entanto, Gastão Cruz falará sobre «Homem de Palavra(s)» do qual serão apresentados alguns poemas, lidos pelo autor e por Ana Maria Teodósio.

Além de vasta produção dispersa por jornais e revistas, Ruy Belo publicou já, em poesia, «Aquele Grande Rio Eufrates», «Problema da Habitação» e «Boca Bilíngue».

OS 4200 CONTOS DA SORTE GRANDE

foram distribuídos pela

CASA DA SORTE

Veja, por favor, o anúncio da página central

«AMIGOS DA COSTA»

A comissão organizadora do grupo «Amigos da Costa» comunica-nos que foi definitivamente encerrada a inscrição de sócios fundadores, estando agora á disposição dos interessados as inscrições nas categorias «efectivo» e «contribuinte». A mesma comissão comunica-nos ainda que, em virtude do resultado obtido com a primeira festa, que serviu de inauguração ás actividades deste agrupamento, vai promover na «Cave», sua sede provisória, os quatro bailes de Carnaval, com uma «Tarde Infantil» e um Baile Trapalhão» no domingo de Carnaval.

A LOTARIA DE ONTEM

NUMEROS PREMIADOS

10611 — 4 200 000$
17578 — 420 000$
43893 — 240 000$

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

10610 — 12 870$
10612 — 12 870$

PRÉMIOS DE 12 000$00

6060	6580	6993	7546	8274
8606	9542	10677	10847	11276
11626	12398	16963	20349	21668
22060	22070	23640	24246	25005
25253	25835	26001	26013	27524
31394	41226	44540	45064	45514
47014	48931			

PRÉMIOS DE 480$00 (centenas)

10601 a 10700; 17501 a 17600 e 43801 a 43900

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os numeros cujos três ultimos algarismos sejam 561, são contemplados com 1260$00, em cada bilhete; os terminados em 220, 509, 564, 616 e 967, com 900$00; aqueles cujos dois ultimos algarismos sejam 81 têm direito a 900$00 de prémio; em 08 e 38, a 600$00. Por ultimo, todos os restantes numeros cujo algarismo final — terminação — seja 1, são premiados com 300$00, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

☆

Os 4200 contos da «Sorte Grande» foram distribuídos pela Casa da Sorte.

O PÃO QUENTE

VENDEU O 2.º PRÉMIO

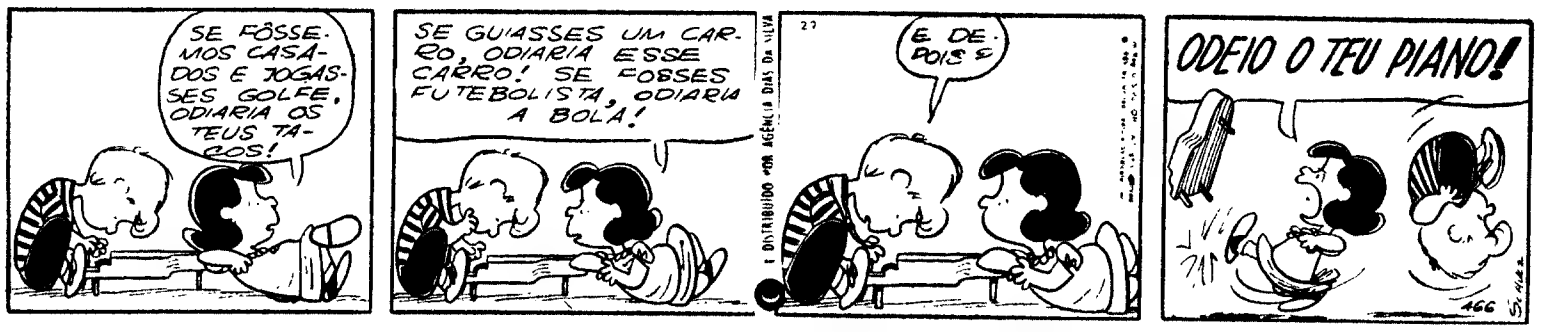
17 578 — 420 000$00

NÚMERO CERTO

O PÃO QUENTE

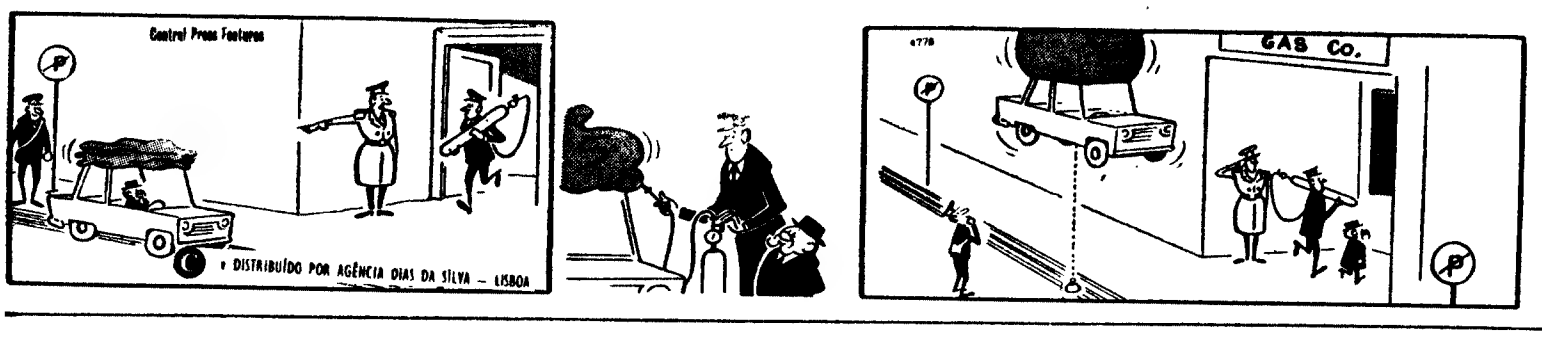
N. B. — O bilhete foi enviado ao nosso cliente revendedor Sr. João Borges Pires — CASTELO BRANCO

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 24 de Janeiro de 1940 publicava:

«O minúsculo coração que o dr. Alexis Carrel retirou de um embrião de qualquer galináceo, guardando-o, no Instituto Rockfeller, dentro de um frasco mergulhado num «caldo de cultura», sucumbiu há dias, depois de haver pulsado 28 anos, á razão de 100 pulsações por minuto. O autor de «L'Homme, cet Inconnu» supôs que aprisionara um pouco do mistério da vida mostrando assim que na matéria animada há elementos imortais.

«Foi inútil ou estéril a sua «experiência»?

«O tempo o dirá, mas a opinião dos entendidos manifesta-se-lhe favorável, multiplicando-se os trabalhos laboratoriais e de paciente investigação, a fim de atingir no fluxo das coisas a parte incorruptível.

«Os progressos da ciência não são rápidos, pois os erros crescem e as verdades que os destroem surgem envoltas em expressas trevas.»

PASSAPORTES?
paneuropa
Rua Braamcamp, 11 - C-D
T. 561871-2-3-4 — LISBOA

Em ODEMIRA o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por Augusto da Conceição Correia, Rua Alexandre Herculano, 16

Palavras cruzadas

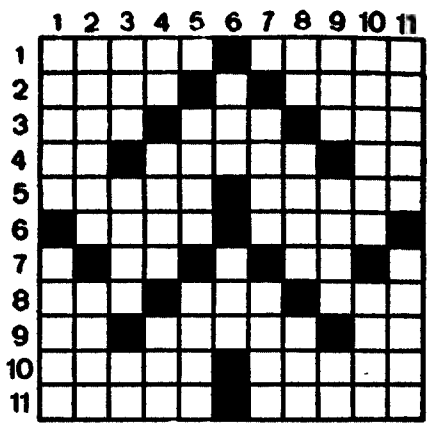
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5426

HORIZONTAIS: 1 — Amuralha. Fausto. 2 — Roi. Rio da Polónia. 3 — Ilha de estado da Baía. Pronome relativo. Acredita. 4 — Preposição latina que designa movimento. Transpirara. Oferece; 5 — Rio da França e da Alemanha. Partir em migalhas. 6 — Sair frequentemente á rua. Aversão. 7 — Artigo definido. Viração. Artigo definido. 8 — Preposição e artigo definido (pl.). Igual. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho; 9 — Troça. Mulheres dos filhos em relação aos pais dele. Barlo (s. q.) 10 — Equipar. Rabitai. 11 — Melão muito doce. Rezara.

VERTICAIS: 1 — Cantigas. Curam. 2 — Governar. Entonteça. 3 — Joeira. Artérias. Mil e cinquenta em romano. 4 — Rádio (s. q.). Senhoras. Negativa. 5 — Deseja. Colocará. 6 — Planta cujo suco é empregado para envenenar as frechas dos Mandingas. Parelha. 7 — Descampado. Ramalhete. 8 — O sono das crianças. Ópera de Verdi. Ribeira do distrito de Portalegre. 9 — Mil e seiscentos em romano. Ronda. Batráquio. 10 — Indulto. Formar as abas a. 11 — Limpar com areia. Freguesia do concelho de Torres Novas.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5425

HORIZONTAIS: 1 — Amainar. Cãs. 2 — MUITOS. Saro. 3 — Ársis. Carpa. 4 — Vã. Honrar. 5 — Ada; Tarai. 6 — Amar. Viço. 7 — Abano. Apo. 8 — Adrego. Er. 9 — Lírio. Acaro. 10 — Mães. Anosas. 11 — Ási. Atorara.

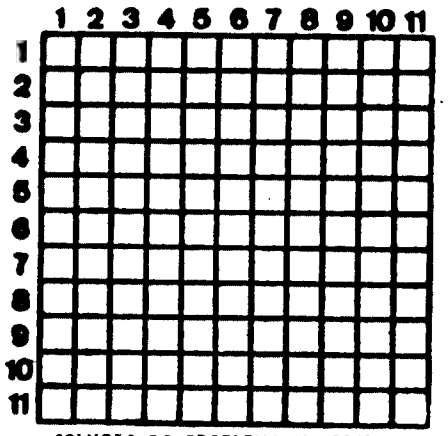
VERTICAIS: 1 — Amava. Calma. 2 — Murada. DIAS. 3 — Aiis. Amarrei. 4 — Itis. Abeis. 5 — Nós. Trago. 6 — Ás. Há. NO. Ar. 7 — Corvo. ANO. 8 — Sanal. Açor. 9 — Carriça. Asa. 10 — Arpa. Operar. 11 — Seara. Arosa.

Provérbio: MUITOS DIAS HÁ NO ANO.

PROBLEMA N.º 9269

HORIZONTAIS: 1 — Cidade da Suécia. Fecha um pouco (os olhos). 2 — Serra de Portugal. Moço lésbio amado por Safo. 3 — Rate. Distrito da Índia Portuguesa. Colera. 4 — Prasiodímio. (s. q.) Charrua. Pronome pessoal. 5 — Arma branca, de lâmina curta e larga, com dois gumes. Enfeitas. 6 — Acrescentei. Prefixo que designa ar. 7 — Caminhará. Terceiro. 8 — Campeão. Cofres. Pronome pessoal. 9 — Mágoa. Navegador português que dobrou o cabo da Boa Esperança. Matemática (Abrev.). 10 — Combina. Espécie de junco que cresce nos terrenos pantanosos. 11 — Untaríamos.

VERTICAIS: 1 — Rasgão. Re de Israel em 905 (A. C). 2 — Desperta. Coiro curtido. 3 — Baiela. Acrescentei. Troçar. 4 — Cidade da antiga Caldeia. Procedera. Viração. 5 — Grande. Heroína francesa que foi queimada viva. 6 — Leva á sirga. Tombar. 7 — Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas. O mesmo que ion. 8 — Pequena ilha francesa fortificada do Mediterrâneo. Verbais. Utensílios doméstica. 9 — Vai para fora. General de Napoleão. Pronome pessoal. 10 — Tolhar. Vento frio e agreste (pop). 11 — História. Freguesia do concelho de Famalicão (Braga).



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9268

HORIZONTAIS: 1 — Aarau. Aabam. 2 — Piar. Irmã. 3 — Largara. 4 — Grama. Lavra. Oire. Rias. 6 — Sa. For. As. 7 — Op. Líbia. Tá. 9 — Dinia. Sares. 9 — Idas, Riija. 10 — Aos. Pôr. Par. 11 — Isolo. Avara.

VERTICAIS: Apago. Odiai. 2 — Ríspidos. 3 — Raiara. Raso. 4 — Arame. Lis. 5 — Rã. Fia. Pó. 6 — Ag. Sob. Co. 7 — Al. Ris. Ra. 8 — Airar. Aar. 9 — Bravia. Ripa. 10 — Am. Rastejar. 11 — Malas. Asara.

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS
	LINHA DE ÁFRICA
«PORTO» a sair em 2 de Fevereiro	Com escala por **LEIXÕES** para: **S. TOMÉ** (se necessário), **LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA** e **PORTO AMÉLIA** (se necessário),
«INFANTE D. HENRIQUE» a sair em 7 de Fevereiro às 12 horas	Com escala por **FUNCHAL** para: **LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES** e **BEIRA**. Carrega de 2 a 5 de Fevereiro.
«BAILUNDO» a sair em 14 de Fevereiro	Com escala por **LEIXÕES**, para: **S. TOMÉ** (se necessário), **LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE** e **NACALA**. Carrega de 8 a 12 de Fevereiro.
«GANDA» a sair em 23 de Fevereiro	Com escala por **LEIXÕES**, para: **CABINDA, SAZAIRE**, (se necessário), **LUANDA, PORTO AMBOIM, NOVO REDONDO, LOBITO, MOÇÂMEDES** e **PORTO ALEXANDRE** (se necessário). Carrega de 17 a 21 de Fevereiro.
	LINHA DA AMÉRICA CENTRAL
«SANTA MARIA» a sair em 9 de Fevereiro às 18 h.	Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUAIRA CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telefs. 36 96 21/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Telef. 2 33 42

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos VALENIIM DE CARVALHO
Comércio e Industria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

SACHADORES ROTATIVOS
AGRIC
Para todas as marcas de tractores
Dist. Excl.
SIPEMA
R. de Arroios, 87-A
LISBOA
Telefs.: 534630 e 46894
Filial: BEJA — Rua do Vale, 13—Tel. 1.440

PRÉMIOS ENTREGUES AOS MELHORES ALUNOS DO LICEU PEDRO NUNES

No Liceu Normal de Pedro Nunes, decorreu hoje uma sessão, durante a qual foram entregues vários prémios aos alunos que, nos exames dos diversos ciclos, obtiveram as melhores classificações, no ano findo.

Presidiu o reitor do estabelecimento, dr. Jaime Furtado Leote, que abriu a sessão com algumas breves palavras em que definiu o significado do acto e se referiu ás diversas actividades levadas a efeito no último ano lectivo.

Falaram igualmente os drs. Samuel Bentes Ruah, presidente do Conselho dos Pais e Alunos do Liceu Pedro Nunes, e Paulino Gomes Junior, presidente da Associação de Antigos Alunos, e o jovem Miguel Oliveira e Silva, que frequenta actualmente o 7.º ano.

Foram premiados com a obra «Portugal, a terra e o homem», de Jaime Cortesão (escadernação de luxo) os alunos Rui Jorge Carvalho de Aguiar Callado, João Manuel Martins Barreira e Guilherme de Orey Arriaga da Cunha, os melhores classificados, respectivamente, nos 1.º, 2.º e 3.º ciclos. Estes prémios foram concedidos pelo Conselho dos Pais dos Alunos. Os mesmos jovens receberam lembranças atribuídas pela Associação dos Antigos Alunos.

O Prémio Nacional (no valor de 1420$00) foi concedido ao aluno Luís Manuel Mateus Paiva, que concluiu o 7.º ano com 18 valores, o qual foi igualmente contemplado com o Prémio D. Dinis, da Sociedade Central de Cervejas, no valor de mil escudos.

O Prémio D. Dinis, no mesmo valor, foi ainda atribuído ao aluno Guilherme de Orey Arriaga, que concluiu o 7.º ano com 17 valores.

Os alunos premiados, com o reitor do Liceu

Em três linhas

O tenente-coronel do corpo do estado-maior José Lopes Alves, foi nomeado secretário permanente do Instituto de Altos Estudos de Defesa Nacional.

///

Foi rescindido, a seu pedido, o contrato com o arq. Nuno Rodrigo Martins Portas, como primeiro-assistente além do quadro da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa.

///

Foi contratado, por conveniência urgente de serviço, para professor catedrático além do quadro de Filologia Germânica da Faculdade de Letras de Lisboa o dr. Erwin Theodor Rosenthal.

O «Diário do Governo», de 16 de Janeiro, hoje distribuído, publica o decreto-lei com a actualização dos vencimentos das autarquias locais e das administrações de bairro de Lisboa e Porto.

///

O eng.º Deodato Chaves de Magalhães Sousa foi nomeado para o lugar de presidente da Comissão Consultiva da Região dos Açores.

///

O sr. governador civil e o presidente do Município de Bragança vieram a Lisboa tratar, em diversos Ministérios, dos interesses daquele distrito. Também foi solicitada àquele governador a criação, na referida cidade, de uma escola do ensino politécnico.

Estranho desaparecimento de um gerente comercial

PORTO, 24.

Desde segunda-feira ultima que a família do sr. António Maria Dias, de 48 anos, solteiro, da Rua Direita, 173, em Leça da Palmeira, Matosinhos procura por todos os meios localizar o paradeiro daquele que repentina e misteriosamente desapareceu. O facto foi também comunicado á Polícia dois dias depois, mas, entretanto, continua a nada saber-se sobre aquele gerente comercial muito conhecido em Matosinhos.

O mistério adensou-se mais a partir de ontem pois, ás primeiras horas da manhã, dois internados da Obra do Padre Grilo encontraram abandonada na Rua 1.º de Dezembro a carteira do sr. Dias com papéis de menor importancia e os respectivos elementos de identificação.

O estranho desaparecimento transitou já para a P. J. que procede ás devidas investigações.

Semana dos finalistas da Faculdade de Letras

Com uma «tarde de baladas», começa depois de amanhã, ás 17 horas, a Semana dos Finalistas da Faculdade de Letras de Lisboa.

No dia 28, ás 15 horas, também na Faculdade, realiza-se uma «tarde de convívio» e, no dia seguinte, ás 18 e 30, uma sessão de cinema, no Roma, com a exibição do filme «Pedro, o louco».

A «semana» encerra-se no dia 31, ás 22 horas, com um baile a realizar também na Faculdade, abrilhantado por dois conjuntos musicais.

REUNIÃO NO GOVERNO CIVIL DA GUARDA

No Governo Civil da Guarda efectuou-se esta tarde uma reunião do chefe do distrito com os deputados por aquele círculo Francisco Balsemão, Francisco Esteves e Lopes Quadrado, e ainda todos os presidentes das Camaras de todos os concelhos do distrito. Foram tratados diversos assuntos de interesse regional.

Doutorou-se em Oxford um assistente do Técnico

Acaba de doutorar-se na Universidade de Oxford o eng.º Alberto Romão Dias, assistente de Química Analítica e Inorganica da Instituto Superior Técnico e bolseiro do Centro de Estudos de Química Nuclear do I. A. C.

A sua tese de doutoramento, sobre «Compostos organo metílicos», constitui um exaustivo trabalho sobre uma família desta classe de substancias.

O eng. Romão Dias regressa em breve a Lisboa, retomando as suas funções no I. S. T.

Transportes de suínos do Sul para o Centro e Norte do País

Segundo informou a Direcção-Geral dos Serviços Pecuários é permitida a saída de porcos gordos de montanheira, originários das regiões do Sul do Tejo para os distritos do Centro e Norte do País, com a condição de transitarem a coberto de guia sanitária de transito, a solicitar ás intendências de pecuária da área de procedência.

Quaisquer outros esclarecimentos podem ser solicitados ás intendências de pecuária.

SEGUIU PARA O PORTO A SELECÇÃO ALEMÃ DE ANDEBOL DE SETE

Chegou hoje a Lisboa, seguindo pouco depois para o Porto, a equipa alemã de andebol de sete que amanhã defronta a selecção nacional.

Num encontro ontem disputado contra a Espanha os alemães venceram por 18-14.

SINDICATO NACIONAL DOS CONSTRUTORES CIVIS

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Nos termos estatutários convoco a Assembleia Geral deste Sindicato para reunir na sua sede, sita na Calçada do Combro, n.º 127-2.º, nesta cidade, no dia 28 de Janeiro corrente, pelas 20,30 horas, em primeira convocação, com a seguinte

ORDEM DOS TRABALHOS

DISCUSSÃO E VOTAÇÃO DO RELATÓRIO E CONTAS DA DIRECÇÃO, RELATIVOS A 1969

Não havendo número legal de socios à hora marcada, fica a Assembleia Geral desde já convocada para as 21,30 horas daquele dia, reunindo legalmente com qualquer número de sócios presentes.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Arménio Pires Sêrro

O «Russo» e o «Chicha» presos pela Judiciária

Os assaltantes da sede do Grupo Recreativo das Galinheiras, no passado dia 14, bem como de uma drogaria do Bairro da Liberdade, foram identificados e detidos pela Polícia Judiciária. São Joaquim Manuel Gomes da Silva Branquinho «o Russo» e António José Carvalho Antunes «O Chincha».

O primeiro dos detidos encontra-se na situação de liberdade condicional, e o segundo tinha-se evadido do estabelecimento onde estava preso, no passado dia 6.

São acusados do furto de uma máquina de escrever, de um gravador de som e determinada quantia em dinheiro. As investigações prosseguem.

Relógio na Galeria Interforma

O pintor Francisco Relógio, após a sua importante exposição em Madrid, abre, no próximo dia 26, ás 22 horas, uma montra de pintura na Galeria Interforma, na Avenida Casal Ribeiro, 14, em Lisboa

Caixa de Previdência e Abono de Família da Indústria do Distrito de Lisboa

Alameda D. Afonso Henriques, 45 — Lisboa

Caixa de Previdência do Distrito do Porto

Rua da Constituição, 352 — Porto

AVISO

Avisam-se todas as empresas que exercem a industria metalurgica no distrito do Porto, que vinham a contribuir para a Caixa de Previdência e Abono de Família da Industria do Distrito de Lisboa que, por despacho de Sua Excelência o Ministro das Conporações e Previdência Social, de 30 de Maio de 1969, passam a estar abrangidas pela Caixa de Previdência do Distrito do Porto, com efeitos a partir de 1 de Janeiro de 1970.

Assim, as folhas de férias respeitantes ao mês de Janeiro, bem como as respectivas contribuições, deverão ser entregues e pagas á ordem da referida Caixa de Previdência do Distrito do Porto, de 11 a 20 de Fevereiro de 1970.

A Comissão Organizadora da Caixa de Previdência e Abono de Família da Industria do Distrito de Lisboa

A Direcção da Caixa de Previdência do Distrito do Porto

A GESTETNER, LDA.
CASA PAPPÁMIKAIL, LDA.
ANAPAL

INFORMA OS EX.mos CLIENTES QUE OS SEUS TELEFONES FORAM ALTERADOS PARA 725082/3.

Agente ou organização representações

FIRMA CONFECÇÕES NORTE PAIS pretende para fins colocação seus artigos área de LISBOA

Resposta à Delegação deste Jornal ao n.º 116 Rua do Almada, 30-2.º — Porto

ESCRITURÁRIO

Precisa firma em Sacavém. Conhecimentos de contabilidade. Serviço militar cumprido. Resposta a este jornal ao n.º 415.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA

SECRETARIA

BRAGANÇA

Concurso para admissão de auxiliares de enfermagem (Masculino-e-feminino) Hospital Regional de Bragança

A Mesa Administrativa faz publico de que, pelo prazo de 30 dias, a contar da 1.ª publicação deste anuncio, está aberto concurso para preenchimento de vagas existentes no quadro de Auxiliares de Enfermagem do Hospital Regional de Bragança.

O vencimento é o constante do quadro já actualizado, acrescido das percentagens para pessoal.

As condições estão patentes na Secretaria dos Serviços Administrativos da Santa Casa.

Santa Casa da Misericórdia de Bragança, 20 de Janeiro de 1970

O Provedor,

Manuel Maria Sampaio

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

OS VIGILANTES DA FLORESTA

Os programas dedicados à juventude prosseguem, pelas 19 e 45, com um episódio filmado da série «Os Vigilantes da Floresta». Intitulado «O Castor Branco», conta a aventura do sr. Mac Leod, um pesquisador de ouro, que toda a sua vida tentou encontrar o precioso metal, mas sempre inùtilmente. Resolve, então, sair da cidade, mas os Vigilantes da Floresta, ao pretenderem retê-lo...

REPORTAGEM DO EXTERIOR
HÓQUEI EM PATINS

Os entusiastas e apreciadores do jogo de hóquei em patins podem assistir á inauguração do Pavilhão Gimnodesportivo da Amadora, pelas 22 e 30, incluindo um desafio de interesse, transmitido pela R. T. P., sob a direcção de Hélder Mendes.

Júlia Babo, presença do Estúdio C desta noite

TV MUNDO

Pelas 20 e 30, em «TV Mundo» é apresentado um excelente documentário sobre a penetração norte-americana no território da Louisiana. Na base do filme está o «Diário de Lewis e Clarck», os célebres exploradores que se lançaram nesse empreendimento.

Além de Pedro Moutinho, apresentador habitual da rubrica, nela intervêm Rui de Carvalho, Canto e Castro e Norberto Barroca.

ESTÚDIO C
COM JÚLIA BABO

Pelas 23 e 40, é transmitido um «Estúdio C» com a cançonetieta Júlia Babo, que, nesta sua primeira actuação, após longa ausência, interpreta ùnicamente canções do fólclore açoriano.

Títulos dessas canções: «Manjericão do Pico», «Chamarrita do Meio», «Pèzinho do Pico», «Tanchão», «Rola», «Eu Cá Sei», «Sapateia da Cadeia», «Tirana (Pico)», «Saudade» e «Folgadinho».

A importancia dos acessórios, tema presente em «Nós as Mulheres», não é apresentada tão ao vivo. Temos de contar, não há duvida, que este «acessório» é um pouco perigoso

NÓS, AS MULHERES

Coordenado por Luisa a dr.ª Natália Sanches Fer-Damaia, o programa «Nós as Mulheres», a transmitir cerca das 16 e 30, apresenta um encontro de Maria Helena Mensurado com reira versa o desenvolvimento psicomotor da criança. Por último, Maria Leonor comenta a rubrica «A importância dos acessórios», que quatro jovens e Iracema da Conceição e a belos manequins ilustram sua poesia. Seguidamente, com sua graça e encanto.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 18 e 50: Teledesporto; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Série Juvenil; 20 e 10: E a vida continua...; 20 e 25: TV Mundo; 21 e 30: Telejornal; 22 e 30: Reportagem do exterior; 28 e 40: Estudio C; 0 e 05: Marcha do Mundo; 0 e 15: Fecho.
II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22 e 30: Tele-Ritmo; 23 e 30: Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — I Programa — Às 12 e 30: Abertura e Missa de Domingo; 13 e 10: Dia do Senhor; 13 e 30: Musica e Artistas; 14 e 05: Série Juvenil; 15: Telejornal; 15 e 10: Desenhos Animados; 15 e 35: Tarde de Cinema; 16 e 45: Nos bastidores da aventura; 17 e 05: TV Educativa; 17 e 30: Domingo Desportivo; 17 e 45: Disneylândia; 18 e 30: Folclore; 18 e 55: TV Rural; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45 Expedição; 20 e 10: Se Bem Me Lembro; 20 e 30: Notícia do Espectáculo; 20 e 55: Domingos da Europa; 21 e 30: Telejornal; 22 e 05: «Os Cavaleiros do Céu»; 22 e 35: Milva — Tema Tango; 23 e 30: Domingo Desportivo; 23 e 50: Marcha do Mundo e Fecho.
II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Estudio C; 22 e 25: «Relatório Confidencial»; 23 e 15: Recital; 23 e 35: Fecho

II Programa
TELE-RITMO

Repete-se hoje o programa Telerritmo com Antoine, Annie Fratelini, Filipine Dorado Dancer's, Duo Orpheu, Tibério e Lúcia, Intróito, Psico, Lenita Gentil e Sindicato.

Apresentação de Henrique Mendes.

TV INFANTIL

Pelas 17 e 10, os mais pequenos telespectadores têm o seu programa, TV Infantil, com autoria e apresentação de Maria de Fátima Leal. Histórias e jogos constituem um agradável entretenimento, durante quase vinte minutos, para toda a pequenada.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 18 e 05: Musica de filmes; 18 e 15: Emissão Infantil, por Madalena Patacho; 18 e 45: Vedetas «Pop»; 19 e 45: Rádio rural — Musica, só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Actualidades musicais; 20 e 30: 21.º e último episódio do folhetim «Roça», de Fernando Reis, numa adaptação de Judite Navarro; 21: Revista da Semana; 21 e 30: Musica ligeira; 21 e 40: 1.º Parte dum programa de Variedades, realizado em Caxias; 22 e 30: Tempo literário: Poesia, e Sonho, por Miguel Trigueiros; 22 e 50: A Orquestra de Tony Hatch; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: Suite Sinfónica «Scheherazade», de Rimsky-Korsakoff, pela Orquestra Sinfónica da Radiodifusão Belga, dirigida por Franz André; 17 e 10: Ode a Santa Cecília, de Handel, pelo soprano Teresa Stich-Randall; 18: O Maestro Antal Dorati: — «Carmen» (Suite n.º 2), de Bizet, dirigindo a Orquestra de Concertos «Lamoureux»; Sinfonia n.º 5, em mi menor, op. 95 «Do Novo Mundo», pela Orquestra do Concertgebouw, de Amsterdão; 19: Espelho de Mil Faces, por António Manuel Couto Viana; 19 e 20: Musica de teclado; 20: Diário Sonoro; 20 e 30: Ciclo de Melodias — Canções e Danças da Morte, de Mussorgsky pelo baixo Boris Christoff e a Orquestra Nacional da Radiodifusão Francesa, dirigida por Georges Tzipine; 21: Pequeno Concerto em que colaboram o Orfeão de Castelo Branco, sob a direcção de Carlos Gama; 21 e 25: O Trio «Beaux Arts», na interpretação do Trio em Dó Maior 21 e 45: O Gosto pela Música, pelo Dr. João de Freitas Branco; 22 e 15: Música Sonora, de Pergolesi; 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2 — 94,3 mc/s — Às 23: Festival de Liége de 1969 — em gravações cedidas pela Radiodifusão Televisão Belga; 0 e 11: «As Quatro Estações», op. 8 n.º 1 a 4, de Vivaldi: Primavera; Verão; Outono e Inverno — Orquestra Pro Arte de Munique sob a direcção de Kurt Rede; 1: Fecho.

Rádio Universidade — 451 mc/s — 665 kc/s — Às 19 e 10: Abertura; 19 e 15: Recital; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 210,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Conjuntos instrumentais; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Robbialac; 19 e 30: Teatro Trágico; 19 e 45: Rádio-Jornal; 20: Nota de Abertura e Noticiário; 20 e 15: Orquestras Famosas; 20 e 30: Jornal dos Espectáculos; 20 e 45: Vozes que são êxito; 21 e 03: Rádio Placard; 21 e 15: Musica tradicional e palestra religiosas; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 03: Grande roda; 0 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência—97,4 mc/s — Às 16: Da Phillips para si; 16 e 15: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu Mundo; 18 e 45: Conjuntos; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: O ritmo e a Melodia; 21 e 15: Rádio Placard; 21 e 45: Hora Luterana; 22: Noticiário; 22 e 03: Uma vedeta na Noite; 22 e 15: O Mundo de amanhã; 22 e 30: Carrocel-3; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 238,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Programa Sumol; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Diálogo com os que sofrem; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Musica e canções para o seu fim de semana; 21 e 45: Grande Plano; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Cartas a ninguém 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Musica de filmes; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Diálogo com os que sofrem; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico da vida; 21 e 30: Aventura; 22: Auditório; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s. **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 14 e 30 ás 19 e 30. **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 ás 10 e das 19 e 30 ás 22. **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 10 ás 12 e das 22 ás 2. **Rádio Graça** — Das 12 ás 14 e 30

canal da crítica

SAMANTHA E 007: A TRABALHAR NO MESMO RAMO

O apresentador daquele programa de televisão estava verdadeiramente indignado com a polícia. Parecia impossível. «Três bonitas raparigas americanas foram assassinadas e a polícia, por enquanto, nada descobriu». Uma pessoa fica a pensar que as vítimas não fossem raparigas, não fossem bonitas e não fossem americanas a indignação do locutor não ficaria tão assanhada perante um público que se pretendia impressionar.

Os assassínios e o quase-assassínio foram ali cometidos à nossa vista e fez-se a devida publicidade ao material utilizado: lenços de seda.

Não vale a pena entrar na análise de uma fita que não possui o menor interesse. Aliás, com estes filmes policiais acontece o mesmo que com os chamados «westerns»: o policial ou o «western» são meros pretextos para causar arrepios, ou fazer pregações de moral ou levar a água ao moinho ianque.

A observação atenta aos pequenos pormenores ensina-nos a ver um pouco por dentro a vida quotidiana na América e a maneira como os filmes servem de veículo aos mitos uteis.

No episódio da série «Casei com uma feiticeira», por exemplo, quando se entrava em casa de Samantha a primeira coisa que se via, á entrada, no chão, era um televisor. Na «Brigada Especial», por seu lado, assistíamos a este diálogo:

— *Julgam-no um insignificante.*

— *Porquê?*

— *Passa as noites a ver televisão.*

— *É o que toda a gente faz.*

Ainda na série «Casei com uma feiticeira» se fazia a publicidade á figura do James Bond — e a mesma menção simpática ao 007 nos aparece na «Brigada Especial»...

Não admira que James Bond venha a referir-se, nas suas aventuras, a favor e em louvor do «mundo livre», á Julie, á Samantha & C.ª Limitada. Amor com amor se paga.

A televisão portuguesa contribuiu para as comemorações do bicentenário do nascimento de Beethoven através da rede da Eurovisão com a interpreção da sonata «O Adeus», pelo nosso melhor pianista: Sequeira Costa.

A obra, o autor e o intérprete prescindem, naturalmente, de uma crítica formal. Ao crítico pouco mais lhe compete, neste caso, além de se manter, como simples telespectador, no meio de outros milhões de telitspectadores.

Telespectadores de fora de Lisboa, especialmente. Porque, na capital, Beethoven tinha um fortíssimo concorrente na pessoa de Gary Cooper.

Tive melhor a noção do perigo quando se deu aquela

(Continua na pág. seguinte)

ESTUDANTES!
3.º CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO: ATÉ 31 MARÇO 70

Compre a melhor vista de mar comprando APARTAMENTOS MOBILADOS OU MORADIAS A J. PIMENTA, S. A. R. L.

EM CASCAIS E PAÇO D'ARCOS

RENDIMENTO DE 6 A 10%, GARANTIDO POR ESCRITURA PÚBLICA, DURANTE 6 E ATÉ 18 ANOS, À ESCOLHA DO CLIENTE

Compre a sua propriedade e não mais terá preocupações, pois receberá directamente em sua casa, no n/ escritório, ou no Banco o rendimento certo e seguro a que tiver direito. Pode ainda habitar ou explorar directamente o aluguer da sua propriedade

Preços dos Apartamentos mobilados: 150, 175, 180, 185, 190, 195, 200, 215, 225, 230, 250, 255, 265, 305, 325, 350, 470 e 600 contos

» » Andares: 4 assoalhadas 300 contos; 5ass. 380 contos, 6 ass. 440 contos; 9 ass. 750 contos e 12 ass. 880 contos

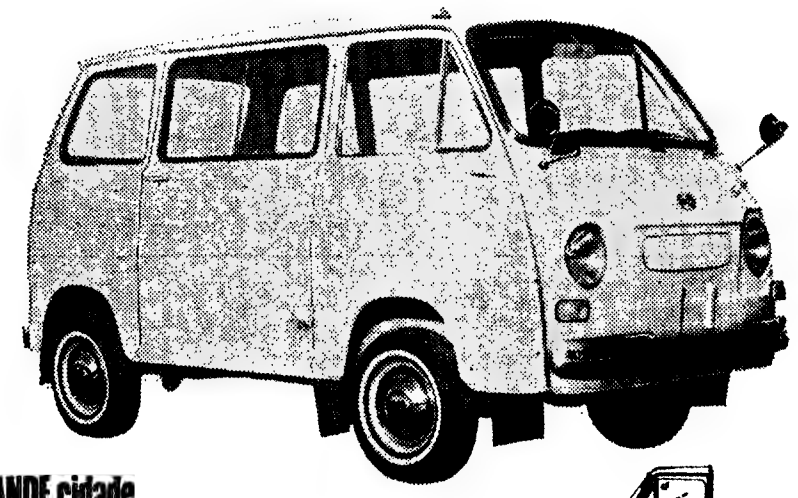
Locais onde possuimos andares e apartamentos: Amadora, Reboleira, Venda Nova, Paço d'Arcos (Espargal), Parede, Cascais e Lisboa.
Moradias Luxuosas: 9 divisões assoalhadas 3 casas de banho, cozinha, garagem, quintal e jardim. Magnífica vista de mar e serra situadas na R. José Ferrão Castelo Branco, em Paço d'Arcos. Facilita-se parte do pagamento.
Apartamentos em exposição nos seguintes locais: Lisboa — Pr. Marquês de Pombal; Reboleira — R. D. Dinis; Venda Nova — por detrás da Garagem Eduardo Jorge: Paço d'Arcos (Espargal) e Cascais (retaguarda do Hotel Baía)

TEMOS ANDARES E APARTAMENTOS PRONTOS A FAZER ESCRITURA

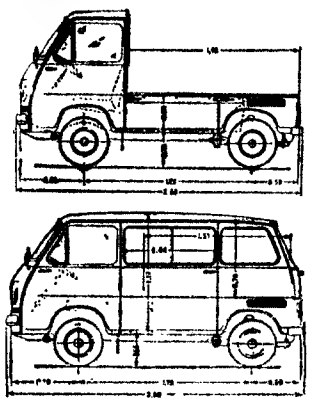
Escritórios: LISBOA — Praça Marquês de Pombal, n. 15-1.º — Telefones 45843 e 47843
QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telefs. 952021/22: AMADORA-REBOLEIRA — Telef. 933670

A NOSSA ORGANIZAÇÃO VENDE MAIS BARATO E COM MAIS GARANTIAS PORQUE É A ÚNICA DO PAÍS DEVIDAMENTE APETRECHADA NA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DO RAMO

SUBARU SAMBAR



na GRANDE cidade
a PEQUENA entrega
da GRANDE empresa



A capacidade de carga da SUBARU é realmente surpreendente. Quase não se acredita!
E o consumo? Apenas 4 a 5 l. aos 100 kms.
4 amplas portas. 4 velocidades.
Uma concepção mecânica avançada e, o seu preço — cerca de 50 contos — fazem da SUBARU-SAMBAR, a carrinha ideal no seu género.

um produto da FUJI HEAVY INDUSTRIES LTD.

Representante:
SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23-ABC-LISBOA
TEL. 56 01 56

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

avaria no primeiro canal. De subito, em pleno «Adeus», rompe a voz de Maria Leonor a declarar: «*Ouvirei com o maior prazer, Pedro*». Se em vez de Pedro fosse Ludwig, eu não deixaria de estranhar o á-vontade, mas enfim. A continuação do diálogo mostrou-me que a Emissora Nacional se metera na linha — e enquanto a reparação na antena de Monsanto se fazia, sintonizei o segundo canal. Era uma chacina de índios. Um combatente dizia para o Gary Cooper: «Foi limpinho»...

OS HOMENS OS LIVROS E AS COISAS

Um bom programa para adultos é um bom programa para jovens. O inverso também está correcto. Recorda-se isto a propósito da rubrica «Os homens, os livros e as coisas», a cargo de Joaquim Magalhães. A maior parte dos telespectadores, qualquer que vessemos em presença de três fosse a sua idade, assistiu com proveito. Embora estipoetas portugueses que não será lícito a nenhum de nós desconhecer (José Gomes Ferreira, Alexandre O'Neill e David Mourão-Ferreira) a verdade é que o silêncio mais agressivo tem rodeado especialmente os dois primeiros, nos limites da actuação da Televisão Portuguesa.

Falou-nos, pois, Joaquim de Magalhães de poesia. De poesia — e não de fancaria. De poesia — e não de compadrio. De poesia — e não de pó e azia. Mais esta vez foi um jovem a dar o bom exemplo. Oxalá ele não se perca. Nem quase terá sido, como afirmou Joaquim de Magalhães, *uma apresentação:* foi um relampago. Relampago para um fogo sagrado que não se deseja extinto.

Para além disso, importa recordar dois pormenores: «*A criação* — disse Joaquim de Magalhães — *não é um dom que recebemos: é uma dádiva que temos de fazer*». Julgo perigoso operar a dicotomia. Cada homem é um criador, todos os homens têm esse dom. Criar é próprio do homem. Uma sociedade justa será aquela em que os homens possam revelar, ao máximo, as suas faculdades criadoras.

Quanto ao facto de haver escolhido Lisboa para centro de interesse do primeiro concurso, perdão, do primeiro *Jogo* da *TV Juvenil*, não é defensável o critério de um incentivo á atenção do real. Se Joaquim Magalhães desse, por tema, a terra, ou a rua, do concorrente, já o caso mudava de figura. Cesário disse lisboa porque viveu Lisboa. Teria dito Braga, ou Amadora, ou Vila Franca de Xira se os vivesse. Alves Redol sem Ribatejo não era Redol. Em Leiria, Eça era crime do padre Amaro; em Lisboa, era os Maias. Na obra de arte experiência mais imaginação é determinante.

Esqueçamos isso pela poesia do nosso tempo que «TV Juvenil» nos deu. E recordemos que Helena Domingos aperfeiçoa os seus processos frente á camara: já fita durante mais tempo o telespectador. Certo: a poesia de olhos nos olhos compromete mais

MÁRIO CASTRIM

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

DOIS JANTARES PROMOVIDOS PELO HOTEL EMBAIXADOR

O Hotel Embaixador vai promover dois jantares no Hotel Estoril-Sol, hoje e no próximo dia 31, para homenagear, respectivamente, os funcionários superiores das companhias aéreas e das agências de viagens. Estes jantares, da iniciativa dos directores daquele estabelecimento hoteleiro, srs. José Manuel Castro e Athayde e Amílcar Lança, permitirão uma frutuosa troca de impressões sobre problemas relacionados com a hotelaria e o turismo nacionais.

CASA SENHORIAL
DENOMINADA CASA DA GARRIDA
SÉCULO XVIII
PONTE DE LIMA

Verdadeiro Monumento arquitectural.
Vende-se c/ grande quintal — Vila de Ponte de Lima — Capela com azulejos do séc. XVIII. Motivo: Partilhas Judiciais. Muito Urgente.
Carta com proposta ao n.º 117 da Delegação deste Jornal (prazo máximo 20 DIAS) Rua do Almada, 30, 2.º — Porto.

SALDOS DE ARTIGOS PARA DECORAÇÃO ESTOFOS, CARPETES E TAPETES

PASSADEIRAS C/ LARG.AS 0,50 A 1,00, TAPETES E CARPETES C/ GRANDE VARIEDADE DE CORES E MEDIDAS, Tecidos para Estofos e Decorações, grande sortido, artigos s/ defeitos, em peça desde 25$00 e muitos retalhos de DAMASCOS, SEDAS, GORGORÕES, REPS, etc., desde 5$00.

RAUL NETO, LDA.
PRAÇA DA FIGUEIRA, 18-2.º (c/ elevador)
ESQUINA DA RUA DA PRATA

EXCURSÃO DA C. P. ALGARVE EM FLOR E CARNAVAL DE LOULÉ 8 e 9 de Fevereiro

Comunica-nos a C. P. de que realiza nos dias 8 e 9 de Fevereiro em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa a Albufeira, Vilamoura, Praia da Quarteira, Loulé, Alvor-Praia, Torralta, Lagos, Cabo de São Vicente, Sagres, Burgau, Praia da Luz, Praia da Rocha e Portimão, incluindo viagens em 1.ª classe, almoço no comboio, á ida, circuito turístico em autocarro, alojamento e refeições no Hotel Júpiter da Praia da Rocha.

Preço ..... 560$00

Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Agências de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro, em Lisboa, onde são distribuídos programas descritivos.

DESPORTO

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

TOMAR: Simples escala numa viagem para o título?

Ainda faltam onze jornadas; ainda há, pois, pano para mangas. Nesta altura, o Sporting tem outra vez cinco pontos de avanço sobre o Benfica. E, agora, em torno do evento adensa-se nova expectativa: os sportinguistas conseguirão aumentar a vantagem ou os benfiquistas reduzi-la? Tudo, claro, dependerá da acção de terceiros, alguns dos quais começam a lutar, com desespero, na ânsia de escaparem ao espectro da baixa de Divisão.

Por conseguinte, teremos ainda de aludir, em primeiro lugar,, ao famigerado duelo Sporting-Benfica.

Até agora, fora de casa, os «leões» exibem pronunciada vantagem sobre os «encarnados»: apenas uma derrota e a marcação de 10-5, ao passo que os mais directos opositores sofreram quatro derrotas e têm na marcação o saldo desfavorável de 7-8.

Ambos, em casa, totalizam por triunfos os jogos disputados, mas a marcação dos benfiquistas é, na verdade, impressionante: 32-0.

Quer dizer: irão os sportinguistas conquistar o título mercê da franca ascendência revelada, até ao momento, nos jogos celebrados fora de casa?

Continuemos a aguardar...

*

Os jogos de amanhã:

UNIÃO DE TOMAR (9 p.)-SPORTING (26) — Os «leaders» estão concentrados em Abrantes — e dispostos a coleccionar novo êxito fora de casa. Os tomarenses irão lutar com afinco para alcançar, pelo menos, o empate. Na época passada, no seu meio, venceram os «leões». Estes deverão recordar-se mito bem disso... No jogo da primeira volta: Sporting, 5-0

BENFICA (21 p.) - BELENENSES (16) — Na Luz, os benfiquistas continuam a ter muita força, mas o adversário de amanhã é de respeito. Os lisboetas vão assistir a um dos seus «clássicos» Os belenenses, na Luz, já conquistaram notável triunfo, o qual impediu que o Benfica concluisse invicto um «Nacional». E também os benfiquistas deverão recordar-se bem de semelhante sucesso... No jogo da primeira volta: Benfica, 1-0.

VITÓRIA DE SETÚBAL (18 p.) - SPORTING DE BRAGA (11) — Sadinos favoritos. Mas os minhotos pertencem igualmente ao número dos que estão dispostos a lutar com ardor para afugentar a ameaça dos ultimos lugares. Na primeira volta: 1-1.

BARREIRENSE (16 p.) - BOAVISTA (8) — Os portuenses, bem apoiados, segundo se noticiou, pretendem um resultado que possa servir-lhe para operarem reacção em forma. O último lugar, ao que parece, não lhes quebra o moral. Mas também em casa o Barreirense, que continua no galarim, tem muita força. Na primeira volta: Boavista, 3-2. Os barreirenses preverão desforrar-se de tal malogro...

VARZIM (18 p.) - ACADÉMICA (12) — Os estudantes começam a preocupar-se, naturalmente, com a sua posição na tabela. Agora, vão defrontar adversário de tomo, mas eles não deverão querer perder o hábito de confundir, equipas consideradas favoritas, mercê da argúcia e subtileza que costumam pôr na sua acção, esta também vincada, amiúde, por animo e intrepidez. No jogo da primeira volta: Académica, 3-0.

VITÓRIA DE GUIMARÃES (15 p.) - LEIXÕES (14) — Os vimarenenses, aureolados com o recente triunfo sobre o Benfica, desfrutam, em casa de natural favoritismo. Além do mais, também ganharam o encontro da primeira volta, por 1-0, no Estádio do Mar. Todavia, os leixonenses poderão proporcionar espectáculo de agrado.

V. R.

Inaugurado o pavilhão gimnodesportivo da Associação Académica da Amadora

Na sequência de um esforço tenaz em prol da maior dimensão desejada, activamente, por muitos, a Associação Académica da Amadora inaugura hoje o seu pavilhão gimnodesportivo.

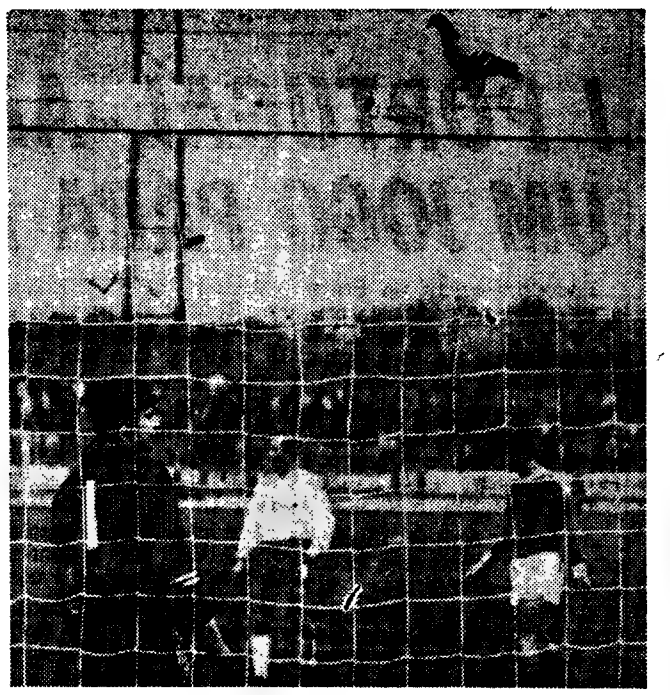
Do programa, que se inicia ás 16 e 30 e conta com a presença do Chefe do Estado, fazem parte os seguintes numeros: solta de pombos, concentração de atletas, palavras de agradecimento por um atleta da colectividade, saudações e cumprimentos da direcção, desfile das secções — procedendo-se, ainda, a exibições de raguebi educativo, andebol, ginástica, luta greco-romana, judo, hóquei em patins e patinagem artística.

A' noite, cerca das 21 e 30, terá lugar um festival de hóquei em patins com a realização de dois encontros: Paço de Arcos-A. Ac. da Amadora (entre veteranos) e campeões do Mundo (seniores)-campeões da Europa (juniores).

Será também entregue o troféu «Capitão Santos Romão» ao jogador do F. C. Porto, Cristiano, considerado o melhor junior da ultima época, e distribuídas medalhas aos juniores campeões da Europa — cerimónia a realizar por elementos da Federação Portuguesa de Patinagem.

Dia de festa, assim, para a laboriosa e progressiva vila, que, com a inauguração do magnífico pavilhão, vê substancialmente enriquecido o seu património desportivo.

Uma pomba no jogo



Na Alemanha, a pomba é um símbolo de sorte e de vitória. Por isso, os adeptos do Schalke-04, que se deslocaram ao campo do Rotweis Oberhause para assistir ao jogo entre as duas equipas, ficaram radiantes quando uma graciosa pomba resolveu fazer poleiro da barra da sua baliza. E quando o guarda-redes Elting resolveu dispensar a protecção da sua companheira do jogo — o Shalke-04 já tinha assegurado uma retumbante vitória: 3-0!

Acontecimentos DE ONTEM

BASQUETEBOL

O Nacional da 2.ª divisão

Efectuou-se a segunda jornada do Campeonato Nacional da II Divisão de basquetebol, com os seguintes resultados: Cruz-Quebradense, 64-Técnico, 59; Ateneu, 61-Clf, 68.

No jogo em atraso, da II Divisão Regional, o Queluz bateu o Maria Pia, por 43-34.

TÉNIS DE MESA

O Regional feminino

Para o campeonato regional feminino de ténis-de-mesa, os resultados verificados foram: H. Setimelli (Bf.)-Octávia Vale (P. Arcos), 0-2; L. Cadillon (Bf.)-Berta Silva (P. Arcos), 2-0; Albertina Miranda (Bf.)-Anabela (P. Arcos), 0-2; L. Cadillon-Octávia Vale, 1-2; H. Setimelli-Anabela, 2-1; Albertina Miranda-Berta Silva, 0-2; L. Cadillon-Anabela, 2-1; Albertina Miranda-Octávia Vale, 0-2; e H. Setimelli-Berta Silva, 2-0.

Classificação actual: 1.as Octávia Vale e Leonor Cadillon, ambas com uma derrota; 3.ª, Helena Setimelli, 3 derrotas; 4.ª, Anabela, 3 d.; 5.ª, Anabela Luciano (Bf.), 3 derrotas.

Na segunda-feira será decidido o título.

— Depois do «petisco» de Guimarães, talvez um... «pastel de Belém», não?!

«NACIONAL» DA 2.ª DIVISÃO

FARENSE-TORRIENSE ENCONTRO DE «LEADERS»

Amanhã, a jornada do «Nacional» da 2.ª Divisão tem um encontro de grande importancia. E' o que se disputa em Faro, entre os «leaders» da Zona Sul, Farense e Torriense, que têm 20 pontos. Os restantes jogos desta prova:

Atlético (20 p.)-Luso (12), União de Santarém (13)-Montijo (19), Seixal (12)-Sesimbra (16), Portimonense (20)-Tramagal (11), Peniche (17)-Oriental (14) e Sintrense (11)-Lusitano (6).

Na Zona Norte, o «leader» destacado, Tirsense (24 p.), recebe o Torres Novas (11). Os outros encontros:

Gouveia (14)-Vizela (16), Beira-Mar (19)-Marinhense (14), Espinho (14)-Salgueiros (17), Leça (12)-União de Lamas (11), Sanjoanense (19)-Académico de Viseu (11) e Famalicão (14)-Penafiel (12).

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

O BELENENSES TEM NOVO PRESIDENTE

Com 732 votos num máximo de 735, o eng.º Chaves Rosa foi eleito presidente da nova direcção do Belenenses.

O clube do Restelo volta assim á normalidade administrativa, após ter sido comandado por uma Junta Directiva que levou a bom termo uma vasta obra de recuperação.

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

UNIÃO DE TOMAR-SPORTING

DOMINGO, 25 DE JANEIRO

A C. P organiza, em colaboração com o «Sporting Club de Portugal», um comboio especial de Lisboa a Tomar e volta, no dia 25 do corrente, por ocasião do desafio de futebol «União de Tomar-Sporting», ao preço de 55$00.

HORÁRIO

Partida de Lisboa (Rego)	7-44
Chegada a Tomar	10-05
Partida de Tomar	18-50
Chegada a Lisboa (Rego)	21-24

Bilhetes á venda na Sede do Sporting Clube de Portugal e nas estações de Lisboa (Rossio), Lisboa (Santa Apolónia) e Lisboa (Rego).

OS JOGOS DA 3.ª DIVISÃO

Amanhã, mais uma jornada do «Nacional» da 3.ª Divisão. Os jogos são os seguintes:

ZONA A — S Pedro da Cova (8 p.)-Desp. das Aves (14), Mirandela (12)-Vianense (15), Gil Vicente (15)-Bragança (8), Limianos (8)-Torre de Moncorvo (6), Avintes (13)-Desp. Fafe (16), Chaves (12)-Régua (12), Sp. Lamego (15)-Vila Real (9) e Riopele (18)-Rio Ave (4).

ZONA B — União de Coimbra (20 p.)-Oliveirense (16), Lusitano (10)-Mortágua (4), Mariadvas (15)-Ala-Arriba (13), Guarda (10)-Lusitania (19), Sp. Covilhã (19)-Celoricense (7), Feirense (10)-Pinhelenses (4), Vale-Cambrense (15)-Alba (20), Gonçalense (3)-Penalva do Castelo (7).

ZONA C — Naval (13 p.)-Portalegrense (18), Ferroviários (13)-Caldas (11), Sacavenense (18)-Alcanenense (9), Alhandra (6)-Estoril Praia (17), União de Leiria (19)-Casa Pia (10), Caldipolense (5)-Castelo Branco (2), Nazarenos (13)-União de Almeirim (10) e Estrela (13)-Odivelas (15)

ZONA D — Cova da Piedade (13 p.)-Silves (8), União Sport (12)-Amora (8), União de Algés (11)-Beja (17), Vasco da Gama (17)-Lusitano (10), Aljustrelense (8)-Grandolense (13), Despertar (3)-Olhanense (17) e Juventude (11)-Faro e Benfica (6). Folga o Almada.

A ARGÉLIA APOSTA NA INDUSTRIALIZAÇÃO

ARGEL — A política e a ideologia são uma coisa na Argélia, mas, quando se trata do desenvolvimento económico, negócios são negócios.

A Argélia mantém estreitas relações com a U. R. S. S. e outros países comunistas, bem como com os do «Terceiro Mundo». Não tem relações diplomáticas com os E. U. A., se bem que haja diplomatas americanos na embaixada suíça em Argel.

por JESSE LEWIS

Exclusivo «The Washington Post» — «D. L.»

A Argélia reconhece o Vietnam do Norte e a Frente de Libertação Nacional, e quase diáriamente os jornais argelinos criticam com violência a política americana no Sudeste Asiático e no Médio Oriente.

Mas, no que se refere ao desenvolvimento económico já a política é outra:

1) — A Argélia recruta conselheiros ocidentais que a auxiliem a levar a bom termo o seu ambicioso programa de desenvolvimento.

2 — O equipamento americano é abundantemente utilizado nos poços de petróleo argelinos e na exploração do gás.

3) — A industria argelina do aço é desenvolvida com o auxílio de técnicos italianos, alemães (e também soviéticos).

4) — A Argélia vai comprar dois «Boeing» para a sua companhia aérea nacional.

5) — Várias companhias americanas se têm associado com empresas argelinas para lançarem negócios comuns.

«Os argelinos sabem dissociar as considerações políticas das questões económicas e procuram o melhor negócio», explica um economista ocidental. «Dirigem-se muitas vezes ao Ocidente. Sempre que estes lhes proporcione as meres tecnologias e o melhor equipamento.»

E, assim, apesar de uma dura guerra de independência, a Argélia continua a manter a maior parte do seu comércio externo com a França. A Argélia não tem relações diplomáticas com a Alemanha Ocidental, mas os alemães vão construir e dirigir uma fábrica de tractores e motores «Diesel» em Constantina.

Diplomatas acreditados em Argel garantem que as relações económicas da Argélia com o Ocidente se baseiam, não só num certo pragmatismo, mas também no desejo de não depender demasiado da U. R. S. S. nem do bloco soviético. A recordação da guerra de independência leva a Argélia a preservar cautelosamente a sua independência. «O papel dos soviéticos na Argélia suscita um ligeiro nervosismo, diz um diplomata. Os responsáveis argelinos querem diversificar as fontes da assistência económica.»

Os soviéticos e os países do bloco ocidental têm grande penetração no país. O Exército argelino utiliza armas soviéticas e a Força Aérea conta com aparelhos essencialmente soviéticos. Há cerca de 4 000 técnicos soviéticos na Argélia. Alguns são conselheiros militares, outros trabalham em projectos de irrigação ou em fábricas.

«Mas podemos dizer que os argelinos acabaram com o período revolucionário», diz um diplomata. «A Argélia vive agora uma fase de consolidação, os dirigentes prevêem as coisas a longo prazo e põem em relevo o desenvolvimento económico».

A industrialização em primeiro lugar

Os responsáveis da economia argelina decidiram atribuir o primeiro lugar ao desenvolvimento industrial: querem que a Argélia se transforme nos mais breves prazos possíveis, num país fortemente industrializado.

O Governo argelino fundou um certo numero de companhias estatais: a *Sonatrach*, para o petróleo e gás natural, a *Sonareu*, para as industrias de extracção e a *Sonacome*, para o sector automóvel.

O exame de uma das operações da *Sonatrach* dá um exemplo da maneira como a Argélia vai obter o máximo pelo seu dinheiro, desenvolvendo, ao mesmo tempo, as suas bases industriais.

A Argélia assinou recentemente um acordo com uma firma americana, *El Paso*, referente á venda de 10 mil milhões de metros cubicos de gás natural por ano, durante 25 anos. Este acordo, se for aprovado pelo Governo americano, dará 150 milhões de dólares por ano á Argélia.

A venda deste gás depende, contudo, de outra série de projectos: a construção (pela França) de uma fábrica de liquefacção do gás e de um oleoduto até á fábrica e ao porto.

Esta operação fornece não só fundos para outros projectos de desenvolvimento, mas também empreiteiros, *know-how*, (mão-de-obra muito especializada, assistência técnica) e a possibilidade de vender mais gás natural. Este contrato de 25 anos não esgota as reservas da Argélia em gás natural, as quais se elevam a 2 800 biliões de metros cubicos.

Explica um economista ocidental: «O grande problema da Argélia, como o de todos os países em vias de desenvolvimento, é o da falta de pessoal qualificado. Mas os argelinos estão dispostos a comprar este auxílio no estrangeiro».

O mesmo economista (que entende que a Argélia fez uma «terrível aposta», pondo a industrialização tanto em relevo) frisa que diferentemente de numerosos países subdesenvolvidos, a Argélia tem já «infra-estruturas» — vias férreas, rede eléctrica e telefone, etc., todas deixadas pelos franceses.

«A Argélia tem os elementos de base — os recursos e as instalações básicas — agora pode dedicar-se aos *retoques*», diz um técnico.

«Outra vantagem reside no facto de a Argélia se virar — quanto aos seus padrões de desenvolvimento — para a Europa e não para o Médio Oriente ou para a África. Os argelinos compreendem e respeitam a tecnologia ocidental, ainda que não se sintam encantados com muitos aspectos da política do Ocidente. É um povo extremamente nacionalista e os seus dirigentes sentem-se na obrigação de fazer progredir totalmente o país. E têm grandes probabilidades de êxito.»

ECOS

JACINTO DO PRADO COELHO, historiador da literatura e ensaísta fino e sagaz, reflecte sobre uma autognose portuguesa no pequeno, mas denso, estudo que acaba de publicar: «A literatura portuguesa expressão de uma cultura nacional». Que o título não induza em erro. Não há aqui nem resquícios das delirantes divagações patrioteiras e anticientíficas de um Álvaro Ribeiro, para citar tão-só um dos expoentes da corrente da chamada «filosofia portuguesa». Mais perto das últimas proposições e rectificações de um António José Saraiva? Talvez. Eis uma passagem, de certo modo elucidativa, do texto em questão: «A individualidade cultural de uma nação (já Hermann Gumbel criteriosamente o acentuava) não deve ser concebida como «essência mística e absoluta» mas sim como algo dinâmico, mutável. Trata-se de um resultado extremamente complexo de factores físicos (o solo, o clima, a situação geográfica, o substracto étnico) e de factores históricos, uns conservadores, que podemos considerar condições, pressupostos, em determinado momento, da actividade espiritual (por exemplo, a estrutura económica, a organização social, a língua, a sabedoria popular), outros de renovação (as contingências da evolução histórica e a inventiva, a iniciativa humanas, que podem mesmo superar ou modificar os aludidos factores estáticos). A mentalidade positivista das últimas décadas do século XIX tendia a valorizar os elementos físicos da nacionalidade, mas são, claro está, os factores históricos que principalmente interessam ao teorizador da literatura, e nunca deve este esquecer que a individualidade nacional se manifestou e continuará a manifestar-se dinâmicamente, é um constante **fazer-se** e não uma coisa feita, inalterável.»

★

NA poesia de Shakespeare há versos de uma aguda e perturbante actualidade. Estes, por exemplo (em tradução livre): «Se a música é o festim do amor, toca / Oferece-me para que pelo excesso / O meu desejo decline e feneça, sublimando-se / Repete esse tom, que decai como quem morre / Que chegou ao meu ouvido como o som / Tão suave do vento sobre as violetas / Roubando e espargindo as cores do perfume.»

RECTÂNGULOS DA VIDA

OS MEDICAMENTOS POÉTICOS

Já os apiserums eram poèticamente prometedores. Surgiram em herméticas ampolas, e o mundo sentiu-se cheio de esperança. Fica sempre cheio de esperança, o mundo, sobretudo quando lhe são propostas coisas fáceis à primeira vista, embora inacessíveis, coisas-fada, em suma. Uma fonte de juventude apareceu aqui há tempos — constou — não sei onde, para as bandas da Ásia. Que beleza e que poesia, uma fonte de juventude! E entre nós muita gente acredita mais nas frescas e murmurantes águas das termas — fontes de saúde relativamente acessíveis — do que em remédios de nome complicado e prosaica literatura inclusa.

Vem isto a propósito de um anúncio há dias no jornal. *Comprimidos de* PÓLEN *de flores. Para os fracos e convalescentes, para defesa do organismo, para recuperação de energias.* Seguia-se ainda uma referência ao facto de o pólen ser um dos mais ricos alimentos da Natureza, pelo seu elevado teor em vitaminas e ácidos aminados.

Por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Claro que quem redigiu o anúncio percebia decerto muito ou até muitíssimo de medicina, de farmacologia ou de ambas as coisas. Eu não. É talvez mesmo por isso que me parece que os comprimidos de pólen das flores deviam ser propostos sem mais nada. Isto, claro, se vissemos o referido anúncio de um ângulo puramente publicitário ou puramente humano. O que não é o caso. O anúncio de um remédio, mesmo que ele se chame pólen, dirige-se a doentes necessitados desse mesmo remédio.

Mas se assim não fosse? Pois bem, nesse caso competia-nos a nós — que beleza! — imaginar que íamos florir, rescender, estar em breve em pleno rejuvenescimento. Formidável, não? Uma fonte de juventude-jardim, todos os anos pela Primavera. Agora vitaminas e aminoácidos não! Para isso há os alimentos que comemos ou devíamos comer, os comprimidos que tomamos ou devíamos tomar. Pólen é outra coisa. Para quê tirar-nos com tão cientificas e antipoéticas palavras a inesperada esperança de reflorir um destes dias?

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

CURSO

OPERADOR DE MÁQUINAS DE CONTABILIDADE NO CENTRO DE APERFEIÇOAMENTO PROFISSIONAL DO SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

Inscrições de 26 a 30 do corrente mês de Janeiro, na Avenida Duque de Loulé, 83-3.º, Telefones 59993 e 45712, todos os dias uteis, excepto aos Sábados, das 18,30 ás 23 horas.

O curso inicia-se em 19 de Fevereiro.

ELEVADORES
COMPORTEL

PREPARATÓRIO E LICEAL • INSTITUTOS
CRISFAL
AVENIDA DA REPÚBLICA, 83 E 52 • TELS. 77 90 47 - 76 96 20

CARTAZ DOS CINEMAS

ROMA
(M. 12 anos) Tel. 727778
Às 15.15, 18.30 e 21.30
Uma aventura no topo do mundo
MISSÃO NO ÁRCTICO
com **Rock Hudson, Ernest Borgnine e Patrick McGoohan**
Panavision - Metrocolor (70 mm)

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30, 18.30 e 21.45
3.º MÊS
10.ª SEMANA
A espantosa comédia de PIETRO GERMI
DIVÓRCIO À ITALIANA
com **Marcello Mastroiani**

POLITEAMA
(M. 17 anos) Tel. 326305
HOJE: Às 15.15, 18.15 e 21.30
Êxito incomparável
Um filme de excepcional nível em realismo dramático
A MORTE DE UM PISTOLEIRO
com **Richard Widmark e Lena Horne**
TECHNICOLOR
A trágica odisseia de um «sherife» vítima de uma revolta contra ele...

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
HOJE: 15.15, 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
UM VENDAVAL DE PAIXÕES PROVOCADAS PELA CONDENAÇÃO DE UM GRANDE AMOR
MARIA ISABEL
com **Silvia Pinal e José Suarez**
A odisseia de uma jovem presa ao segredo de um pecado de uma amiga...
— EASTMANCOLOR —

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
Uma história moderna e provocante sobre o amor e o sexo...
MEIAS PRETAS
EASTMANCOLOR
c/ **Susan George e Victor Henry**

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
Às 21 horas
O DIABO À SOLTA
UM ESTRANHO EM CASA

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Technicolor — 3.ª SEMANA
Ingrid Bergman e Walter Matthau
A FLOR DO CACTO
a mais deliciosa comédia cinematográfica do ano!

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
3.ª SEMANA
Às 15.45, 18.30 e 21.45
Technicolor
o regresso de **Ingrid Bergman** que com **Walter Matthau** forma
A FLOR DO CACTO
A mais deliciosa comédia cinematográfica do ano! o par mais sensacional do momento

VOX
(M. 17 anos) Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45
Shirley MacLaine, Sammy Davis Jr. e Ricardo Montalban no super-espectáculo de Bob Fosse em cinemascope e tecnicolor:
«SWEET CHARITY»
(A rapariga que queria ser amada)
O filme seleccionado para inaugurar o Festival de Cannes de 1959
Rua Bulhão Pato (à Av. Roma)

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite
EM 6.ª SEMANA
UM FILME INCOMPARÁVEL em TODD-AO cor de Lux com
BARBRA STREISAND
HELLO, DOLLY
UMA MARAVILHA

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
Às 15.15, 18.15 e 21.30
5.ª SEMANA
Technicolor
A LOUCA DE CHAILLOT
com **Danny Kaye e Giulieta Massina**

CASINO ESTORIL
Às 21.30 (M. 12 anos)
A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS
David Niven, Cantinflas, etc. Jack Lemmon, Catherine Deneuve e Peter Lawford.

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
Às 18.30 e 21.45
Shirley MacLaine, Sammy Davis Jr. e **Ricardo Montalban** no super-espectáculo de 1970, em cinemascope e technicolor
«SWEET CHARITY»
(A rapariga que queria ser amada)
O filme escolhido para inaugurar o Festival de Cannes em 1969

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Technicolor - Techniscope
MULHERES — LUXO
DINHEIRO — PODER
OS HOMENS DE LAS VEGAS
com **Elke Sommer, Jack Palance, Lee J. Cobb, Jean Servais e Roger Hanin**

ESTÚDIO
(M. 17 anos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
A obra-prima de MARCEL CARNÉ
EM 3.ª SEMANA
TRÊS QUARTOS EM NOVA IORQUE
com **Annie Girardot**

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 15.30, 18.30 e 21.45
Uma avalanche de emoções
NA PISTA DOS DIAMANTES
com **Richard Johnson e Honor Blackman**

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Às 21 horas
O 41.º
O GRANDE INDUSTRIAL

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30 h
Uma alta comédia cheia de imprevisto e humor
OS LOUCOS DO AMOR

LIDO
Praça D. João I—AMADORA
(M. 17 anos) Tel. 937593
Às 21.30 horas
Magistrais interpretações de **Katharine Hepburn, Yul Bryner, Danny Kaye** e muitos mais artistas!
A LOUCA DE CHAILLOT
A maior sátira social de todos os tempos!

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Um filme gigante
O OURO DE MACKENNA
Gregory Peck — Omar Sharif
Um gigante de acção numa palpitante aventura!

CONDES
(M. 12 anos) Tel. 522523-326710
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Um desafio aos seus nervos... Uma aventura no topo do mundo
2.ª SEMANA
MISSÃO NO ÁRCTICO
Panavision Metrocolor
com **Rock Hudson, Ernest Borgnine, Jim Brow**
70 mm

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Telef. 54153/4
Às 15.15, [illegible] 18.30
2.ª SEMANA
THE GRADUATE
(A PRIMEIRA NOITE)
(Óscar para o melhor realizador)
com **Anne Bancroft, Dustin Hoffman e Katharine Ross**

AMANHÃ, dia **25:**
Às 11 horas da manhã Cinema com Critério
A iniciar estas sessões quinzenais, aos domingos de manhã **«O SALTO»** — (M. 17 anos)
Bilhetes á venda nas bilheteiras deste cinema
Patrocínio do Cine-Club Cat

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
O HOMEM DE KIEV À PROCURA DO AMOR

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

COLISEU — Às 21 e 30: «Companhia de Circo».

TEATROS

CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «O cravo espanhol» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «As mãos de Abraão Zacut» (17 anos).
VILARETT — Às 21 e ás 23: «O vison voador» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Esperteza Saloia» (17 anos).
VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23: «Peço a palavra» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «A Forja» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 21: «Não matar» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «Barbarela» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «Os protagonistas» (17 anos).
PARIS — Às 21: «Noites de outros tempos» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «7 pistolas para os Mac Gregors» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «Poucos dólares para Django» (12 anos).
ARCO ÍRIS — Às 21: «Os 7 homens de ouro atacam de novo» (12 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «Ringo, herói do Texas» (12 anos).

COLISEU
HOJE, ÀS 21.30
Podem assistir crianças a partir dos 6 anos
GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO DE 1970
NÚMEROS DE SENSAÇÃO
AMANHÃ
À TARDE, entrada gratuita às crianças até 10 anos
O GRANDE CARNAVAL DE LISBOA É O CARNAVAL DO COLISEU

VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «O homem que matou Liberty Valance» (12 anos).
ENCARNAÇÃO — Às 21: «A Estrela do Sul».
ORIENTE — Às 21: «Os vingadores» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Repulsa» (17 anos).
S. L. BENFICA — Às 21: «Sob dez bandeiras» (17 anos).

● Linha de Cascais
ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Ciet, a Lei do Oeste», (12 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Devey, o falcazão» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 21 e 15: «A volta ao Mundo em 80 dias» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Isadora» (17 anos).

● Linha de Sintra
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «O amor desceu em pára-quedas» (12 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «Operação Poker» e «Milagres de Peluso» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Por um punhado de golpes» e «O triunfo dos 10 gladiadores» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Boa noite sr.ª Campbell» e «A única ambição» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Howay» (17 anos)
CACÉM — S. JOÃO — Às 21: «Alvarez Kelly» (12 anos).
SINTRA — CINE-TEATRO — Às 21 e 15: «O golpe de ouro» (12 anos)

● Outra Banda
ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «A louca de Chaillot» (17 anos).
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «Não perca a cabeça» e «O renegado da selva» (17 anos)
BARREIRO — GINÁSIO — Às 21: «O cinto da castidade» (17 anos); CINE-BARREIRENSE — Às 21: «O vale do mistério»
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 15: «Uma arma entre mil» (12 anos)

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno I
ALCÂNTARA — Vieira Rosa, Rua Prior do Crato, 74 (660187)
ALMIRANTE REIS — Cândido Monteiro, Av Almirante Reis, 121-B (45751) * **Góis, Lda., Sucrs.,** Rua dos Anjos, 12-C-D (840101).
ALTO DO PINA — Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 235-A (728277).
ALVALADE — Sanex, Av da Igreja, 31-C (776905) * **Aeroporto,** Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D (722884) * **Rio de Janeiro,** Av Rio de Janeiro, 4-C (721409).
AREEIRO — Algarve, Av de Roma, 7-B (777478)
AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno, Av. da Republica, 58-D-E (771661) * **Figueira,** Av. Marquês de Tomar, 20 (44995) * **Cruz Nunes,** Pr Duque de Saldanha, 14 (41845) * **Novais,** Av Luís Bívar, 11-18 (443424).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, 41 (311216).
BAIXA — Lima Amaro, Suc., Pr. da Alegria, 27-28 (321149) * **Valadas, Suc.,** R. da Madalena, 235 (326260) * **Cortez,** R. de S. Nicolau, 93 (325378).
BENFICA — Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-A (704828) * **Curie,** Av Madame Curie, 15-A (778439) * **J. Ribeiro,** Est. da Luz 199-A (780969).
BELÉM — Gomes, Suc., R da Junqueira, 326 (638193).
BOM SUCESSO — Bom Sucesso, Rua Bartolomeu Dias 63-A (Tel. 611454).
CAIS DO SODRÉ — Africana, Rua Bernardino Costa, 45 (369120).
CAMÕES — Pinheranda, Rua da Rosa, 94-96 (321534).
CAMPO GRANDE — Cabrita, C. Grande, 220-222 (772397).
CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, R. de Campo de Ourique, 181-183 (686640) * **Urbano de Feitas,** Rua Silva Carvalho, 1-9 (662838) * **Elmo,** R. D. Maria Pia, 358-A (686176).
CAMPOLIDE — Judice de Oliveira, R. de Campolide, 54-A (684424).
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1—Galinheiras (790969).
CONDE REDONDO — Saluz, Rua Luciano Cordeiro, 78 (422239).
ENTRECAMPOS — São Miguel, Pr. Francisco Morais, 1 (771469).
ESTEFÂNIA — São Jorge, Av. Rovisco Pais, 32-A-B (534027).
ESTRELA E LAPA — Tagus, Pracata da R. Possidónio da Silva, 162-A (669485) * **Rodigues & Aires,** Rua da Lapa, 52-54 (662246).
LUMIAR — Central do Lumiar, R. do Lumiar, 77 (790480).
OLIVAIS — Central dos Olivais, Lda., R. Alferes Barrilaro Ruas, 7-C — Olivais-Norte (315539) * **Antunes Rosas,** Praça Cidade do Luso, lote 199, Olivais-Sul (313610)
PALHAVÃ — Laranjeiras, R Filipe da Mata, 160-162 (761035)
PICHELEIRA — Luzmar, R João do Nascimento Costa, 16-A (728395-720703).
MARQUÊS DE POMBAL — Ribeiro & Castro, Ld.ª, R Duque de Palmela, 30-B-C (43409)
RESTELO — Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A, á encosta do Restelo (612248)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Conceição, Calçada de D. Gastão, 30-32 (381279) * **Pereira, Suc.,** R do Paraíso, 98-100 (863224) * **Branquinho,** R. dos Sapadores, 87 (842725).
SANTO AMARO — Dilena, Rua Aliança Operária, 49-A-B (636620) * **Costa,** R dos Lusíadas, 32 (636704)
SÃO BENTO — Confiança, Praça das Flores, 59 (327901).
MOSCAVIDE — Banha, Av. Moscavide, 22 (251851 8)

● Linha de Cascais
ALGÉS — Miramar, R. Ernesto da Silva, 81 (Tel. 2112048).
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 2421839).
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2431208 9).
OEIRAS — Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058).
PAREDE — Macau, R. J. Elias Garcia, 62-B (Tel 247 17 85).
ESTORIL — S. João, S. João do Estoril (Tel. 261186).
MONTE ESTORIL — Ostende, Rua de Espinho, 1 (Tel. 2603911).
CASCAIS — Marginal, Av. Marginal (Tel. 280078) * **A. Costa,** R. Freitas Reis, 214-C (Tel. 280214).

● Outra Banda
ALCOCHETE — Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 284187).
ALHOS VEDROS — Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250).
ALMADA — Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco da Costa, lote 1 (Tel. 271297).
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Estr. Nacional, 221-B (Tel. 224141).
BARREIRO — Moderna, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (Tel. 227344 3).
COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso, P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 270254).
MOITA — União Moitense, Av. Dr. Teófilo de Braga (Tel. 239025).
MONTIJO — Diogo, R. Almirante Reis, 42 (Tel. 280082).
SESIMBRA — Leão, Av. Salazar (Tel. 212947 1).
SETÚBAL — Costa, L. da Misericórdia (Tel. 22760) * **Brasil,** P. do Brasil (Tel. 24788)
SEIXAL — Soromenho, Rua Paiva Coelho, 38 (Tel. 221856 0).

● Linha de Sintra
AMADORA — Amadora, P 28 de Maio, 3-A (Tel. 936511 8) * **Carmele,** R. Elias Garcia, lote 28 (Tel 933310 8). * **Helénica,** R. Elias Garcia, 2 (Tel 933013) * **S. Jorge,** R Pedro del Negro, 5-Reboleira (Tel. 938708)
DAMAIA — Lemos, R de Goa 3 A (Tel. 971111 21).
QUELUZ — Zeller, R. da Republica, 83 (Tel. 950045) * **Correia,** L. do Mercado, 3 (Tel. 950905).
CACÉM — Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 294003 4)
MEM MARTINS — Química, Est. Mem Martins, 285 (Tel. 291100 12).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim, (Tel. 980456).
SINTRA — Misericórdia, L. Afonso de Albuquerque (Tel. 980058).
COLARES — Colares, Abreja (Tel. 299088).

SERVIÇOS URGENTES

Telefone:

ÁGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 861353 * Companhias Reunidas, 537011 * Gazcidla, 538821 * Gazcidla. idem e feriados. 382069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 Voluntários. 538524
POLICIA e G N R — Serviços de emergência, 115 * Segurança Publica, 866141 * Judiciária, 535380 * Marítima, 326456 * Internacional. 362721 * Viação e Trânsito, 42205 * G.N.R. (área rural) 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospital de S. José, 860131 * Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 * Transfusões, soros e oxigénio, 538524 * Centro de Intoxicações (informativo), 767777. 761176 e 763450
TRANSPORTES—Aeroporto. 720111 * Caminhos-de-ferro, (C. P.), 869029 * Caminhos - de - ferro (Estoril) 861121 * Estação fluvial (T Paço). 325345 * Estação marítima de Alcântara, 663195 * Estação Marítima da Rocha, 672445 * Estação fluvial (Belém), 638511.

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
(Maiores de 15 anos)
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE

RESTAURANTE MONDEGO
COZINHA A PORTUGUESA
TRAV. DO FORNO, 15 e 19
(ao Rossio)
TELEFONE 36 81 60

RESTAURANTE António
AMANHÃ
CABRITO NO FORNO
2.ª-FEIRA
CHISPALHADA À PORTUGUESA
R. Tomás Ribeiro, 68

RESTAURANTE
O POSTO SHELL - AZEITÃO
Telef. 228243/4 — na Estrada LISBOA, SETÚBAL e MONTIJO-ALGARVE
RESTAURANTE ● SALÃO DE CHÁ ● CAFÉ-BAR
ABERTO DESDE ÀS 7 HORAS ÀS 2 DA MADRUGADA
AOS DOMINGOS ACTUARÁ UM CONJUNTO MUSICAL
PREÇOS ESPECIAIS NO CAFÉ-BAR PARA CAMIONISTAS DURANTE A SEMANA
RESERVAM-SE SALAS PARA CASAMENTOS, BAPTIZADOS E FESTAS DE CONFRATERNIZAÇÃO

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
TELHEIRAS DE CIMA, 144 — TELEF. 790211 (M/ 15 ANOS
COMUNICADO
A TODOS OS SEUS CLIENTES QUE O SALÃO SE ENCONTRA AMANHÃ DIA 25, AO ALMOÇO, RESERVADO, SERVINDO-SE OS HABITUAIS ALMOÇOS NAS OUTRAS SALAS.

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

MAUS TRATOS A MULHERES IBOS

LAGOS, (R.) — As autoridades nigerianas receberam, segundo se crê, um relato oficial em primeira mão sobre as condições no antigo enclave secessionista biafrense, dando informações sobre as operações desorganizadas de socorro e sobre os casos de fome e maus tratos a mulheres ibos.

Fontes fidedignas dizem que o chefe Anthony Enahoro, comissário do trabalho e das Informações da Nigéria, tinha recebido o relatório de um colaborador do Governo que acompanhou um grupo de mais de 100 jornalistas estrangeiros numa visita á área, no princípio desta semana.

Julga-se que são apontados quatro pontos no relatório do colaborador do Governo:

1 — Submissão de raparigas ibo.

2 — Falta de organização na distribuição de alimentos.

3 — Ausência de veículos para transportar refugiados.

4 — Desaparecimento de jovens dos dois sexos para as selvas.

O colaborador, que tomou as suas próprias notas de observações tomadas em primeira mão, verificou também provas de fome parcial em Owerri, a ultima capital secessionista, dizem aquelas fontes.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava geralmente encoberto e o vento era fraco a moderado de sul.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Anadia, 17°; mínima: Penha da Saude, 0°.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Coimbra e Lisboa, 11°; Faro, 12°; Funchal, 16°; Penhas Douradas, 2°; Portalegre, 8°; Porto, 12°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera, 18°,5; na água do mar, 18°,4

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente encoberto; vento fraco a moderado, predominando de sudoeste; períodos de chuva ou chuvisco, mais prováveis nas regiões do norte e centro; melhoria gradual do estado do tempo, a partir da manhã de amanhã.

Amanhã
Nascer ás 8 e 49
Ocaso ás 18 e 50

Dia 30 Dia 6 Dia 13 Dia 21

MARÉS:

PREIA-MAR: **Dia 24** — 5 e 30 (3,9 m); 17 e 47 (3,6 m). **Dia 25** — 5 e 58 (3,9 m); 18 e 16 (3,6 m). **Dia 26** — 6 e 28 (3,8 m); 18 e 50 (3,6 m). BAIXA-MAR: **Dia 24** — 11 e 08 (1,1 m); 23 e 14 (1,1 m). **Dia 25** 11 e 40 (1,0 m); 28 e 47 (1,1 m). **Dia 26** — 12 e 16 (1,0 m)

PENTEADO DE MOEDAS — O conhecido costureiro parisiense Paco Rabanne apresentou na sua colecção de Primavera-Verão, este inusitado penteado todo feito de moedas antigas

PATOS BRAVOS SOBRE LISBOA

Uma pacífica esquadrilha de milhares de patos bravos sobrevoou Lisboa, esta manhã, durante mais de uma hora, subindo o curso do Tejo a grande altitude.

As gaivotas do Tejo, em face da invasão, alçaram um pouco mais o seu costumado voo ao rés da água e foram observar de perto a «esquadrilha» invasora. Contudo, indiferentes, os patos bravos prosseguiram a sua viagem, enquanto as gaivotas, desencorajadas, voltavam a terra.

— Isso é bicharada que estava nalguma ilha e veio por aí fora, «desalvorada», com medo de tempestade — *aventurou um homem com ar de marítimo reformado, que observava o voo dos pássaros, junto do Tejo, no Cais do Sodré.*

— Devem ir para Espanha ou ainda para mais longe — *acrescentou.*

E o bando, constituído por muitos bandos, alguns deles voando em impecáveis formações em V, prosseguiu viagem, indiferente aos encantos da cidade...

Atrás deles virá, realmente, alguma tempestade?

MAIS DOIS «BOEING 707» ADQUIRIDOS PELA TAP

• OUTRO «BOEING» SERÁ COMPRADO NO PRÓXIMO ANO

Os Transportes Aéreos Portugueses anunciaram hoje a chegada, no primeiro trimestre do corrente ano, de mais dois «Boeing 707», quadrirreactores de longo curso.

O primeiro destes aviões deve aterrar em Lisboa no dia 13 de Fevereiro, e o segundo no dia 24 de Março.

A aquisição destas duas novas unidades tornou-se imprescindível para acompanhar o aumento previsto de tráfego de longo curso e poderão entrar em serviço já na próxima Primavera.

Foi ainda autorizada a compra de mais um avião «Boeing 727», trirreactor destinado ás linhas de médio curso, o qual deve chegar a Portugal em 1971.

Deste modo a partir do primeiro trimestre do ano corrente, a T. A. P. passará a dispor de uma frota a jacto constituída por sete «Boeing 707», cinco «Boeing 727» e três «Caravelle», num total de quinze unidades.

BOGS-FULLMER PARA O «EUROPEU»

COPENHAGUE, 25 — (F. P.) — O campeão da Europa dos pesos «médios», o dinamarquês Tom Bogs, terá um encontro em 12 de Fevereiro, nesta capital, com o americano Don Fullmer.

Segundo o organizador dinamarquês Mogens Palle, no caso de vitória do campeão da Europa, o titular poderia encontrar-se com o italiano Nino Benvenuti, campeão do Mundo daquela categoria.

NOVO CASINO ESTORIL

AMANHÃ
«MATINÉE»
ÀS 17 HORAS
no
SALÃO RESTAURANTE
CECILE DEVILE
• GALLI GALLI
• LÍDIA RIBEIRO
• STARLIGHT SHOW

Música para dançar:
CONJUNTO
JUAN DE AIZA
COM TITICA
FERRER TRINDADE
E SUA ORQUESTRA
FILARMÓNICA FRAUDE
Maiores 17 anos
PREÇOS
Chá completo — 40$00
(taxas e impostos não incluídos)

No CINEMA
Hoje, às 17 h.
Matinée Infantil
(Maiores 6 anos)
e às 21 e 30
«A Volta ao Mundo em 80 dias»
(Maiores 12 anos)
Amanhã, às 17 e às 21.30 h.
«Nada de Mosas para OSS 117»
(Maiores 17 anos)
Ambiente climatizado

O «MICRÓBIO» MAIS PERIGOSO

EVANSTON (ILLINOIS), 24 — F. P.) — Depois do xon, um grupo de professores evocou os problemas levantados pela poluição para um auditório de cerca de 5000 estudantes da Universidade do Noroeste, em Evanston (Illinois).

Um dos oradores não hesitou em considerar o homem como «o micróbio mais perigoso da Terra». «A Terra — disse em substancia — sofre duma doença micróbica que ataca toda a sua crista e o micróbio em causa é o homem». O professor atacou em seguida a civilização actual, que não se contenta com poluir a atmosfera, fazendo o mesmo á água, á terra e á natureza. Qualificou de redículas as medidas adoptadas presentemente para solucionar o problema.

Esta conferência, que é a primeira do género sobre este tema, será seguida de muitas outras a realizar através dos vários estados e, em particular, nas Universidades. Com efeito, são os estudantes que sentem mais inquietação com a poluição resultante da era industrial.

O PAQUETE «IMPÉRIO» NÃO SAIU AINDA DE CABO VERDE

«O paquete «Império» não deve ter saído ainda de Cabo Verde» — disse-nos, esta manhã, um informador da C. C. N.

E acrescentou:

«Mesmo que saia hoje, só dentro de 5 a 7 dias é que chegará ao Tejo, uma vez que as más condições do tempo não permitem uma viagem rápida».

O «Império», que há tempos sofreu grossa avaria, navegará a reboque do salvádego «Monsanto».

Os elementos do contingete militar que se encontravam a bordo do «Império» foram transferidos para o paquete «Niassa» — e hoje embarcam no paquete «Pátria» os elementos da tripulação que não são necessários a bordo do navio avariado.

ACORDO COMERCIAL GRÉCIA-ALBÂNIA

ATENAS, 24 — (R.) — A Grécia assinou um acordo comercial com a Albania, país com que está ainda juridicamente em guerra.

Círculos do ministério dos Estrangeiros informam que o acordo foi assinado ontem em Paris a nível de Camaras de Comércio.

A Grécia cortou relações com a Albania em 1940, quando o território albanês foi utilizado como plataforma para as tropas de Mussolini invadir a Grécia. Desde essa data nunca mais foi assinado um tratado de paz.

BALÃO VERMELHO
TUDO PARA CRIANÇA
SECÇÃO N.º 3
TUDO PARA SENHORA
GRANDE BAIXA DE PREÇOS
AV. ANTONIO AUGUSTO AGUIAR, 1-B — Telef. 41279

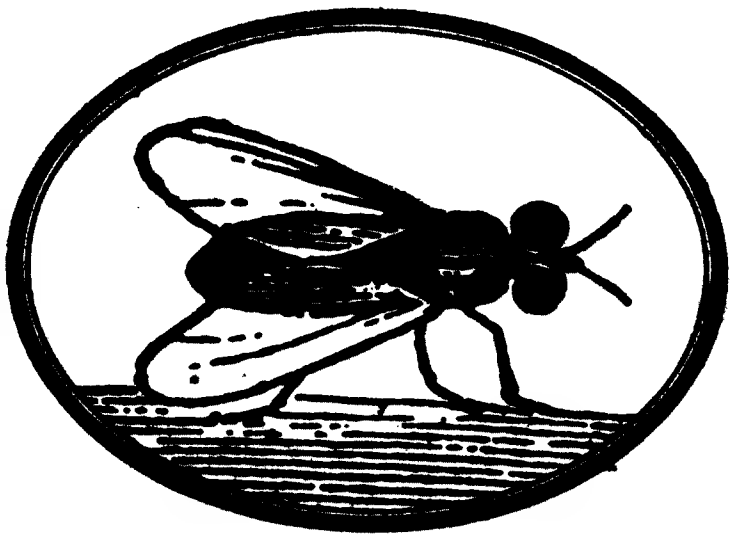
DR. SILVA TAVARES
SPRECHSTUNDEN:
TELEFONE 21 22 99

ESTOFOS, SOFÁS-CAMAS

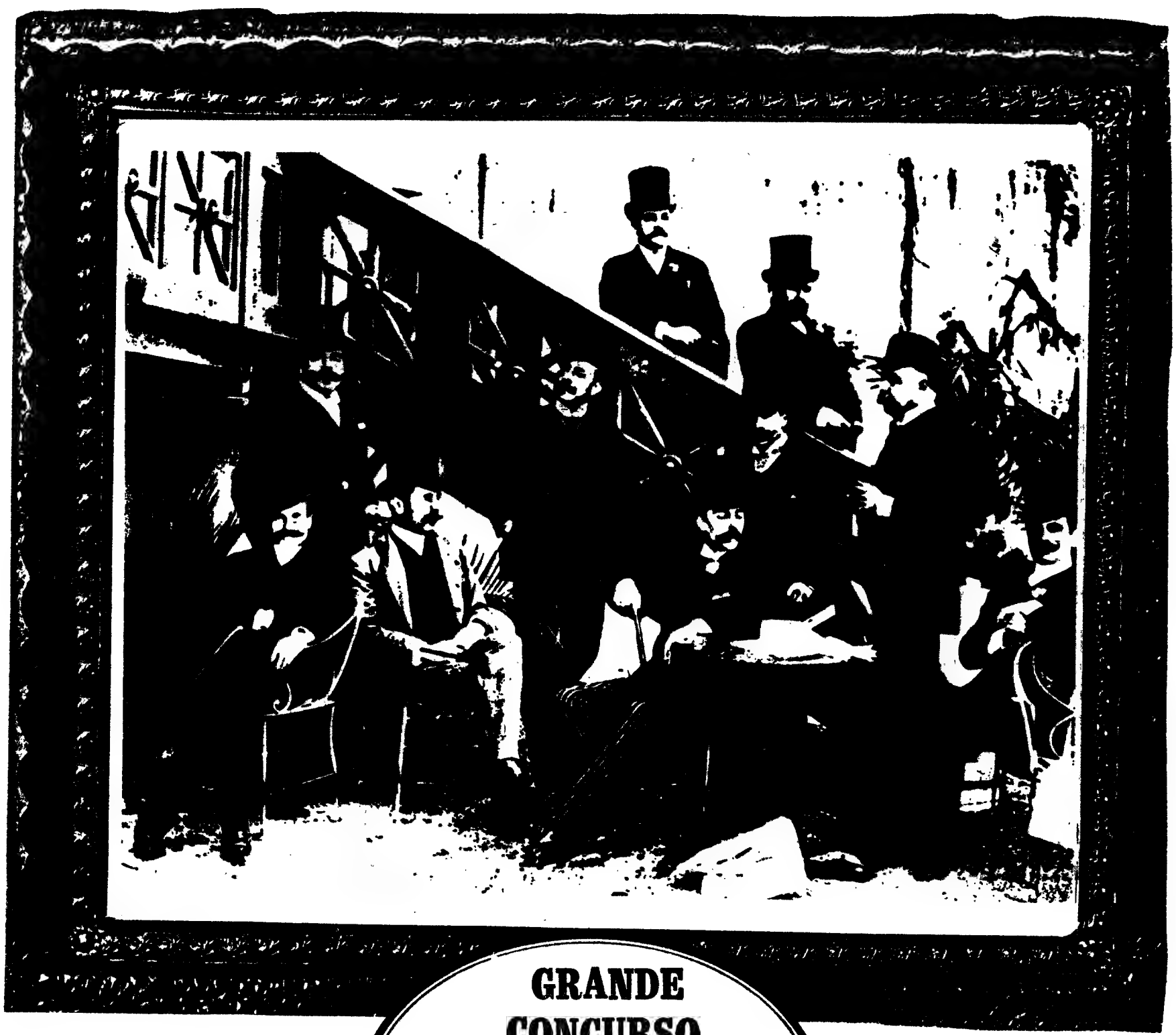
VALENTIM RODRIGUES
av. defensores de chaves, 31-B e C — Lisboa

A MOSCA

42



A mim ninguém me vence!



GRANDE CONCURSO «OS VENCIDOS DA VIDA»

Eça de Queirós
Ramalho Ortigão
Guerra Junqueiro
Marquês de Soveral
Carlos Mayer
António Cândido

Conde de Arnoso
Conde de Ficalho
Conde de Sabugosa
Carlos Lobo d'Ávila
Oliveira Martins

O grupo dos Vencidos da Vida foi baptizado por Oliveira Martins durante um jantar e tornou-se conhecido no princípio de 1888. Os seus componentes não tinham sede, local fixo de reunião, estatutos ou objectivos predeterminados. No fundo, era um grupo de «jantareiros» que gostavam de conversar uns com os outros, comentando os ultimos acontecimentos políticos, discutindo literatura e o mais que lhes aprouvesse. Não fossem eles pessoas conhecidas na microscópica aldeia lisboeta da época e o seu grupo não teria despertado o interesse geral. Pertencessem eles ás classes não privilegiadas e a fotografia do grupo teria sido bem diferente — teria sido bem diferente e teria tido por destino decorar a parede dum «Vinhos e petiscos» qualquer cujo proprietário explicaria, a quem lhe perguntasse, tratar-se da foto do «grupo dos benchidos da bida, que binha cá comer bacalhau aos chabados». A verdade, porém, é que eles eram os «leões» do tempo e que o grupo despertou a curiosidade do publico; que andaria aquela gente a tramar?

A aldeia lisboeta, pequena, curiosa e intriguista, não admitiu que 11 amigos pudessem reunir-se unicamente para jantar e conversar e a própria imprensa começou a atribuir ao grupo os mais variados propósitos. Por fim fartos de intrigas e de ouvirem dizer que eram alguma coisa, os vencidos resolveram, senão «botar» programa, pelo menos explicar que não tinham qualquer objectivo que não fosse o da conversa amena e pacata.

Foi Eça de Queiroz quem deu esta explicação, num artigo publicado no jornal «O Tempo» de 28 de Março de 1889, em resposta a um que Pinheiro Chagas publicara no «Correio da Manhã» da véspera.

Que os estimados leitores de «A Mosca» se não espantem por ter sido necessário publicar esta explicação. Lisboa não era uma cidade — era uma anedota. O simples facto dos vencidos terem convidado para jantar o conselheiro António de Serpa e o conde de Casal Ribeiro provocou um pequeno escândalo nas tertulias do tempo. Houve quem se indignasse por Antero de Quental ter ido ao Tavares — um dos restaurantes preferidos do grupo — como houve quem se chocasse por a D. Maria Amália Vaz de Carvalho ter ido jantar a casa dos condes de Ficalho! É que o grupo não podia deixar de irritar a população da aldeia lisboeta até pelo seu nome: então eles, os verdadeiros «vencedores», alcunhavam-se de vencidos?

Que desagradável, que humilhante, para os verdadeiros «vencidos». .

É fácil, aliás, adivinhar o rancor que Eça de Queiroz provocava aos mini-intelectuais da época, como é fácil imaginar os comentários desses mesmos mini-intelectuais á passagem do elegantíssimo Luís Soveral...

Para além da curiosidade, da irritação e do despeito que o grupo provocava, uma coisa porém parece certa: ainda que de formas diferentes e ainda que cultural e intelectualmente diferenciados, os vencidos foram os leões do tempo. Se Antero e meia duzia de outros tivessem feito parte do grupo, a fotografia que hoje apresentamos seria a do «team de honra» da vida intelectual portuguesa do fim do século passado.

Exagero? É possível — há uma liberdade jornalística, como há uma liberdade poética — mas para além do exagero, há muito de verdade nesta afirmação que serve de ponto de partida para «A Mosca» de hoje.

Quem é que figuraria nesta fotografia se ela fosse tirada hoje, 24 de Dezembro de 1969?

Quem são os vencidos-vencedores de hoje?

Não é fácil responder a estas perguntas porque Lisboa não cresceu tanto como gostamos de fingir que cresceu. As tertulias, as panelinhas, os ódios pessoais, o despeito e a inveja continuam a passear nas ruas da cidade, embora possivelmente ao volante de viaturas que aterrorizariam os vencidos de ontem e, por vezes, de camisola de gola alta.

Não há duas opiniões iguais sobre a mesma pessoa.

Os que ganham menos de cinco contos por mês tomam por «vendidos» os que ganham mais de cinco contos por mês. Os que usam gravata tomam por idiotas e imaturos os que a não usam. Os que bebem bagaço julgam os que bebem «whisky» «feitos» com a Ford ou a General Motors. Os que cortam o cabelo riem-se dos que o não cortam.

E estes rancores secretos, estes despeitos mal disfarçados, reflectem-se no juízo que cada um faz do mundo em que vive e do valor dos que, por este ou por aquele motivo, atraem a atenção do publico.

Cada português é uma ilha de moralidade e de inteligência rodeada de ladrões, de bandidos e de cretinos por todos os lados e «A Mosca» ao sugerir «teams de honra» para algumas actividades nacionais, incorre na ira de quantos literatos existem neste esferográfico País. Porquê? Porque o osso da glória, estimados leitores, é pequeno para quantos lhe querem ferrar o dente.

Os grupos de vencidos que «A Mosca» apresenta têm, assim, o carácter de sugestões — de sugestões e nada mais.

Para que os do café A se não ofendam, para que os do grupo B se não sintam ultrajados, para que os da panelinha C se não considerem vítimas dum atentado ignóbil e para que o estimado leitor não fique com os seus complexos íntimos a latejar, «A Mosca» oferece-lhe uma fotografia neutra e já legendada, em que poderá colar as «cabeças» que muito bem entenda. Assim, ficamos todos amigos.

«A Mosca» fala o Eça

«O amável Correio da Manhã, **fazendo hoje o retrato social dos** Vencidos da Vida, **um por um, para lhes contestar este título acabrunhante, continua e engrossa o ruído de publicidade que a Imprensa tem erguido últimamente em torno deste grupo jantante, com considerável desgosto dos homens simples que o compõem.**

Pode parecer talvez estranho que esta ressoante publicidade assim magôe os derrotados.

Não permitem eles, hebdomadáriamente, que as gazetas anunciem a sua reunião em torno da mesa festiva?

É verdade.

Mas se o fazem é para que a opinião se não possa de modo algum equivocar sobre o motivo íntimo que todas as semanas os arranca dos seus buracos, para os ajuntar num gabinete de restaurant, **ao lusco-fusco, no isolamento sumptuoso de quatro cortinas de «reps.».**

Homens que assim se reunem poderiam logo, neste nosso bem amado país, ser suspeitados de constituir um sindicato, uma filarmónica, ou um partido.

Tais suposições seriam desagradáveis a quem se honra de costumes comedidos; e o respeito próprio obriga-os a especificar bem claramente, em locais, que, se em certo dia se congregam, é apenas para destapar a terrina da sopa, e trocar algumas considerações amargas sobre o colares.

De resto, o sussuro atónito que de cada vez levantam estas refeições periódicas não é obra sua — mas da sociedade que com tanto interesse os espreita.

Eles comem — a sociedade, estupefacta, murmura.

O que é, portanto, estranho não é o grupo dos Vencidos **— o que é estranho é uma sociedade de tal modo constituída que no seio assume as proporções dum escândalo histórico o delírio de 11 sujeitos que uma vez por semana se alimentam.**

O que de resto parece irritar o nosso caro Correio da Manhã **é que se chamem** Vencidos **aqueles que para todos os efeitos públicos parecem ser realmente** vencedores.

Mas que o querido órgão, nosso colega, rlefícta que, para um homem, o ser vencido ou derrotado na vida depende, não da realidade aparente a que chegou — mas do ideal íntimo a que aspirava.

Se um sujeito largou pela existência fora com o ideal supremo de ser oficial de cabeleireiro, este benemérito é um vencedor, **um grande** vencedor, **desde que consegue ter nas mãos uma gaforina e a tesoura para o tosquiar, embora atravesse pelo Chiado cabisbaixo e de botas cambadas.**

Por outro lado, se um sujeito, aí pelos vinte anos, quando se escolhe

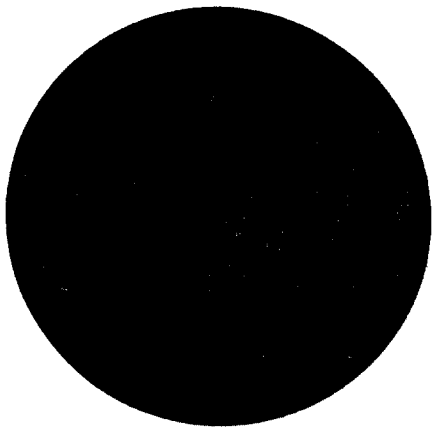
uma carreira, decidiu ser um milionário, um poeta sublime, um general invencível, um dominador de homens (ou de mulheres, segundo as circunstâncias) e se apesar de todos os esforços e empurrões para diante, fica a meio caminho do milhão, do poema ou do penacho — ele é para todos os efeitos um vencido, um morto da vida, embora se pavoneie por essa Baixa amortalhado numa sobrecasaca do Poole e conservando no chapéu o lustre de resignação.

Dito isto, só podemos ajuntar que os Vencidos oferecem o mais alto exemplo de moral, e social, de que se pode orgulhar este país.

11 sujeitos que há mais de um ano formam um grupo, sem nunca terem partido a cara uns aos outros; sem se dividirem em pequenos grupos de direita e esquerda; sem terem durante todo este tempo nomeado entre si um presidente e um secretário perpétuo; sem se haverem dotado com uma denominação oficial de Reais vencidos da vida, ou Vencidos da vida real ou nacional; sem arranjar estatutos no Governo Civil; sem emitirem acções; sem possuírem hino nem bandeira bordada por um grupo de senhoras «tão anónimas quanto dedicadas»; sem iluminarem no primeiro de Dezembro; sem serem elogiados no Diário de Notícias—estes homens constituem uma tal maravilha social que certamente para o futuro, na ordem das cousas morais, se falará dos, Onze do Braganza como na ordem das cousas heróicas se falará dos Doze de Inglaterra.

«Dissemos».

Oliveira Martins



Eça de Queirós

Conde de Arnoso

António Cândido

Carlos Lobo d'Ávila

Carlos Mayer

Guerra Junqueiro

Marquês de Soveral

Ramalho Ortigão

Conde de Sabugosa

Conde de Ficalho

GRANDE CONCURSO «OS VENCIDOS DA VIDA»

(Uma contribuição da «Mosca» para a grande confusão nacional)

Sem o mínimo trabalho, o leitor pode habilitar-se aos magníficos prémios que «A Mosca» oferecerá, se lhe der na bolha, a quem lhe der na bolha — há, efectivamente, um certo risco em participar neste concurso. Que tem o leitor de fazer? Nada, ou melhor, quase nada. Tem apenas de preencher o talão anexo com os nomes das personalidades que, em seu entender, estariam na fotografia junta se ela fosse tirada hoje.

Para o auxiliar, «A Mosca» publica uma lista de nomes em evidência nesta década em que acabamos de entrar. O leitor pode escolher nomes que não vêm na lista, incluindo os de familiares e de amigos. Nota: o leitor tem de colar ao talão 3 cabeçalhos de Moscas antigas ou 100 cabeçalhos da Crónica Feminina. Felicidades.

Aos felizes contemplados serão fornecidos um ou mais dos seguintes prémios:

— Um balde plástico azul com acessórios.
— Um frango assado num espeto à escolha do contemplado.
— Uma assinatura para a Ópera de Luanda.
— Um lugar cativo nos comboios da linha do Estoril.
— Dois pombos do Largo do Camões.
— Uma viagem em auto «pullman» com ar refrigerado ao Bairro da Margueira.
— Um colete de Vila Franca, usado, com o respectivo touro por usar.
— Uma muleta que se julga ter pertencido a Manuel dos Santos.
— Um barco geodésico.
— Um bilhete para a estreia do filme «A traição inverosímil».
— Um jantar no Zé da Viuva com uma personalidade masculina ou feminina à escolha do contemplado. (Não inclui os cafés.)
— Uma litografia colorida da equipa do Benfica (que Deus tem...).
— Uma libra do Biafra.
— Um problema de palavras cruzadas só com batráquios.
— Uma gola alta verde para camisola.
— Um prato de porcelana oval com o retrato do Henrique Mendes.
— Um penico de esmalte decorado com motivos de — codornizes (estilizadas).
— Um disco da Maria Pereira.

Preencha este talão com os nomes dos seus vencidos-vencedores preferidos e envie-o à «Mosca» para se habilitar aos prémios deste grandioso concurso.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

12 Bónus!!! Um espaço especial para preencher com o nome dum amigo ou familiar — o 12.º vencido.

Augusto Costa Dias
António José Saraiva
Alfredo Guisado
Armando de Castro
António Alçada Baptista
Alexandre Pinheiro Torres
Artur Agostinho
Ápio Garcia
Agustina Bessa Luís
Augusto de Castro
Almada Negreiros
Almeida Faria
Artur Ramos
Azeredo Perdigão
Artur Portela, filho
Alexandre O'Neill
Álvaro Guerra
Alberto Ferreira
Armando Silva Carvalho
Amália Rodrigues
António Quadros
Artur Boal
Ana Maria Varela Cid
Ana Máscolo
Augusto Sobral
António Sena
Augusto Abelaira
António Manuel Couto Viana
Alfredo Marceneiro
Augusto Cabrita
Adriano Gusmão
Alexandre Babo

Baptista Bastos
Bernardo Santareno
Bartolomeu Cid
Bartolomeu Costa Cabral
Beatriz Costa

Carlos Walenstein
Carlos Botelho
Carlos Calvet
Carlos Avilez
Carlos de Oliveira
Costa Ferreira
Carlos Paredes
Cidália Meireles

Domingos Monteiro
Domingos Mascarenhas
Diamantino Viseu
Duarte Belo
David Mourão Ferreira

Ernesto de Sousa
Eunice Muñoz
Egito Gonçalves
Etelvina Lopes de Almeida
Eugénio de Andrade
Ernesto de Melo e Castro

Filipe Nogueira
Francisco Mata
Florbela Queirós
Fernando Gusmão
Francisco Ribeiro & mano
France de Vasconcellos
Francisco Pelágio
Fernando Lopes Graça
Fernanda de Castro
Fernando Pessa
Fernando Lopes
Fiama Hasse de Pais Brandão
Fernanda Botelho
Fernando Namora
Fialho Gouveia
Ferreira de Castro
Guilherme Köelner
Gerard Castelo Lopes
Guedes de Amorim
Grangeio Crespo

Henriqueta Maia
Herberto Hélder
Henrique Medina
Henrique de Campos
Henrique Mendes
Henrique Santana

Igrejas Caeiro
Ivo Cruz
Irene Izidro
Isabel da Nóbrega
Isabel de Castro

José Cardoso Pires
Jorge Barradas
José Manuel Tengarrinha
Jali Braga Santos
José Carlos Ary dos Santos
José Augusto França
João Abel Manta
Julio Pomar
Julio Moreira
Joaquim Paço d'Arcos
João Gaspar Simões
Jorge de Sena
José Gomes Ferreira
João Medina
José Rodrigues Miguéis
João Coito
José Marmelo e Silva
João Ameal
João Nobre
J. Pimenta
João Vieira
Jacinto Ramos
Jaime Salazar Sampaio
D. João da Camara

Luís Andrade
Luzia Maria Martins
Luís Francisco Rebelo
Luís Pacheco
Laura Alves
Lurdes Belchior
Lindley Cintra
Luís Forjaz Trigueiros
Luís de Lima
Mirita Casimiro
Maria Teresa de Noronha
Margarida de Abreu
Miguel Torga
Maria Lamas
Madalena Iglésias
Maria de Lurdes Modesto
Miguel Barbosa
Manuel Vinhas
Maurício de Vasconcellos
Mário Cesariny
Maria Judite de Carvalho
Mário Dionísio
Manuel da Fonseca
Maria Leonor
Maria Barroso
Mário Ventura
Manuel de Lima
Manuel Guimarães
Manuel de Oliveira

Nikias Skapinakis
Natércia Freire
Natália Correia
Natália Nunes
Nuno Teixeira Neves
Nicolau Breyner

Orlando Costa
Óscar Lopes
Orlando Vitorino
Odemira (o trio)
Olavo d'Eça Leal

Pedro Moutinho
Pedro Homem de Melo
Prista Monteiro
Paulo Guilherme
Paula Ribas
Paulo Quintela

Quinas (os manos)

Raul Solnado
Rui Coelho
Rogério Paulo
Ruben A.
Rosa Ramalho
Romeu Correia

Santana Dionísio
Sérgio Varela Cid
Sérgio Ribeiro
Simone de Oliveira
Saul Dias

Tomás de Figueiredo
Tomás Ribas

Urbano Tavares Rodrigues

Vitorino Nemésio
Virgílio Ferreira
Vasco Morgado
Vitorino de Magalhães Godinho
Viunel de Eduardo Malta
Vítor de Sá

Uma vencida da vida

A minha amiga Natércia, que chegou há dias a Portugal, é uma vencida da vida.

Vivia ao pé do rio Luá e, como soberana, dominava aquelas terras e redondezas. As suas preocupações consistiam em vestir-se sempre ao último grito e em procurar ser a «mais, mais» em tudo o que se relacionasse com recepções fazendo questão de ser de tal maneira espampanante que os jornais não perdiam a oportunidade de a mencionar nas suas colunas por ocasião de visitas importante.

Durante os quinze dias que antecediam a chegada dos visitantes, ela vivia numa azáfama, a rebuscar na sua imaginação tudo o que pudesse fazer de absolutamente inesperado capaz de omachucar aquelas «madames» à força, que apareciam lá feitas primeiras damas, para ofuscarem durante uns dias com a sua posição hierárquica a sua posição de rainha há muito tempo consolidada.

Era então que surgiam sobremesas envoltas em chamas, servidas em cima de cubos gigantes de gelo iluminados e contendo no interior pétalas de rosas. Quando urgia dar ainda mais espectáculo, a minha amada fazia cair em cima da cabeça dos convivas uma cascata de flores, no momento preciso em que dobravam o sumptuoso arco para entrarem na sala de jantar, ao mesmo tempo que se ouvia a «Quinta Sinfonia» de Beethoven (no «pick-up», está bem de ver).

A Natércia dava largas à sua imaginação nessas recepções dignas de Bizâncio, em que sempre ofuscou meio mundo, até que um dia chegou lá à terra uma primeira dama, vinda de Porcariça, que a liquidou por completo. Não há dúvida que não se pode competir com uma dama da Porcariça! Sem muito esforço, a tal dama conseguiu, com as suas exigências caprichosíssimas, atrair todas as atenções para si e ofuscar o brilho artificial da Natércia.

Cinco minutos antes do almoço, que os criados preparavam afanosamente para a comitiva composta de quarenta pessoas, a senhora em questão, por exemplo, mandava pedir pelo mordomo à dona da casa «nem que fosse uma banana porque a fraqueza apertava».

A Natércia diz que nesse dia «tirou-lhe a temperatura» (C I C). Mas como uma primeira dama, para marcar posição, não pode limitar-se a comer uma simples banana antes do almoço, no fim do mesmo, ela introduziu uma nova moda muito «queque», muito «queque», muito «queque», hoje em dia, nos meios ultrachiques daquela próspera sociedade. Avançou para a Natércia, osculou-a nas suas faces repenicadamente e, como marionetas, os quarenta desgraçados não tiveram outro remédio senão darem, também cada um, dois ósculos nas faces atarantadas da minha amiga, enquanto diziam um invariável «muito obrigado pela sua deliciosa refeição».

Esse ritual repetiu-se com a mesma precisão a partir daí depois de todos os almoços e jantares durante os três dias que durou a visita.

Mas não foi só no salão que aquela «madame» introduziu novas de etiqueta burocrática, não senhora — na cozinha, o criado dela já tinha feito valer a sua prepotência de criado mais importante em ordenado, mandando que repetissem o assado.

A Natércia, estarrecida com semelhante desastre, ia ficando vesga durante o jantar, de tal maneira fechou e abriu os olhos fazendo sinais desesperados, numa tentativa infrutífera de fazer retroceder a criadagem e a travessa, para a cozinha.

Depois do almoço, indignadíssima, foi à cozinha saber quem é que tinha bebido o resto dos copos e, ao saber o que se passara, não perdeu a oportunidade de mandar um recado pelo subtil criado, à senhora de Porcariça: «O assado nunca se repete».

Pela tarde as linhas telefónicas estiveram imobilizadas pois a «madame» esquecera um pente de «estimação» numa localidade a cento e oitenta quilómetros dali. O azar foi que a chuva cortara as ligações telefónicas e por isso teve um desgraçado que ir de automóvel buscar o «precioso objecto», enquanto toda a gente corria desvairada, convencida de que tinha desaparecido algum diamante.

Não há dúvida de que a Natércia dessa vez não conseguiu brilhar. Aquela mulher era de mais! Mas fechou-se a noite com chave de ouro. Uma bitacaia (veja na enciclopédia) tinha conseguido furar o rijo couro daquela «madura» e introduzira-se num dos delicados dedos do seu precioso pé.

Novo alvoroço; pessoas de cabeça perdida correndo dum lado para o outro, pessoas chamando médicos, enfermeiros, cirurgiões, eu sei lá, para extrairem o irreverente animal.

Feita a melindrosa operação, todos pensaram, aliviados: «Chegou a hora de ir para a cama, vamos enfim descansar».

Mas não — pouco depois, gritos de «aqui d'el-rei» ecoaram pelas sumptuosas abóbadas, lançando os donos da casa e criadagem, para os corredores.

O «monsieur» também tinha o seu caprichozinho: não era capaz de dormir sem uma «femme holandaise» (veja na enciclopédia).

A Natércia completamente por terra, vencida e convencida da sua falta de imaginação, não teve outro remédio senão, àquela hora da noite, mandar chamar um alfaiate para confeccionar à pressa, a caprichosíssima almofada.

No dia seguinte, a Natércia tomou a firme decisão de se meter num avião e de emigrar para Lisboa, pois chegou à triste conclusão de que, enquanto aquela senhora e o esposo vivessem lá, ela nunca mais poderia brilhar. Foi a única competidora de força que a Natércia encontrou por aquelas terras!

E agora que ela já vive cá, completamente ignorada, ainda tem gravados no corpo todos os vícios daquele meio e, frequentemente, deixa abertas as portas dos carros donde sai, na ilusão que ainda tem atrás de si um batalhão de criados, ou pelo menos um, para as fechar. Também acha as pessoas de cá mal educadas, não lhe rendendo vénias algumas e choca-se a cada passo com os palavrões que os nossos muito «queques», largam da boca. Ela um dia há-de perceber que estes também o fazem à procura de marcar uma posição qualquer.

Tão sensível, a pobre Natércia, que não dá pelas coisas verdadeiramente sérias da vida!

Adeus até ao meu regresso!

MARIA MARIONETTE

EXCURSÃO DA C. P. ALGARVE EM FLOR E CARNAVAL DE LOULÉ

8 e 9 de Fevereiro

Comunica-nos a C. P. de que realiza nos dias 8 e 9 de Fevereiro em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, uma excursão de Lisboa a Albufeira, Vilamoura, Praia da Quarteira, Loulé, Alvor-Praia, Torralta, Lagos, Cabo de São Vicente, Sagres, Burgau, Praia da Luz, Praia da Rocha e Portimão, incluindo viagens em 1.ª classe, almoço no comboio, á ida, circuito turístico em autocarro, alojamento e refeições no Hotel Júpiter da Praia da Rocha.

Preço ..... 560$00

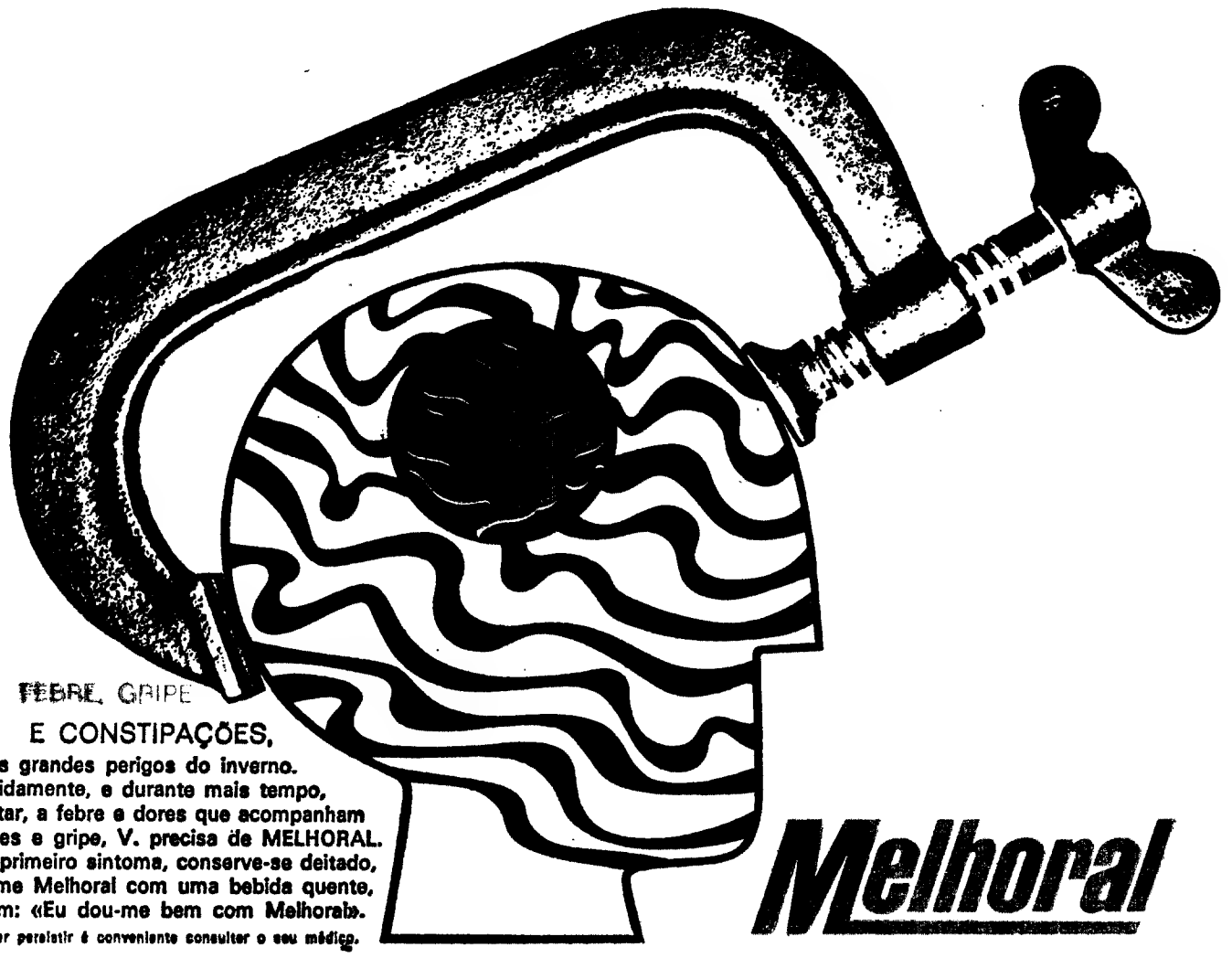
Bilhetes à venda nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), nas Agências de Viagens autorizadas, na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, 124) e nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro, em Lisboa, onde são distribuídos programas descritivos.

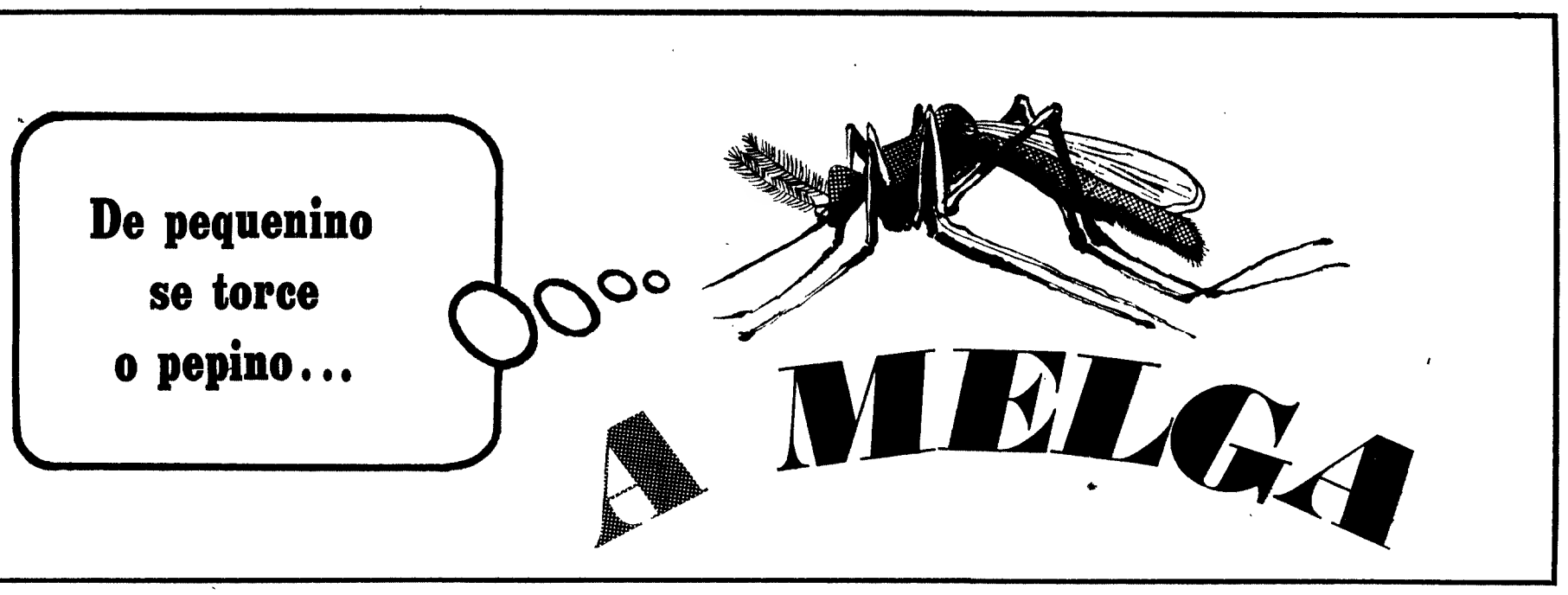
HORÁRIO DOS COMBOIOS

ZONA CENTRO

Comunica-nos a C. P. que, por motivo dos trabalhos de renovação da via, haverá pequenas alterações no horário de alguns comboios em circulação na linha do Norte, entre Lisboa (Santa Apolónia) e Entroncamento, e em tramvias, entre Lisboa (Santa Apolónia) e Azambuja, a partir do dia 12 de Janeiro de 1970 e até aviso em contrário.

O pormenor destas alterações consta dos avisos afixados nas estações onde poderão ser consultados pelo publico interessado.





POP LARUCHO

1. DA CONTINUIDADE

Termina amanhã, em Cannes, o IV MIDEM, Mercado Internacional do Disco e Edições Musicais, muito justamente considerado o mais importante «meeting» de industriais e comerciantes da musica gravada. Uma espécie de «Convenção de Ofir» mas em grande, em estrangeiro.

A atribuição dos troféus MIDEM baseia-se, não na qualidade, mas nos numeros de vendas, controlados em cada país participante por organismos como a «nossa» Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais Portugueses. O artista ou o «artista» que em cada país ma discos vendeu durante o ano recebe o troféu referente a esse país. Recorde-se que, por exemplo, em 1968 (MIDEM 2) foram distinguidos, para além dos prémios especiais atribuidos aos Beatles e a Petula Clarck, os Rolling Stones (Inglaterra), Roberto Carlos (Brasil), Karel Gott (Checoslováquia), Udo Urgens (Áustria), Salvatore Adamo (França e Bélgica), Amália Rodrigues (Portugal), etc. No ano seguinte (1969), III MIDEM e troféus para Patty Pravo (Itália), Mireille Mathieu (França), Mouslin Magomayev (U. R. S. S.), etc., e Amália Rodrigues (Portugal), que aliás já recebera o troféu correspondente ao MIDEM I (1967).

Como Amália Rodrigues, que «nos» representou nas edições anteriores, está a filmar em Itália, este ano «abstivemo-nos» de participar. Amália é ainda o unico produto nacional julgado com qualidade para cantar lá fora e considerado conveniente para falar lá fora. Sim porque há que ter em conta o que se diz, com musica ou sem ela.

António Mourão é um autêntico mouro nesta Lisboa mourisca...

2. DA CONTINUIDADE

Sempre que um ou uma nacional cançonetista se apresenta no estrangeiro, num dos vários festivais em que «exibimos» a «nossa musica», aparece alguém a levantar o problema da inacessibilidade da língua portuguesa. Que o português não é compreendido lá fora, é uma das razões com que explicam as classificações que «conseguimos».

Seguem-se alguns exemplos para actualizar a antologia de «O Português tal qual se canta»:

«Eu perco as noites na farra / por causa duma cigana / que se acompanha á guitarra / numa canção leviana / o mundo já me difama / por me queimar na quimera / dessa mulher que se chama / por fatalismo Severa. / Enquanto for Primavera / quero a meu lado a fadistagem / para cantarmos num brado / que o fado exige coragem. / Amigos falsos fugiram / quando me viram com a cigana / coitados nunca sentiram / que um grande amor não se engana.»

Pinto Ribeiro via António Mourão

«Tuuuuuuuu / sombra branca foste outrora / sombra querida / és agora / sombra negra que atormenta / minha vida. / Mas voltarás / e eu bem sei / não amarás / outro alguém. / Vejo a tua imagem / em tudo o que olhar / sinto o teu perfume / sempre em meu redor / a tua voz / ouço-a murmurar / juras de amor».

Gabriel Cardoso via Gabriel Cardoso

3. DA CONTINUIDADE

Para o português as outras línguas nem sempre são acessíveis, mas aqui o problema muda de figura, porque «nós temos», a par de muitas outras coisas que os outros não têm (sol, mar, Benfica, Algarve, Amália, sardinhas, Eusébio, Oporto wine, ponte sobre o Tejo, etc.), um especialista em verter em português o que de mais popularucho se canta lá fora. Já por várias vezes foi aqui referido, diríamos homenageado, o talentoso e utilíssimo António José. Mas ele insiste e nós (Moscas) também.

A mais recente obra de A. José é uma versão de Oh Lady Mary, gargarejada no original por David Alexander Winter, e dada agora ao acetato pelo incomparável Marco Paulo, talentoso seguidor de A. Calvário. Registamos, com o coração a vibrar de musical emoção, a seguinte passagem da encomenda:

«Tu és a flor / do roseiral / do meu amor / e mais ninguém / eu hei-de amar / seja quem for. / Oh Lady Mary / eu não me atrevo a pensar / Oh Lady Mary / no que vejo em teu olhar / Oh Lady Mary / és a primeira ilusão / Oh Lady Mary / do meu pobre coração. / ...Quando te vi / diz-me porquê / Lady Mary / eu só pensei / ser sempre teu / Lady Mary...»

4. DA CONTINUIDADE

Houve um tempo, não muito longínquo, em que Portugal constituiu uma fonte de inspiração para certos brilhantes compositores da estranja. Os camponeses da Nazaré, os pescadores do Alentejo, as lavadeiras de Portugal e outras realidades portuguesas foram fielmente tratadas por criadores como Marino Marini, Frank Pourcel e outras sumidades. Depois a moda passou, embora uma vez por outra se ouça falar de «nós» e de um Portugal desconhecido para muitos portugueses, em canções feitas e cantadas lá fora. Estamos a lembrar-nos, por exemplo, de Colette Magny em Les Gens de la Moyenne.

5. DA CONTINUIDADE

O facto de o POPularucho ter passado a ser publicado em «A Melga», suplemento de «A Mosca», suscitou legítimas duvidas sobre a sua futura orientação.

Para descanso dos espíritos bem formados dos habituais leitores, informamos que nada foi alterado. Trata-se apenas de uma mudança de nome, que de forma alguma implicará no pensamento e acção futuros desta secção. O facto aliás, não é inédito entre nós.

Amália-postal não precisa de selo. Sua voz é um telegrama urgente: quando chega, surpreende...

1

A Republica Popular da China não tem relações diplomáticas com os Estados Unidos da América do Norte. Entre ambos os países há um fosso que se tem alargado desde a vitória do Partido Comunista na guerra civil chinesa, em 1948. Entre ambos os países há o fosso que separa uma neocolónia que deixou de o ser de uma das potências que a (neocolonizaram. No momento em que (de acordo com a terminologia das agências noticiosas internacionais) o «diálogo» China-E. U. A. recomeça em Varsóvia, os 5 Pontos propõem-se recordar a história (ou melhor, a pré-história) das relações entre ambos os países.

2

Em 1823, um presidente americano que usava o (cinematográfico) nome de Monroe descobriu uma fórmula mágica que o Império adoptou e praticou a partir de então: «A América para os americanos». Esta fórmula linear (e até tautológica...) tinha então um significado muito preciso: era preciso expulsar do sul do continente os povos ibéricos, para que os jovens Estados Unidos se lhes substituíssem.

Ao longo de anos e décadas, o conceito assim expresso teve uma curiosa evolução semântica. A industria e o dólar norte-americanos eram ainda fracos, na segunda metade do século XIX, para que pudessem expandir-se para além da América. A doutrina de Monroe tinha pois um contraponto: o isolacionismo dos E. U. A. Com o rodar dos anos e com o crescimento do poder norte-americano, esse isolacionismo foi sendo progressivamente abandonado e, no final do século passado, a «doutrina» começava já a adquirir toda a sua amplitude: «O mundo para os americanos».

3

Os primeiros contactos dos E. U. A. com a China datam da segunda metade do século XIX e inscrevem-se no âmbito da expansão dos imperialismos ocidentais no Extremo Oriente. O capitalismo euro-americano entrava então na sua fase suprema e partia á conquista de mercados e de fontes abastecedoras de matérias-primas. Em 1819 a Inglaterra ocupara já Singapura e em 1842 Hong-Kong; entre 1862 e 1885, a França apoderou-se da Indochina (hoje diríamos Vietnam, Laos, Cambodja...); entre 1868 e 1875, os russos ocupam o Turquestão. É nesses anos-chave para a interpretação do vigésimo século da era cristã que as potências ocidentais impõem á China os chamados «tratados injustos». Um destes, celebrado em 1842, abriu os portos chineses aos navios europeus e americanos; outro, celebrado em 1899 fez descer definitivamente á Terra o debilitado Império Celeste obrigando-o a aderir ao regime da «liberdade» comercial ou da «porta aberta». Por esta porta, os E. U. A., com as suas industrias, os seus dólares e os seus exércitos entrariam na China...

4

A dominação dos ocidentais sobre a Ásia, dizem secamente as enciclopédias, era devida á sua (deles, ocidentais, evidentemente...) superioridade técnica. Durante longos anos, nada pôde abalar as posições das grandes potências na China. Um movimento nacionalista e anti-imperialista nascia e crescia, mas a intervenção directa de franceses, ingleses, alemães e americanos debelava no ovo quaisquer perspectivas de emancipação. Assim aconteceu com a «guerra do ópio», assim aconteceu com a revolta do Tai Ping. Assim aconteceu com a «revolta dos boxers» em 1900. Após essa data, um corpo expedicionário (permanente) euro-americano assentou arraiais (permanentes) em território chinês.

5

A consolidação das posições dos movimentos de libertação durante e após a segunda guerra mundial (que os norte-americanos, por necessidades da luta contra o Japão até tiveram que consentir...) altera radicalmente os dados da questão asiática.

Em 1945 a Republica Democrática do Vietnam é reconhecida como Estado independente — após 1962 os E. U. A. dão início a uma guerra contra o movimento de emancipação vietnamiana.

Em 1948, é fundada a Republica Democrática da Coreia — sob a égide das Nações Unidas, os E. U. A. empenham-se, ao longo de três anos, na guerra da Coreia.

Em 1948, o Partido Comunista Chinês, dirigido por Mao-Tse-Tung, proclama a Republica Democrática da China — desde então, os E. U. A. têm apoiado o regime de Taipé na sua campanha pró-libertação do continente chinês.

Perante o fracasso da campanha vietnamiana do Império, perante o fracasso da «libertação» do continente chinês, a Republica Popular da China poderá negociar, neste momento relações em bases justas com os E. U. A. Estará o país de Nixon disposto a esse tipo (inédito para ele, país, e para ele, Nixon) de relações?

AMADEU LOPES SABINO

... DEIXEI-ME INTEGRAR...

MUNDO MOSCA

No fundo tem-se pena — eram divertidos, deram uma certa animação à vida e deram, sobretudo, uma grande lição aos mais velhos em matéria de generosidade, de revisão de valores e de repúdio de quantas hipocrisias são aceites, por esse mundo fora, como valores definitivos. A verdade, porém, é que os hippies estão a seguir o caminho que se esperava: estão a desaparecer.

Muitos sustentam que os hippies europeus nunca passaram duma imitação sem razão de ser e que o «hippy movement» chegou à Europa quando já entrara em franco declínio no seu país de origem. A ser assim, o processo do declínio é já antigo, tão antigo que há quem afirme ter-se iniciado muito antes da Imprensa ter descoberto os hippies e o seu movimento. De qualquer forma, foi-se. O movimento acabou e, a partir de hoje, pode considerar-se propriedade dos comerciantes espertalhunfos do costume, que têm inte-

resse em manter o nome vivo para poderem, à sua sombra, vender mais calças à hippie, mais blusas floridas e mais exemplares desta ou daquela revista.

Das comunidades hippies mais conhecidas não restam senão vestígios já comercializados, mas conhece-se o destino de muitos dos hippies que mais se distinguiram durante o período que a Imprensa começa, já, a querer designar com uma frase tipo rótulo: «The hapy hippy years» (Os felizes anos hippie), «The time of the craze» (O tempo da mania), etc. Quando isto aconteceu — será necessário dizê-lo? — é porque as coisas morreram e estão, já, a arrumar-se no passado.

A área da Praia do Norte — a célebre «North Beach» de S. Francisco — está deserta, embora ainda se encontrem, aqui e além, ecos dos jovens que ainda há bem poucos anos transformaram a zona no lar espiritual do seu movimento.

A célebre «Co-existence bagel shop», onde os jovens se reuniam para beber, discutir e planear as suas actividades, é hoje uma modesta loja onde os turistas compram trajes hippies fabricados numa oficina especializada, a título de «souvenir».

A mais do que célebre «Bread and wine Mission» onde aos domingos se ofereciam refeições gratuita aos jovens que tivessem fome, foi trepassada a um industrial de lavandaria que já lá montou um estabelecimento desse ramo.

Sobrevivem o Vesúvio, o Enrico e o Trieste, mas estão quase vazios e o poucos fregueses que ainda os frequentam têm um ar nostálgico que não engana ninguém.

Que aconteceu aos jovens? Responde o psiquiatra dr. Francis Rigney, que viveu na Praia do Norte nos tempos áureos do movimento e que é considerado uma autoridade no assunto: «Dos 51 «leaders» que examinei pessoalmente, três morreram, dois estão internados em clínicas de psiquiatria, cinco vivem no mundo marginal dos alcoólicos, 14 mantêm uma vida mais ou menos boémia e 14 têm, agora, profissões respeitáveis integradas na sociedade burguesa. «Dos outros não sabe, mas julga que estão «integrados».

Uma das hippies que mais se celebrizou foi Maggie Rieff, a organizadora das célebres «Excursões à terra do desperdício capitalista», em que participavam os jovens mais agressivos, que entravam nos «foyers» dos hoteis de luxo de S. Francisco para se rirem dos burgueses.

Maggie Rieff chama-se actualmente Maggie Anthony. Casou, tem dois filhos e vive feliz com o marido numa casa que lhe custou 2000 contos. É proprietária dum prédio de apartamentos que lhe custou 3600 contos.

Burt Ferlinghetti, um dos poetas mais conhecidos do movimento, enriqueceu com os seus direitos de autor e é proprietário duma livraria luxuosa e próspera, a «City Lights Book Store».

Lamantia, o poeta surrealista, também enriqueceu.

«A grande maioria, nota um observador, integrou-se na classe média burguesa».

Uma nota curiosa: Maggie Anthony, a célebre Maggie Rieff, aluga os apartamentos do seu novo prédio de 3600 contos a toda a gente menos a estudantes e a hippies...

A leitura de todas as notícias, relatórios e estudos ùltimamente publicados em vários países mas, sobretudo, nos E. U. A., deixa um sabor amargo na boca. De repente, o que ainda há pouco era novo, é já passado. De repente descobre-se que milhares de jovens inconformistas acabaram por conformar-se e jazem, arquivados, no respectivo compartimento, com um rótulo mais ou menos apropriado.

Adivinha-se de longe a tristeza dos olhos do hippie desiludido. Adivinha-se e sofre-se com ele, porque só os muito, muito, estúpidos é que se deixaram ludibriar pelas revistas sensacionalistas: a revolta dos hippies não foi uma revolta de crianças imaturas desmoralizadas e desmoralizadoras. A revolta dos hippies foi uma revolta profundamente moralista, tão moralista que o pastor Billy Graham acaba de se declarar absolutamente convencido de que o que se passou tem um substrato profundamente religioso. Independentemente do que possa ter havido de religioso ou de procura de fé no movimento hippie, uma coisa é certa: quem viu os hippies cantando nas ruas, gritando «Make love not war» e formando cortejos para reclamar contra a guerra no Vietnam, não tem a menor dúvida a respeito da moralidade intrínseca do movimento. O hippie, como notaram tantos observadores, não fazia amor por prazer erótico, mas por amor à verdade e por ódio à hiprocrisia.

Por mais que isso custe à classe dos aproveitadores, todos os estudiosos são unânimes em afirmar que o amor era, para o hippie, um ritual anti-burguês, um ritual de que depressa se cansou. Até no seu horror à ostentação da propriedade e à acumulação de bens inúteis, o hippie revelou uma concepção profundamente moralista da vida. O mais curioso, porém, é pensar no que vai acontecer nos próximos dez anos. Esse sentido moralista da vida vai desaparecer? Vai assumir outras formas? Como é que vão reagir, perante a vida, os jovens posteriores ao movimento hippie? E os próprios hippies, agora que estão mais velhos e que descobriram como a vida é complexa — desistem ou continuam?

As pessoas que se têm debruçado sobre estes problemas são quase unânimes: adivinham-se, já, os primeiros sintomas duma reacção contra a liberdade sexual que pode mesmo vir a ser violenta. O sexo como instrumento de reforma social falhou e, na década em que acabamos de entrar, vai ter muito menos importância na vida social do que muitos julgam. É mesmo possível que entremos num período de puritanismo intragável porque uma coisa é certa: o moralismo que fazia parte integrante do movimento hippie vai ter uma importância cada vez maior na vida dos povos.

O dr. Edward de Bono, psicólogo da Universidade de Cambridge, resumiu numa frase o que a maioria dos psicólogos e sociólogos pensam sobre o futuro imediato: «o sexo, nos anos 70, vai deixar de interessar as pessoas — vai ser substituído, como obsessão, pela dedicação aos problemas sociais e pelo trabalho social».

É curioso pensar que a mesma intenção moralizadora que provocou a defesa da liberdade sexual pode vir a provocar, nos anos mais próximos, um clima de puritanismo violento.

É curioso, mas lógico.

A MOSCA NO PRATO

SÁBADO — Jantar na Gôndola, um restaurante especialmente agradável no Verão porque se come ao ar livre. E, já que falamos em comer ao ar livre: porque haverá neste País ensolarado tão poucos sítios onde se possa comer ao ar livre? Além de alguns restaurantes atascados do Parque Mayer, da Parreirinha do Rato, da Gôndola, da Gaivota do Corpo Santo (que tem cinco ou seis meses ao ar livre), dum pequeno restaurante da Rua Castilho e do Quebra-Bilhas, o alfacinha não tem onde possa beneficiar, á hora das refeições, do tal clima ameno de que tanto se fala. Porquê? Será que não é permitido, será que os proprietários dos nossos restaurantes não têm iniciativa ou será que não nos fazem falta? Custa-nos ter de falar do que se passa lá fora — temos de viver para nós e não «para inglês ver» — mas a verdade é que mesmo nas cidades nórdicas há dezenas de locais onde no Verão se come ao ar livre. Só nós é que não os temos. No fundo somos um povo triste, angustiado por conceitos de pequeno-burgueses que confundem a dignidade com a tristeza. Estamos convencidos de que não podemos abandonar o nosso tradicional ar seráfico sem perda da dignidade que nos resta. Será essa a que nos resta?

Voltando á Gôndola, o restaurante que é mais agradável no Verão do que no Inverno porque tem uma atmosfera pouco convidativa. O bar deste restaurante é antiquado, desagradável, repleto de falsa loiça popular e de azulejos decorativos que deviam estar guardados no sótão do proprietário para gozo futuro dos seus netos. Dir-se-ia que foi decorado por alguém que, em matéria de decoração, ficou pela Viuva Lamego. Da sala de jantar propriamente dita, nem vale a pena falar: é de hotel de cidade de província.

Uma coisa, porém, é certa: come-se bem e a lista, embora com tendência, ultimamente, para encolher, é das poucas da capital que nos fazem esquecer a presença permanente da Galiza. Infelizmente as contas não acompanham a tendência da lista — engordam duma forma extraordinária á menor imprudência do cliente, sobretudo em matéria de vinhos. Um jantar normal para 2 custa cerca de 300$00 o que é relativamente aceitável, considerando o que para aí se pede em certos locais pseudoluxuosos. Uma palavra para as empregadas: são magníficas.

DOMINGO — Dia de escrever esta coluna e, por, tanto, de aproveitar para dar descanso ao estômago. Do ponto de vista gastronómico, o domingo é um dia desperdiçado ou, melhor, dominado pelos pastéis de Belém e pelas queijadas de Sintra com que os passeantes suprem as deficiências do passeio dominical. Os pastéis de Belém da Verdadeira Fábrica de Pastéis de Belém, aliás, bem borrifados de canela e comidos ainda quentes, são deliciosos e fazem esquecer os que para aí se vendem em certas pastelarias. As queijadas de Sintra, quando recentes e adquiridas em Sintra, não lhes ficam atrás. É justo, já que falamos dos arredores da cidade, mencionar o pão-de-ló de Loures, agora á venda numa loja que o simpático Diamantino, infelizmente, mandou decorar de forma a ficar igual a todas as leitarias pretensiosas que abundam neste reino. Para quem gosta de pão-de-ló, o de Loures é um clássico imbatível nesta região do País em que tudo está a ficar standardizado.

Que mais encontra o turista dominical no seu dominical passeio? Os bolos de areia de Cascais — deliciosos os da Laura — andam esquecidos dos não iniciados e, que saibamos, não há especialidades regionais na Parede e na Cruz Quebrada. Haverá?

SEGUNDA — Almoço no Canas, uma espécie de pastelaria, café e cervejaria com aspirações a restaurante, que fica mais ou menos no cruzamento da Ferreira Borges com a Rua dos Prazeres, mesmo ao lado dum talho onde caiu a primeira granada da revolução de 1919, a julgar por uma placa comemorativa do acontecimento. Verifica-se, logo ao primeiro contacto com a cozinha da casa, que os artilheiros responsáveis pela tal granada perderam uma boa ocasião de prestar um serviço a quem goesta de comer, serviço que teriam prestado se tivessem acertado mais ao lado, na cozinha do Canas. É que a cozinha da casa é má, tão má, como os «descombinados» que se comem ao balcão do «snack». Aceitamos tudo, comemos tudo e nem sequer sabemos distinguir

A Mosca no prato

entre o que vale a pena comer e o que é simplesmente «confeccionado»...

Os mariscos do Canas, porém, são bons e se os empregados da casa conversassem menos com os amigos que entram na loja e prestassem mais atenção ao que deviam estar a fazer, valia a pena ir lá por causa dos mariscos.

A propósito da decoração: porque não mandamos as paredes do Canas á Feira Internacional de Osaka? É que são autênticos mostruários das diversas formas de indecorar paredes que temos cá no reino. No género pífio, não há melhor.

TERÇA — Jantar no Convés — Oh pressa, a quanto obrigas! Um empregado magnífico e, para comer, uma droga qualquer «á snack». O que era? Supomos que era comida, mas não desejamos assumir compromissos em relação a um assunto que se presta a tantas controvérsias. Dum modo geral, o «Convés» não é melhor nem pior do que as outras fábricas de alimentos «snackicos», de forma que este comentário talvez não seja inteiramente justo.

Para que os boatos acabem de vez, informamos que, ao contrário do que geralmente se diz, o tema decorativo do fundo (uma escultura? de chumbo pintada de tinta bronze ou de qualquer coisa semelhante) não representa a expressão duma corista inglesa, recentemente chegada, ao ser contactada pela primeira vez, na rua, por um «playboy» da região do Saldanha.

Sabemos de fonte segura tratar-se duma tentativa de reproduzir plásticamente, em chumbo corrente, uma parte do cérebro do empresário Vasco Morgado — a parte que ele utiliza para avaliar o mérito das peças que monta no Teatro Monumental.

QUARTA — Almoço no Lira de Ouro, um restaurante-cervejaria da Rua Nova de S. Mamede. Ambiente de cervejaria modesta: paredes brancas e despretensiosas e três ou quatro empregados entrincheirados atrás dum balcão corrido, á espera do inimigo. Neste caso tivemos a sensação de que éramos o inimigo. Mostarda inglesa para o Mixed Grill não havia — havia Savora e se os fregueses do costume gostavam, porque é que nós havíamos de reclamar? O que está a contribuir para que se coma cada vez pior em Lisboa é a boa vontade dos clientes do «costume» — é que já estão «acostumados»...

Um mixed grill igual a todos — isto é, feito á base de febras de porco (que sempre dão para o «Mix» e para assar «nas brasas» da Companhia do Gás) — mas bem confeccionado. Preços muito aceitáveis. Se alguma vez lá for e pedir saladinha de lagosta ou de mariscos, opte pela que vem com «maionnaise» e deixe a que vem com o molho da casa para os incautos. Almoço para duas pessoas — de 70 a 80$00.

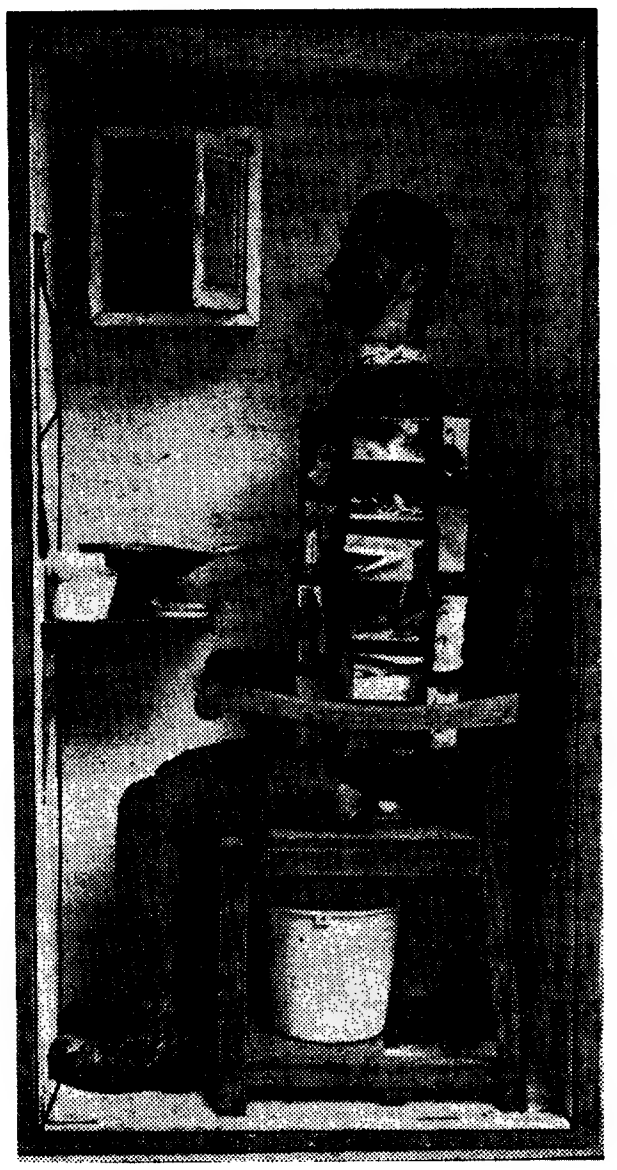
QUINTA — Almoço no Telheiro, uma espécie de restaurante típico não sabemos ao certo de quê, estratégicamente situado no que a lista telefónica designa por Lat Coelho (será a Rua Latino Coelho, a Rua Latão Coelho ou a Rua Lateco Coelho?). Trata-se dum restaurante neutro — nem é agradável nem é desagradável. O barulho é que é ensurdecedor e como há mesas a mais para o espaço disponível, o almoço é uma espécie de combate de luta livre entre os felizardos que já estão sentados, os empregados que andam na entrega das travessas e os desgraçados que procuram lugar. Digamos que o Telheiro faz lembrar uma estação de metropolitano numa hora de «ponta» e não andaremos muito longe da verdade.

A comida surpreende: se chegasse á mesa quente nem era desagradável. Se dissermos que puxa para o caseiro dos dias em que a mulher está com paciência para cozinhar e em que não se economizou chouriço, acertamos em cheio. O empregado, porém, andou na entrega de vinho, de pão e das azeitonas e quando chegou á mesa trazia feijoada á «esquimó». Recomendamos a orelha de porco nas brasas, mas peça para a queimarem bem, senão vem dura como se ainda fizesse parte do porco e ele ainda estivesse vivo. Preços? Correntes para o género. Um almoço modesto para dois custou cerca de cem escudos.

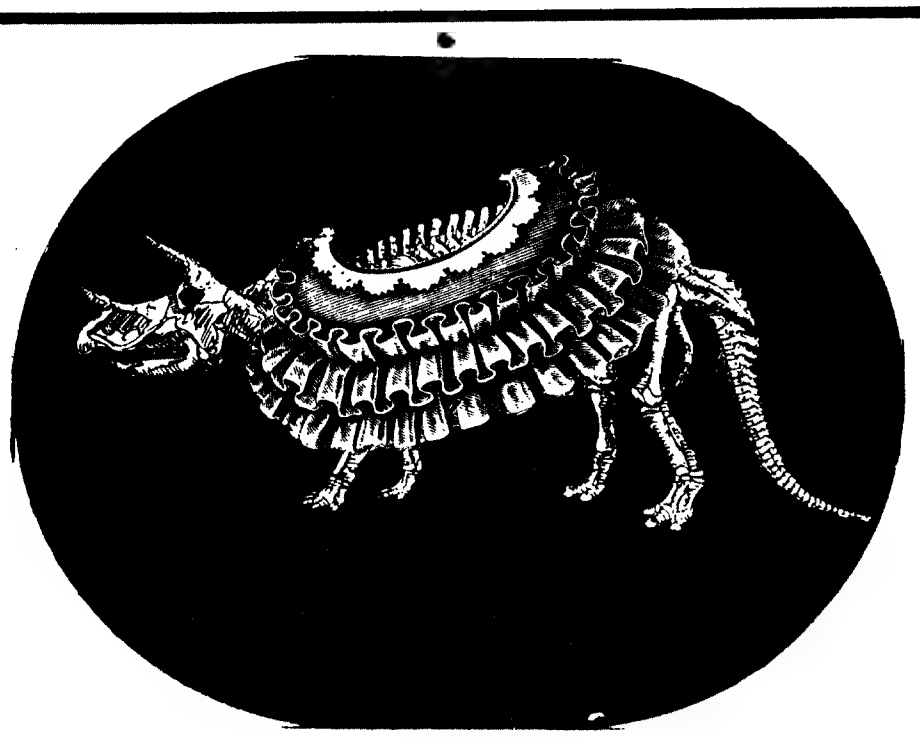
SEXTA — Temos um certo respeito pela Ucal. Julgamos tratar-se duma organização eficiente e util e julgamos que a colectividade lisboeta tem muito a lucrar com a sua existência. Há uma coisa, porém, que não lhe perdoamos: uns pzzxysctrs (não sabemos que nome lhes havemos de dar...) que essa empresa produz e que andam por aí a imitar queijos frescos. Estamos certos, note-se, de que lá frescos são eles, mas também estamos certos de que só num sentido muito técnico é que são queijos. Referimo-nos a uns pudins-de-flan brancos, inodoros e insípidos que a Ucal criou e que são autênticas caricaturas dos nossos tradicionais e deliciosos queijos frescos.

Temos medo de que, mais dia menos dia, os técnicos da empresa resolvam ucalizar o Serra, o Serpa e o Azeitão.

Senhores da Ucal: tende piedade de nós...



Comer, por vezes, equivale a uma execução na cadeira eléctrica. Única safa: um «alka-seltzer» amarelo. Outras vezes, comer é um acto automático. Como quem mete gasolina num isqueiro



O nefando crime

Torquato da Luz

UM gato apareceu morto numa rua de Lisboa. A notícia (de largo alcance social) veio nos jornais. Vejamos como. Tem um doce quem adivinhar, pelo diferente tom de cada um deles, os periódicos onde vieram publicados estes primorosos nacos de prosa:

Versão I. — Título: «O NEFANDO CRIME DA DESUMANA MULHER QUE MATOU UM POBRE GATO» — Não tem coração dentro do peito, mas decerto uma pedra a substituí-lo, essa Aldemira Pé-de-Boi, de 42 anos, divorciada, mulher de recados nas horas vagas, que ontem, em plena tarde, na Calçada do Beco das Cruzes, em frente do n.º 15, onde reside, espancou, até à morte, um pobre gato, que era a única companhia de uma senhora velhinha e entrevada que mora no n.º 16 da mesma rua. O nosso repórter, deslocado para o local, ouviu o gato, perdão, a dona do gato, que amàvelmente, embora inconsolável e de lágrimas a correr-lhe pelas faces enrugadas, começou por dizer:

— O «Tareco» era a única alegria da minha prolongada viuvez. Há quinze anos que aqui estou nesta cadeira de rodas, só, triste e abandonada, e agora roubaram-me a única companhia que me restava: o querido «Tareco». Não conheço a assassina. Mas vieram-me dizer que é divorciada; isso diz tudo, não acha? Ah, se o meu Alfredo fosse vivo...

Ouvido o depoimento da dona do gato (a entrevada e triste sr.ª D. Balbina do Couto Pereira de Silvares e Manjerico Alecrim), o repórter dirigiu-se à esquadra, onde tentou ouvir a gatal assassina. Esta, demonstrando toda a insensibilidade que a caracteriza, atirou com a espinha de um carapau (estava a almoçar) à cara do repórter, chamando-lhe «Bichano das dúzias» e outros piropos desagradáveis, após o que, do outro lado das grades da cela onde se encontra detida, fez uma série de gestos ameaçadores que o jornalista (doente do coração) não entendeu lá muito bem. Esperemos que a justiça saiba castigar, como merece, tal energúmena.

Versão II — Título: «O GATO ENCONTRADO MORTO FOI VÍTIMA DAS FÚRIAS DE UMA VIÚVA» — É viúva, e não divorciada como erradamente noticiava um nosso colega da manhã, a mulher-a-dias Aldemira Pé-de-Boi, de 41 anos, residente na Calçada do Beco das Cruzes, n.º 15, que ontem espancou, até à morte, em frente da sua residência, o gato da sr.ª condessa de Alecrim.

Sempre em cima da notícia, o nosso jornal tentou ouvir o guarda que procedeu à detenção da Aldemira. Este recusou-se a fazer declarações sem licença dos superiores. Assim se complica a missão da Imprensa...

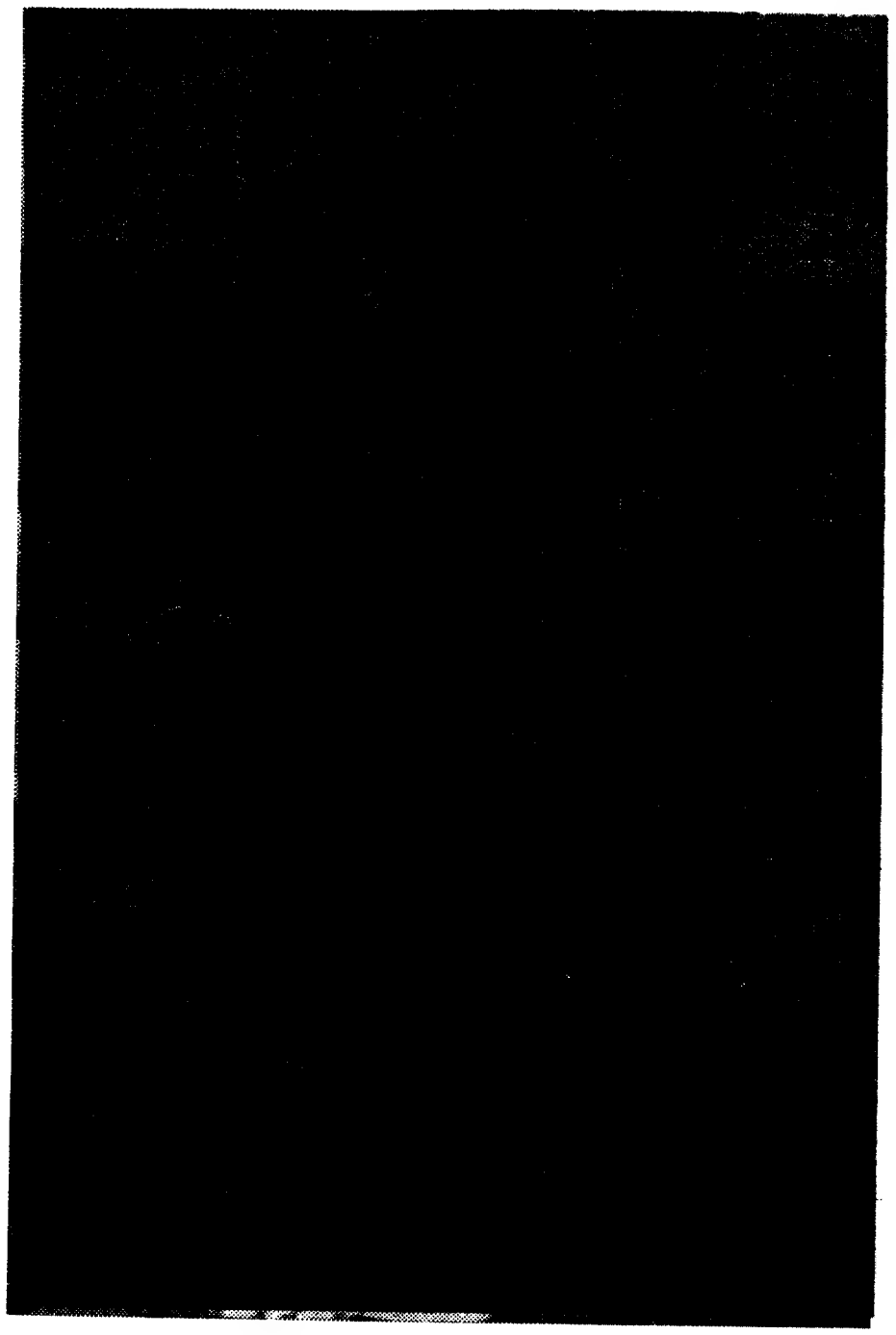
Versão III — Título: «O GATO» — Tinha um pêlo lindíssimo (parecia «vison») o gatinho aparecido morto, não se sabe por quem, na Calçada do Beco das Cruzes. Eu, que só há pouco tempo passei a usar peles, não desdenharia aceitar a oferta (se ma fizessem) daquela do «Tareco», para ornamentar o meu vestido «soirée lamé» que uma amiga (a Picas) me trouxe de Paris, a semana passada. A condessa de Alecrim (que, há dias, apareceu, lindíssima, na sua cadeira de rodas, no «cocktail» das Castros) prometeu-me arranjar outro gato...

Versão IV — Título: «UM GATO MORTO NUMA RUA» — É preciso acabar com o horrível espectáculo dos animais mortos nas ruas da cidade. Além de emporcalharem as artérias da nossa capital (das mais limpas da Europa), exalam um pestilento cheiro, o que é sempre desagradável. Chamamos a atenção dos «almeidas» municipais para estes factos.

Na Calçada do Beco das Cruzes, por exemplo, há vários dias que jaz um gato, a putrefazer-se. Não se poderá pôr cobro a isto?

O VENCEDOR DA SCOTLAND YARD

I JOAQUIM BENITE



LAMENTO ter de contar esta história, mas assim o exige a minha honra de jornalista. A verdade é que encontrei o cérebro do assalto ao comboio-correio quando descia pacatamente a Rua dos Remédios.

Ronald Biggs seguia muito turisticamente à minha frente perscrutando com os olhos onde se adivinha a perspicácia inglesa de um James Bond do crime as tascas sujas de Alfama. «Muito pitoresco» — disse-me ele quando, por acaso, passei a seu lado.

Sem saber de quem se tratava, não me escusei a entabular conversa com o desconhecido, aliás um homem com muito bom aspecto britânico, alto (de uma altura britânica), simpático (uma simpatia britânica), com gestos britânicos, sorriso britânico e andar britânico, tal e qual como o casal Smith da *«Cantora careca»*.

O homem disse-me logo de entrada:

— Não sei se já percebeu. Eu sou o cérebro do assalto ao comboio-correio inglês.

O tom de sinceridade britânica das suas palavras era de tal modo acentuado que acreditei imediatamente. Disse-lhe que era jornalista, que a vida não me corria nada bem, que estava um tempo muito bonito, que se ele gostava de Portugal, enfim, aquelas imbecilidades que se dizem quando não há mais nada para dizer. À palavra *jornalista* o meu interlocutor abanou as orelhas, num tique singularmente britânico.

— Jornalista? Homem, não me diga. Vou-lhe dar uma «caixa». Você vai ter o exclusivo da história da minha vida para Portugal, Estados Unidos, Canadá e Albânia.

Agradeci.

— Só uma condição: fotografias não. Nada de fotografias.

Assentámos nas condições e daí a pouco, sentados a uma mesa com tampo de mármore de uma pequena leitaria do bairro, Ronald Biggs contava-me entusiasmo a sua história. Nos gestos britânicos do meu entrevistado percebia-se uma segurança bem britânica, uma ironia também evidentemente britânica e uma tranquilidade de igual modo britânica. A propósito desta última qualidade citei-lhe Fernando Pessoa (logo de entrada para ele não pensar que estava a falar com algum ignorante): «Os ingleses foram feitos para existir / Não há gente como eles para estar feita com a tranquilidade / A gente deita um vintém / E sai um deles a sorrir». Para minha surpresa, Ronald Biggs não conhecia Fernando Pessoa.

— Em que cadeia é que ele esteve? — perguntou.

Desfiz o equívoco, o que levou o meu interlocutor a sorrir com ar superior:

— Ah, sim... Um poeta... Coitadito...

Reticências muito britânicas, diga-se.

Após estes preâmbulos (indispensáveis para nos conhecermos melhor) Biggs iniciou a sua espantosa história:

— Meu amigo, na origem do meu crime estão cinco filósofos: Proudhon que disse «A propriedade é um roubo», Robespierre que disse «Audácia, audácia, sempre audácia», Descartes que disse «Roubo, logo existo», o camionista Eduardo Jorge que disse «Os comboios são o malefício do século» (1) e um amigo meu, português, que conheci em Londres: «Ou há moralidade ou comem todos» (2).

É claro que fiquei um pouco surpreso com o alarde de cultura manifestado pelo famoso *gangster*. Fiz-lho sentir.

— Antes de mais — disse pausadamente — não sou um *gangster*. Isso são reflexos dos filmes de Hollywood que você tem visto. Aconselho-lhe a ver obras do «Free-Cinema». É muito mais britânicamente saudável. Sou, digamos, um excêntrico. Em segundo lugar, por que raio se admira você que eu seja um intelectual, um homem de muitas leituras como o vosso famoso João Gaspar Simões?

— Bom, esse nunca assaltou ninguém... — interrompi tìmidamente.

— É o que você pensa. Toda a gente já assaltou alguém alguma vez.

(Pus-me a pensar no caso. Lembrei-me de Fernando Pessoa, Teixeira de Pascoaes, José Régio, não levou muito que na minha mente crescesse a imagem de João Gaspar Simões de armadura e espada em punho, gritando «Ao assalto! Eu sou o cérebro do assalto ao comboio da literatura portuguesa»).

— E como toda a gente tem tendência nata para assaltar alguém, como diria esse austríaco maluco (3) que agora está muito em moda — prosseguiu Ronald Biggs, retomando o fio à conversa —, também eu desde pequeno senti a necessidade de praticar um feitozinho desses.

Foi a minha vez de me entusiasmar e dar exemplos históricos:

— É verdade, é. Olhe, Vasco da Gama, Napoleão, Cidália Meireles, Ivo Cruz...

— Ivo Cruz... Quem é?

— Um português. Assaltou o Conservatório.

Biggs falou-me depois da sua infância britânica: o pai sempre bêbedo (bebedeiras britânicas), a mãe entrevada, muitos irmãos (dois tuberculosos), miséria, miséria, miséria.

— Bem — diz-me ele. — Nunca pudemos beneficiar do esplendor do Império Britânico. Ora isto não fazia sentido. Eu, um cidadão britânico, também queria comer do bolo. Aos 14 anos — continua numa voz impessoal — saí de casa. Resolvi partir à descoberta de Londres, como Oliver Twist. Descobri Londres. Empreguei-me primeiro numa quadrilha de ladrões cultos chefiada por um ex-marceneiro que numa altura da sua vida fizera carreira na política. Mas ganhava-se mal: poucas carteiras, muitas prisões... Deixei essa organização e resolvi estudar. Um criminoso que conheci nos subúrbios, durante uma acção conjunta de várias quadrilhas, resolveu pagar-me os estudos. «Sinto que tu serás alguém», disse-me ele. «Vais para Oxford a expensas da quadrilha, e vais ver que quando voltares serás um génio. Pagar-me-ás nessa altura o que faço por ti». Nunca me poderei esquecer desse benfeitor (que infelizmente foi estrangulado antes de eu ter terminado os estudos). Em Oxford tomei parte em regatas e inventei uma forma engenhosa de pôr os adversários fora de combate, pelo que fui campeão várias vezes. Quando saí da Universidade, sabia que ia ser o cérebro do assalto ao comboio-correio. O resto já você conhece. Venci a Scotland Yard, a rede de comunicações, os correios ingleses, venci tudo — sou uma espécie de «Sempre Vencedora».

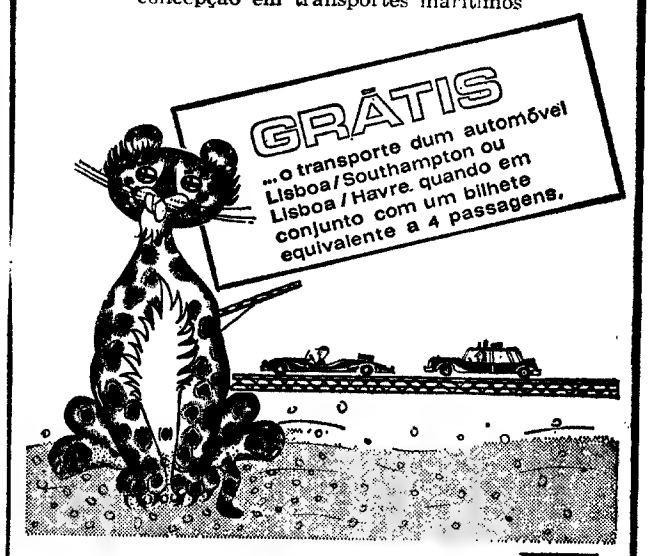
Perplexo com a inesperada história de Ronald Biggs, tive de esperar algum tempo para me sentir refeito da emoção. Sentia já um pouco de admiração por esse criminoso célebre (embora não me esqueça

(Continua na pág. seguinte)

se vai viajar
leve o seu automóvel !!!

Normandy Ferries

Próximas viagens do «LEOPARD»
Para SOUTHAMPTON e HAVRE:
28 Jan., 8 e 19 Fev., 2, 13 e 24 Mar.
Para CASABLANCA:
25 Jan., 5, 16 e 27 Fev., 10 e 21 Mar.
VISITE MARROCOS e experimente esta nova concepção em transportes marítimos



Consulte o seu Agente de Viagens ou:
E. PINTO BASTO & Cª L.da
Praça Duque da Terceira, 20 Telefone 361581 - LISBOA

A que sabe um Scotch perfeito?
A 100 Pipers.

Pergunte a qualquer grande apreciador.

69P-1

Macieira & Cª Lda.
RUA IVENS, 45-LISBOA

ANDARES
VENDEM-SE

Em Benfica, Venda Nova, Queluz, Amadora, Algés, Linda-a-Velha, Carnaxide, Sassoeiros e Parede, c/ 3 a 5 casas assoalhadas, 2 casas de banho, cozinha, roupeiros, etc.

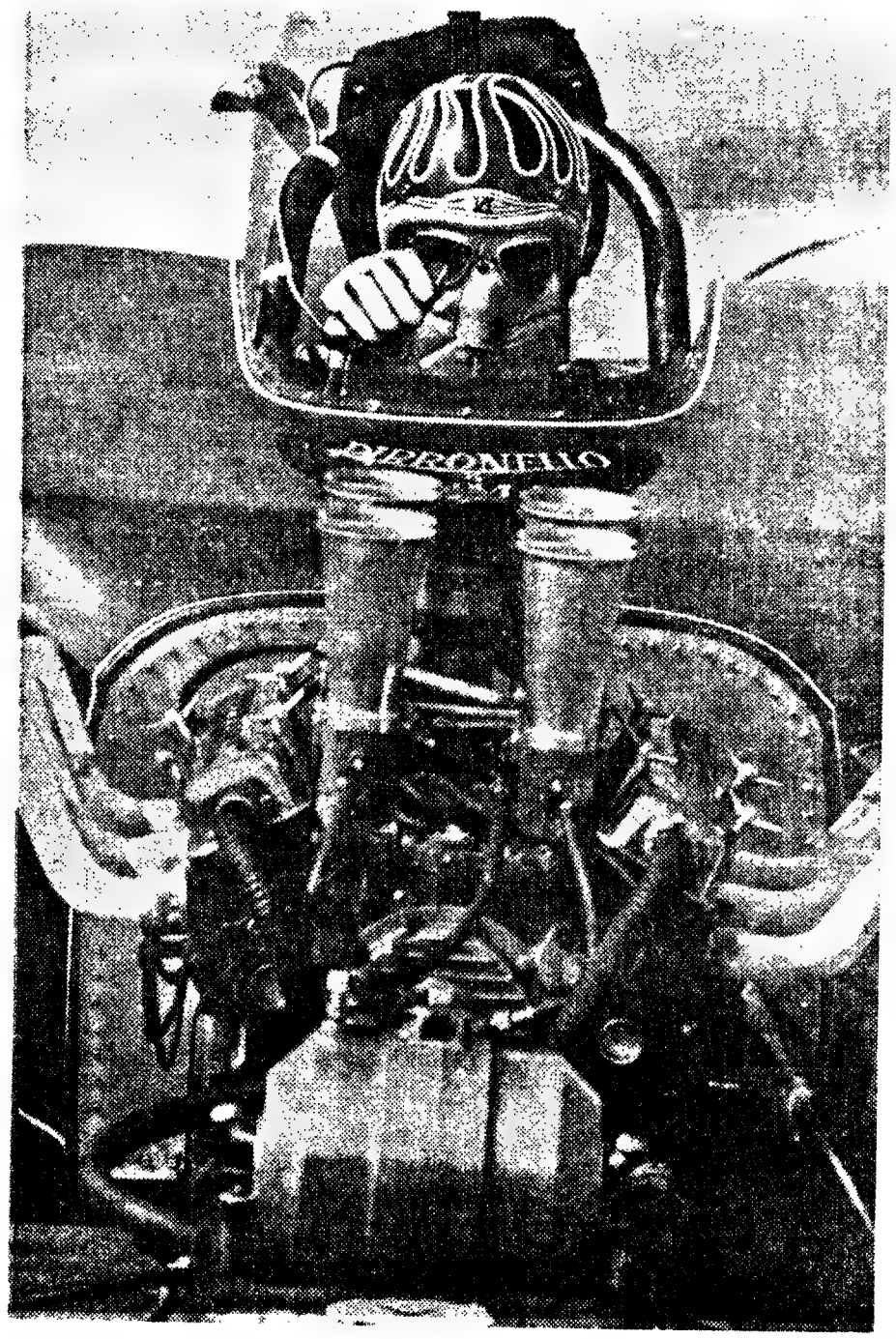
TERRENOS C/ PROJECTO APROVADO
FACILITA-SE O PAGAMENTO

JOÃO PROTÁSIO NALHA

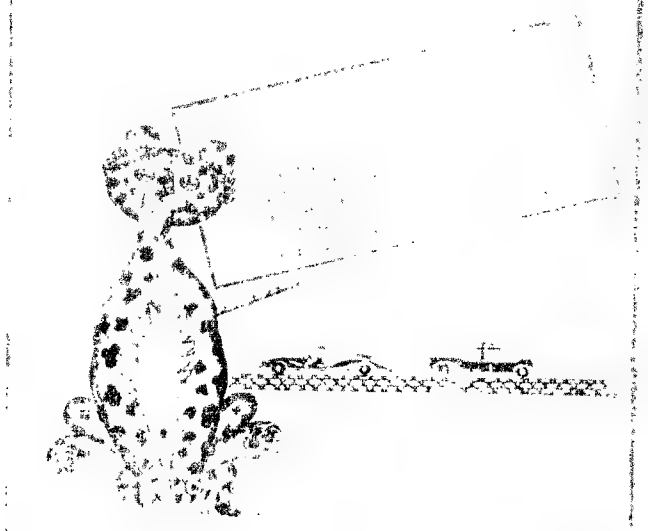
Rua Luciano Cordeiro, 25-1.º-Dt.º — LISBOA
Telefs. 539200, 2910079 e 785200

O VENCEDOR DA SCOTLAND YARD

JOAQUIM BENITO



se vai viajar
leve o seu automovel
Normandy Ferries



PINTO BASTO & C.

A que sabe um Scotch perfeito? A 100 Pipers.

Pergunte a qualquer grande apreciador.

ANDARES

VENDEM-SE

TERRENOS C/ PROJECTO APROVADO
FACILITA SE O PAGAMENTO

JOÃO PROTÁSIO VALHA

O VENCEDOR DA SCOTLAND YARD

(Continuação da pág. anterior)

nem um único segundo, claro está, que ele se encontra à margem da lei e constitui, por isso, uma má companhia. O meu interlocutor olhava-me silencioso, com o olhar penetrantemente britânico que já descrevi. Que se passaria a seguir? Era óbvio que ele esperava por uma pergunta minha. E naturalmente que teria de ser uma boa pergunta. Inspirei-me nas entrevistas que tenho lido dos maiores jornalistas portugueses. Disparei:

— E... quais são os seus cantores preferidos?

Resposta prontamente britânica:

— Os Beatles e Tony de Matos.

(Delicadeza britânica ou sinceridade britânica?)

— Os seus projectos para o futuro?

— Estou neste momento a preparar um grande assalto. Não lhe posso dizer mais nada. A única coisa que lhe posso adiantar é que o cenário será Portugal.

Parecia que não falaria mais. Mas na realidade não resistiu à minha arguta insistência (perdoe-se a imodéstia).

— Bom, como você é bom rapaz, sempre lhe digo. Mas cuidado, se fizer uso disto é um homem morto (4) Vou juntar-me com um camarada que muito aprecio, Vasco «Al» Morgado. Temos um grande projecto em conjunto: assaltar o Maria Matos. Esse teatro será nosso daqui a pouco tempo. Palavra de cérebro. E será o primeiro passo. Dentro em pouco não haverá casas de espectáculos disponíveis. Até a Tobis e a R. T. P. estão nos nossos projectos.

— Mas tudo isso para quê, meu caro Ronald? — perguntava eu já muito bêbedo.

— Meu filho, nós, cérebros, também temos as nossas fraquezas. Por mim desejo ardentemente ver a minha vida no palco e na tela. Já tenho um autor: Henrique Santana. E um título: «Os cérebros não sentem os polícias»

Fora uma confissão completa. A entrevista chegara ao fim. Ronald Biggs levantou-se e despediu-se:

— Adeus, meu caro Baptista-Bastos.

— Mas — titubeei — eu... não sou o Baptista-Bastos...

— Não?! Oh, meu Deus, mas então enganei-me. Estou perdido!

E desatou a fugir como se tivesse visto o diabo.

---

(1) — Interrogado pela nossa reportagem, mais tarde, Eduardo Jorge não confirmou a afirmação de Ronald Biggs. «É absolutamente falso» — sustentou — «O que eu disse foi: os comboios são o «grande» malefício do século» O mesmo, aliás, nos disse um funcionário do «Século»: «Sim, os comboios são o nosso grande malefício» Acerca de malefícios, consultar «Os malefícios do tabaco», de A Tchekov, ed Moscovo, 1912; sobre comboios confrontar a obra de Georges Simenon «O homem que via passar os comboios», trad port Bertrand, Lisboa, 1964

(2) — Cardoso Pires?

(3) — Freud?

(4) — Linguagem figurada, evidentemente Pois se estivesse morto não poderia ter escrito isto, como diria António Lopes Ribeiro.

Hoje é o tempo de vestir

REDACÇÃO

A minha tia Amélia coitadinha parece uma agulha daquelas de fazer camisolas para os pobres da freguesia que é o que ela faz todo o dia porque não sabe fazer mais nada só antes do Natal é que faz umas para dar ao meu pai à minha Mãe à minha Avó à minha tia Ernestina ao senhor prior lá da terra e cá à Guidinha que não lhes chupa as camisolas nem com molho branco mas tem de as usar sim porque os outros querem lá saber das camisolas da minha Tia Amélia as que ela deu à minha Mãe e ao meu pai o ano passado já são esfregões na cozinha um tem um buracão que foi daquela vez que o feijão se pegou e a minha Mãe se queimou e o meu pai berrou e a minha Avó chorou e quem se tramou fui eu que tive de comer o feijão do fundo da panela que nisto de feijão quem se trama sou sempre eu o meu Pai come quase todo o chouriço a minha Avó porque não tem dentes nem tem nada a única coisa que o raio da velha tem é lata como o toucinho a minha Mãe amanha-se como pode e se não se amanha melhor a culpa é dela que é ela que o faz na cozinha e pode ir ao chouriço sem ninguém ver só eu é que tenho de papar feijão sem mais nada e se quiser coisas de ferrar o dente que faça sopas de pão nisto de comidas se eu quisesse falar nunca mais me calava mas do que eu quero falar hoje é da minha Tia Amélia que vive lá na terra e passa o dia a chatiar os pobrezinhos da freguesia menos quando vem passar uns dias a chatear a minha família e os pobrezinhos de cá da Graça que não têm culpa nenhuma de ela ser um espeto e de ter a mania que o mundo está uma desgraça da última vez que esteve cá teimou em ir comigo ao jardim da praça e quando ia a passar deu de trombas com o Zé Eleutério que não tem emprego mas também não tem família para lhe comer o ordenado coitado do Zé Eleutério que vive num buraco com um canário que até é mudo dois gatos quase sem pêlo e três garrafões que ele diz que comprou num armazem mas lá com quê não sei porque ele não tem pilim e se não fosse a gente encher-lhe os garrafões ele morria a pensar nas desgraças da vida porque a vida é cheia de desgraças e o Zé Eleuténio tem mais desgraças que os outros porque a mulher morreu-lhe não sei de quê e a filha que era muito religiosa tão religiosa que tinha quatro cruzes só não sei é onde morreu-lhe disso também não sei como mas sempre é uma esperança porque a minha Tia Amélia é muito religiosa e nunca se sabe podemos ter sorte e dar-lhe uma coisa mas estão a ver as desgraças do Zé Eleutério tomara muita gente que eu conheço ser como ele que passa o dia a cantar e não chateia ninguém sim não chateia ninguém quantas pessoas é que podem dizer o mesmo vai a minha Tia Amélia deu de trombas com o Zé Eleutério e em lugar de lhe dizer bom-dia ti Zé e de se afastar para lhe dar passagem para ele ir à vida a cantar a Maria da Fonte e o Papagaio Louro que são as músicas de que ele gosta não senhor especou-se no meio da rua e disse-lhe o senhor não tem vergonha de beber não tem vergonha de ser assim não tem vergonha de não cuidar da família não tem vergonha de ser uma lástima da sociedade ora isto é tudo mentira porque o Zé Eleutério só bebe para abafar as desgraças, a família dele é o canário mudo e os gatos e ele dá alpista ao canário e abre a porta aos gatos e não é nenhuma lástima da sociedade porque nos dias em que há baile lá na sociedade até o convidam para ser porteiro enquanto se aguentar em pé com um boné na cabeça que até parece um almirante é claro que o Zé Eleutério parou em frente da minha Tia Amélia pediu-lhe uns cobres para mandar os filhos à escola coitadinhos que não têm sapatos mas como ele não tem filhos também não precisa de os mandar à escola de maneira que não faz mal eles não terem sapatos e vai a minha tia Amélia deu-lhe uma coroa e ele disse que não precisava porque nunca falava ao telefone e deu-lha outra vez e ela começou aos berros e ele a perguntar-lhe se ela queria que ele cuidasse da família com uma coroa tudo aos berros e quando chegamos a casa a minha Tia Amélia disse ao meu pai que eu andava em más companhias e vai hoje não me deixam sair de casa ora abóbora se a minha tia Amélia fosse para a terra fazer camisolas é que era bom

GUIDINHA

Ex.mos Srs. da Mosca:

Passo a vida a ler as redacções da Guidinha e já me estou a chatear, pois não há meio dela aprender que lá em casa quem manda somos nós, e não os pais. Isso é que era bom, levarmos pancada neste tempo! Mas então quem são os ursos que educam assim uma filha? Ela é que é parva porque ainda não percebeu que eles fazem tudo o que quisermos se lhes aprendermos os fracos. Se os pais dela lhe dessem uma carga de pancada por ela não saber escrever, não digo que não fizessem bem, pois uma menina com aquela idade, tão espertinha, que sabe, ainda, onde se põe um ponto e uma vírgula, é coisa que brada aos céus, a menos que ela esteja a bater-se para algum prémio Nobel.

Mas coitadinha, pode ser que seja algum complexo e então já não digo nada. Aconselho-a a pôr em fila no princípio das redacções uma data de pontos e de vírgulas que a gente espalha pelo texto, conforme nos fizer mais jeito.

Se não aparece ninguém a ensinar aos pais dela que uma criança que apanha pancada fica complexada para toda a vida, é que não há nada a fazer.

A Guidinha nunca mais terá conserto, o que é uma pena, pois ela é muito querida, e muito inteligente. Só não percebo é como ela que tem tanto jeitinho para ir dizendo as coisas todas que quer e não é capaz de meter na ordem os pais, usando a mesma técnica lá em casa.

Não sei se ainda vou a tempo de fazer alguma coisa pela Guidinha porque já é um pouco tarde. Mas como a Guidinha é uma menina muito esperta pode ser que a minha ajuda ainda a safe.

Foi para isso que resolvi escrever esta carta, pois não sei a direcção dela que é uma coisa que devia vir no fim das redacções e é esta a única maneira que tenho de a contactar.

Vou pôr a minha direcção no fim desta carta e a Guidinha depois escreve-me para combinarmos um encontro. Tenho a certeza que depois de falar comigo umas vezes fica outra pessoa. Alinha no meu grupo, que é o mais giro de Lisboa, com uns tipos giros e umas miúdas com classe que não te digo nada.

Encontramo-nos em casa da Zé, porque a mãe dela é compincha e deixa-nos tocar e dançar toda a noite. Também era bom que não fosse — a Zé não é para brincadeiras e quando quer as coisas, ou grita, ou não estuda.

A propósito da Zé, quero dizer que lá conversámos muito sobre a Guidinha e ela prometeu tomá-la debaixo da sua protecção.

Mas para já, enquanto a gente não se encontra vou dizer-lhe umas coisas que ela tem de fazer. Sinto que aquelas tias e as outras velhas com quem ela vive lá em casa têm-na estragado um bocado — está cheia de miaúfa.

Para começar, não deve arrumar o quarto, isso é uma coisa que os pais querem, mas que não nos interessa. Deve é deitar papéis no chão e não os apanhar para eles se habituarem a fazer as coisas.

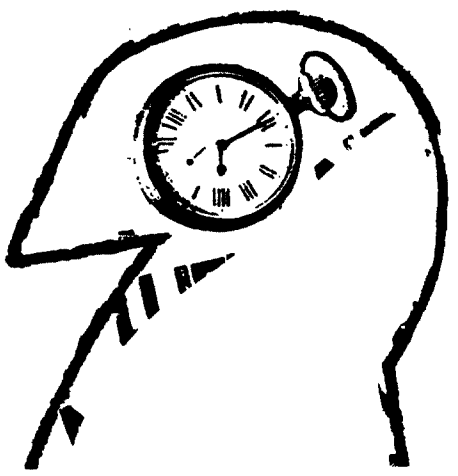
A Guidinha está cheia de complexos de culpa por terem passado a vida a dizer-lhe «não faças isso Guidinha, não faças aquilo, Guidinha», e por isso deve habituar-se a fazer tudo o que lhe der na bolha e a pedir-lhes dinheiro para comprar livros. Neles é que se aprende uma data de palavras difíceis, que se podem empregar quando nos querem obrigar a fazer coisas que não queremos. É que é muito importante dizer que se está frustrada, complexada, introvertida, etc. Estas palavras assustam-nos um bocado porque os pais não querem ter filhos taradinhos.

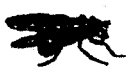
Até que nos encontremos desejo á Guidinha muitas propriedades.

Lisboa

ZECA

CARTAS ESCRITAS À GUIDINHA





O «bonzo» prepara-se para ler «A Mosca»...

Fala dos Bonzos

Cá estou de novo entre vós, estimados amigos e inimigos de «A MOSCA». Infelizmente nem sempre me é possível aparecer e, por vezes, a culpa deste facto é só minha. Há mais de dos meses, por exemplo, que não «varejo» única e exclusivamente por falta de tempo. Hoje, porém, volto até junto de vós batendo as asas de alegria— é que não precisei de me cansar em busca de alimento porque me aguardava, ao chegar à redacção de «A Melga», o meu prato favorito. Como todos sabem que é, não julgo necessário nomeá-lo.

«A MOSCA» e, agora, «A MELGA», não são fáceis de fazer e para que cheguem todos os sábados às vossas mãos, frescas, saltitantes e com os ferrões ainda manchados do sangue das suas vítimas, há uma equipa que chega a sexta-feira esgotada. É que fazer um suplemento como o nosso é muito, muito difícil por motivos que os inimigos de «A MOSCA» certamente conhecem e que os seus amigos passarão a conhecer se souberem ler o que vou tentar escrever «entre as linhas» da minha nota de hoje.

O país, estimados amigos e inimigos de «A MOSCA», está repleto de bonzos cujo prestígio é cuidadosamente regado por motivos que ninguém compreende ao certo ou, pelo menos, que nem todos compreendem ao certo e cuja poda é vedada aos que se recusam a pegar no regador.

Estou a falar dos bonzos, uns bibelots decorativos nesta nossa época em que o meramente decorativo perdeu a a sua razão de ser. Estou a falar dos bonzos, uns monstros sagrados que para aí vegetam, que ninguém sabe ao certo o que fizeram, que ninguém sabe ao certo que interesses serviram e servem, cuja obra todos sabem não valer dois caracóis mas em quem ninguém pode tocar, não vá azedar-se o molho do prestígio e de aldrabice em que jazem de conserva. «A MOSCA» é inimiga natural dos bonzos porque não aceita valores cujos fundamentos desconhece e, sobretudo, porque entende ser sua obrigação duvidar sistemàticamente de todos os prestígios que foram cuidadosamente construídos e que são, coercivamente impostos. O prestígio de cada um é aquele que cada um efectivamente tem e se um homem, para ter prestígio, carece de o fomentar e de impedir que os outros comentem a natureza e a qualidade dos feitos em que esse prestígio assenta, abóbora para esse homm e para o seu prestígio!

«A MOSCA», reconhecêmo-lo, tem mordido neste e naquele, tentando ridicularizar o que é ridículo e criticar o que é criticável, mas sempre num tom ameno que não fere ninguém e com a moderação própria duma MOSCA que nasceu e vive num país de clima ameno. Nunca «A MOSCA» serviu para ataques pessoais ou para jogos de grupinhos como os seus leitores podem testemunhar e sempre que, por razões de higiene social, lhe tem sido necessário atacar um dos muitos mitos que vegetam no país, tem procurado criticar a obra e não a pessoa e tem tentado, mesmo criticando, fazer justiça.

Creiam, estimados amigos e inimigos de «A MOSCA», que nem sempre tem sido fácil criticar a obra de certos mitos que por aí vegetam porque muitos deles não têm qualquer obra que justifique o prestígio de que gozam.

Pois apesar da moderação de «A MOSCA», os bonzos queixam-se, julgando-se instituições de utilidade pública. Habituados que estão às redomas que lhes permitiram fazer carreira, não gostam do vento e, possìvelmente por terem uma consciência perfeita do que valem, têm horror à crítica.

Os bonzos queixam-se e, porque são bonzos, não se queixam directamente à maneira dos homens que estão seguros de si e não temem críticas. Os bonzos queixam-se e, porque são bonzos, nem sequer têm vergonha de recearem a crítica dos seus conterrâneos e de viverem em redomas.

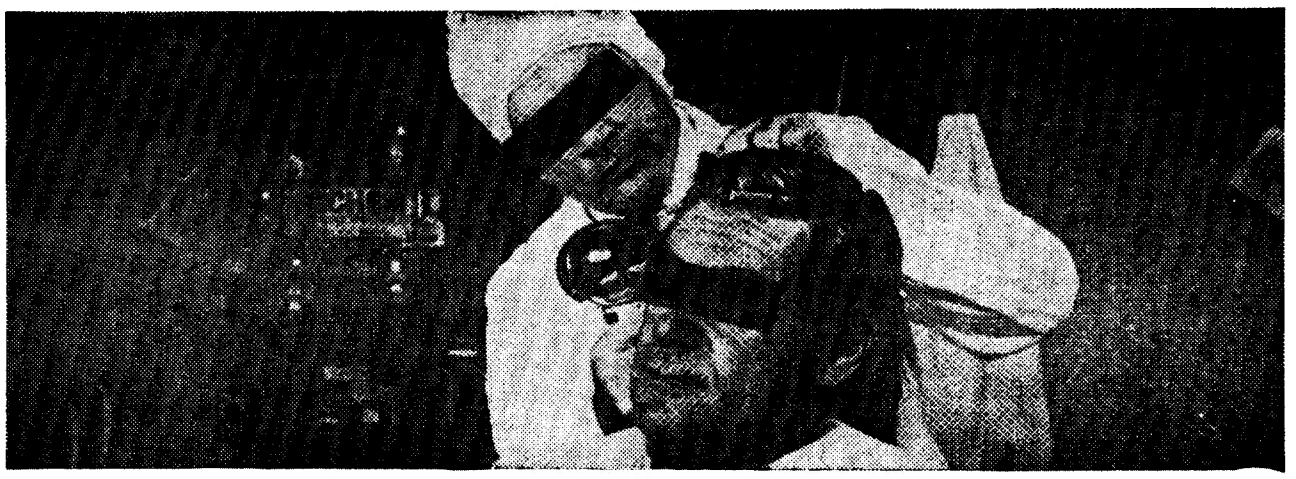
Os bonzos queixam-se e, porque são bonzos, queixam-se indirectamente recorrendo às manhas e artimanhas a que se habituaram a recorrer para subirem na vida.

Os bonzos queixam-se e, porque são bonzos, sabem que não valem nada, que não fizeram nada e que estão condenados a um justo esquecimento.

VAREJEIRA ENOJADA

... Vê o seu nome e pega na pena para o sublinhar...

... Lê o que «a Mosca» diz dele e larga a pena (a pena e as penas...)



O REI DO CHAMPÔ

Brás Pimenta, «Rei do Champô», tem para vender uma infinidade de artigos procedentes dos mais recônditos países estrangeiros. Começou com produtos para o cabelo, de onde o nome comercial por que é conhecido, mas em breve estendia a sua gama de actividades aos rádios transistorados, aos discos, à roupa americana, aos brinquedos, enfim aos enlatados de fruta com sabor a terebintina. Rápida fama, conta bancária como deve ser: Brás Pimenta manda no mercado.

No foi por acaso que Pimenta subiu. Subiu porque vende coisas boas, afiançadas, inéditas no nosso País (caso do urso de corda que rodopia em volta de uma haste de metal, imitando precisamente o urso de corda que rodopiaria, se os ursos rodopiassem, em volta da supracitada haste).

Mas regressemos ao princípio. Regressemos à sua fase de pioneiro, quando vendia champô alemão, sabonetes americanos, pasta dentífrica espanhola e perfumaria de muitos sítios. Era tudo nacional, como se sabe, e o truque estava no rótulo. Muito palavriado estrangeiro, muitas e excelentes normas de aplicação que o freguês não traduzia nem com uma aluna de Germânicas ao lado.

«É contrabando, sr. Pimenta?»

«Fale baixo, minha senhora. Veio de Marrocos num barco italiano. O comissário é meu amigo e traz isto pelo preço da chuva».

Outras vezes a compradora (ou o comprador) argumentava com o preço:

«Sr. Pimenta, parece-me um bocado carote...»

«Carote?!», fazia Pimenta abrindo em pânico a dentadura reluzente de pasta espanhola. «Este champô não há nas drogarias. É ovo camponês, ovo alemão do bom. Vocelência abre a torneira, verte na palma da mão uma gota de champô e vai ver a espuma que ele deita, o cheiro, o cheiro a ovo!»

Bons tempos esses. Assim Pimenta ganhou para a primeira furgoneta, a que se seguiu a segunda (fase da roupa americana) e finalmente o «coupé» de duas-portas (fase dos rádios e dos discos).

DÁ DE GRAÇA AS PILHAS SOBRESSELENTES

O êxito de Brás Pimenta mede-se pelas viaturas, progressivamente mais potentes, mais caros e mais a dar com o padrão do fato — e também (não faz mal um pouco de má língua) pelas pequenas que Pimenta convida para um «drink» ao serão. Começou com a Amélia, criada de servir em Campolide, passando no ano imediato a uma auxiliar de enfermagem, a Clotilde que lhe dava massagens nos rins. Ah, mas Clotilde durou escassos meses... Culpa de Pimenta? Não: culpa de roupa americana (confeccionada na Madre de Deus).

A roupa americana coincidiu com a descoberta de Yvonne, manicure na Baixa. Espírito bastante culto. Yvonne foi a promoção sócio-amorosa de Pimenta, autêntico arco-íris numa existência' **malgré tout** monótona. E não se diga que o **malgré tout** está a mais porque uma das delícias do **flirt** com Yvonne consistiu exactamente na descoberta (por Pimenta) de certo vocabulário da estranja muito propositado.

Depois de Yvonne, ou seja depois da roupa americana, veio a proprietária da chave da segunda casa de Pimenta, contemporânea dos transístores absolutamente japoneses fabricados no Minho. Maricármen, ex-componente do «Ballet Claveles de España», domina o actual Pimenta, a quem chama Blasito, Blasico, Guapo, Niño, Tesoro ou simplesmente Tu quando está zangada e acaba de dar um pontapé na balança dinamarquesa («Made in Lisbon») que Pimenta lhe ofereceu no Verão.

Impante de felicidade, o «Rei do Champô» tem além do mais a sua família legítima óptimamente instalada em Algés, ali ao pé dos bons ares da praia. Considera que o destino o brindou com o que ele merecia: para uma vida de trabalho, o descanso que traz a fortuna.

«Mas deixe-me que lhe diga», disse ele ao repórter do nosso suplemento, «Pimenta não engana ninguém. Os transístores japoneses, por exemplo, são sempre vendidos com um jogo de pilhas sobresselentes inteiramente grátis. Ai de algum empregado meu que se **esqueça** de entregar as pilhas ao comprador!)».

O pátio cinzento

PEDRO ALVIM

A VOZ de Amaro, ali no café, o fumo do cigarro no cabelo de Inês e no bigode de Rodrigo:

— Todos nós devíamos ter em casa uma gaveta forrada de veludo. De veludo azul. Solenemente azul. Uma gaveta onde se guardasse uma arma branca. Um punhal... Uma arma escura. Uma pistola... Uma arma, enfim, que jazesse no azul, no veludo macio de uma gaveta de um armário solene a um canto da sala. Não longe de um relógio, alto, de pêndulo, que chorasse o tempo... o dia... a nossa vida... Uma pessoa aproximava-se do armário, abria a gaveta de veludo azul, ficava com a arma na mão...

— Talvez hesitasse... — disse Inês.

— Talvez hesitasse.

O fumo do cigarro de Amaro tomava-lhe as mãos finas.

— Talvez hesitasse — repetiu Inês.

—Talvez hesitasse...

Rodrigo, que limpava os óculos com um lenço branco, cortou a hesitação da rapariga:

— Uma vez aberta a gaveta azul — disse — toda e qualquer resitação seria vergonhosa. Quem abre a gaveta azul, não abandona o seu propósito. Vai até ao fim.

E Amaro, com um novo ânimo nos olhos:

— Seria dourada a chave da gaveta azul. Dourada, comprida e fina... Uma pessoa, com a chave nos dedos, aproximar-se-ia, lentamente, da gaveta forrada de veludo azul. Um silêncio grande em toda a casa... Silenciosos e atentos, todos os objectos... Assim como quem espreita um gesto invulgar, assim como quem escuta uma palavra estranha... Aberta a gaveta, logo a arma surgiria prante os olhos—fria, se fosse um punhal, pesada, se fosse uma pistola...

Amaro acendeu outro cigarro. O fumo sumia-se nas vozes do café — e, lá fora, ouviu-se o pregão de um jornal da tarde.

— E depois? — perguntou Inês. — E depois?

Amaro disse:

— A gaveta ficaria por fechar. O veludo azul todo oferecido ao tecto branco... Haveria uma carpete vermelha sob os pés. Vermelha, para que o sangue não fosse um escândalo. O relógio, alto e de pêndulo, marcaria a hora mais demorada da tarde...

— As cinco — disse Inês.

— As cinco. Depois, no silêncio da casa abandonada, no silêncio azul da hora exacta, ouvir-se-ia o fim...

Rodrigo, enfastiado, resolveu-se pela ironia:

— E se nesse momento tão solene, com a gaveta azul sob o tecto branco, a carpete vermelha nos pés, surgisse, de repente, uma mosca no aposento?

— Uma quê...?

— Uma mosca. Das mais vulgares. Daquelas que passeiam pelos vidros...

Amaro desfez o cigarro no pires da «bica»: tudo, como um grito, lhe veio à memória — o engano de Clara, o vidro partido da janela, a estante só com metade dos livros, a lâmpada fundida no quarto de Amélia, o romance recusado pelo editor, as muitas ruas da cidade, a multidão — e o pátio cinzento, como um sorvedouro, visto da janela das trazeiras...

— Uma mosca? — disse. — Ficaria a voar sobre o cadáver.

Joseph von Sternberg

■ Oliveira Pinto

«É fácil ver os erros dos outros, mas não usamos espelhos para reflectir as nossas próprias acções.»

— Joseph von Sternberg .in «Anathan»

De há alguns anos a esta parte, Joseph von Sternberg, só ou acompanhado dos seus filmes, corria o mundo assistindo a Festivais de Cinema, a retrospectivas da sua obra, presidindo aos juris daqueles (este ano, esteve em Março, no Rio de Janeiro, presidindo ao juri do festival carioca que lhe dedicou, também, a secção retrospectiva, e, mais tarde, em Junho, o facto repetiu-se de igual modo, no Festival de San Sebastian, onde o pudemos ver, de pena e barba branca, algo apagado, tristonho, distante da famosa arrogância (perdida) de Von Sternberg admirado e temido.

Morreu agora, esta semana, com 75 anos, vitimado pelo coração que falhou, quando ele escrevia. Trabalhava em nova edição das suas memórias, como as agências e os jornais informaram.

Joseph Von Sternberg que foi um dos cineastas mais populares dos anos 30, o criador de um dos mitos mais consistentes e duradouros da história do Cinema — Marlene Dietrich — estava reduzido ao papel de lenda (e de legenda) viva e itinerante. Sumido durante lustros num esquecimento injusto e cruel, protagonista e vítima do desapiedado jogo de Hollywood que endeusa e eleva ou vitupera e lança por terra as suas figuras com a mesma facilidade, em função de um unico critério — o do rendimento económico —, Sternberg conheceu alternadamente a glória e o fracasso, a maldição e a lisonja, a adulação, até.

Da situação do realizador que todas as grandes companhias disputavam, passou a ser o homem a quem, depois de êxitos fabulosos, se oferecia unicamente a possibilidade de trabalhar como subalterno do artesão (mais ou menos hábil) de turno. A sua proverbial arrogância não o impediu de sujeitar-se aos vexames mais incríveis, como o de submeter-se a uma prova de aptidão em 1950, com mais de 25 anos de carreira e uma boa colecção de obras imorredoiras no seu activo.

— A propósito comentava:

— Foi um insulto. Um insulto deliberado ao qual só podia responder com outro insulto: Aceitei.

«O CINEMA NÃO TEM NACIONALIDADE»

A sua lendária «dificuldade» no trato com os ntérpretes não foi obstáculo para que quantos (ou a maioria pelo menos) trabalharam sob as suas ordens se convertessem, segundo as suas palavras, automáticamente em estrelas. Personagem e personalidade contraditória em função do seu indiscutível talento, maltratado, açoitado uma vez e outra pelos funcionários de uma Arte á qual deu algumas das suas legítimas cartas de nobreza, Sternberg nunca perdeu a fé no cinema.

— Em boa verdade, não deixei, não abandonei o cinema, respondeu-nos, em San Sebastian. (Após «Anathan», película japonesa de 1953 e filme-testamento, filme-reflexão, resumo e sublimação da obra e pensamento de Sternberg, este não voltou a dirigir qualquer outro).

E acrescentou Sternberg, no propósito de acentuar que não «deixara» o cinema:

— Escrevo livros e faço conferências. Além disso, tenho regido aulas de cinema em mais de 20 universidades e em organismos docentes de diversos países.

Quanto á sua participação no juri de festivais de Cinema afirmou:

— Não se trata de anseio de voltar, de ser visto e falado ou de sacrifício. Para mim, participar no juri de um festival cinematográfico é um dever, pois o cinema foi e é a minha grande paixão. Por isso aceitei participar e presidir ao juri deste certame, como, aliás, tenho procedido noutros festivais.

Para ele, (segundo ele) o cinema não tem nacionalidade. E dizia ser ingenuidade falar-se em cinema alemão, soviético, japonês, britanico, americano, etc. etc. E rematava:

— O que há — isso sim! — são bons e maus filmes.

— E escolas? Houve uma «escola Sternbergiana»?!

— Não me parece que existam «escolas» no cinema. Eu não criei nenhuma e acho, também, que ninguém criou qualquer outra. O cinema é uma evolução. O unico sector, em que sobressaí, talvez, foi no campo da direcção, da realização. Mas antes de ser realizador trabalhei em todos os sectores: como fotógrafo, como ajudante, como operador, como argumentista, etc. etc.

Contou-nos ainda como nasceu o seu interesse pelo cinema, por forma bem rara, tinha Sternberg 15 anos.

—Certo dia, vi duas raparigas quase a afogarem-se num rio. Salveia-as e levei-as a casa do namorado de uma delas. Passado o susto, ele mostrou-me uma máquina de cinema, uma «camara» que estava a limpar. Foi o meu primeiro contacto com o «cinema». Nessa mesma tarde, comecei a interessar-me por aquilo que viria a ser a grande paixão da minha vida.

«OS ACTORES SÃO «MARIONETTES»

Como realizador, Sternberg não se livrou de que lhe chamassem «ditador» e outros nomes feios, dada as suas exigências e dureza para com os actores. Passados tantos anos, teria ele mudado, que mudaria de procedimento, caso voltasse?

— Não mudei nada. Sou o mesmo e penso da mesma maneira de então. Para mim os actores são «marionettes». As suas reacções, o seu mau humor e rabujices não tinham qualquer efeito sobre mim. Julgo até que, na minha presença, eles se suavizavam, pois agradava-lhe ter de trabalhar com um realizador com domínio pleno da situação. Sim, porque por mais famoso e competente que seja um actor, ele é apenas um instrumento nas mãos do director, de cuja eficiência técnica e sensibilidade artística depende o êxito de um filme. O realizador é tudo. É mais do que um maestro. É o autor supremo, por mais eficiente que seja o intérprete.

— Mesmo quando se trata de Marlene Detrich? (Sempre se disse que o «mito Marlene», cuja criação lhe pertence, ofuscou a posição de Sternberg, da sua obra, durante largos anos sepultada sob o «mito» criado).

— Sim, mesmo com Marlene. Sob a minha direcção trabalharam grandes nomes da arte cinematográfica: Gary Cooper, Cary Grant, Gene Trierney, etc., que alcançaram fama e prestígio, ràpidamente, após terem sido dirigidos por mim. Anteriormente a terem trabalhado comigo, eram muito pouco conhecidos e só interpretavam papéis de pequena importância.

A propósito de Marlene Detrich, com quem se casou e viveu e que deixou de dirigir, após longa teoria de filmes sempre com ela como protagonista, Sternberg afirmou:

— Teve que ser. Depois de tanto termos trabalhado juntos, era absolutamente necessário que nos separassemos. De contrário, repetiríamos as mesmas coisas, faríamos sempre o mesmo, com prejuízo de ambos e do público. Tudo estava esgotado. Voltámos a última página. O assunto estava encerrado.

Sternberg acompanhava a produção fílmica actual, estava a par do cinema internacional.

E comentava:

— Não há diferenças. Já se disse e se fez tudo no cinema... Por exemplo, os cortes rápidos, as mudanças rápidas da «câmara», experimentei-os eu já na minha primeira película. A linha básica mantém-se desde que o cinema é cinema. É claro que a moda imperante em cada momento é importante. Mas, no fundamental, o cinema é o mesmo. Não acredito que se possa recriar alguma coisa no cinema, salvo pouquíssimas técnicas, mais instrumentais do que estruturais.

«SEMPRE HOUVE VIOLENCIA E SEXO NO CINEMA»

Falou-se depois de violência e sexo que são apontados como símbolos do cinema de hoje e Joseph von Sternberg logo interveio:

— Isso também não é novidade alguma. A violência e o sexo sempre imperaram no cinema. Talvez haja agora maior liberdade de expressão e pareça assim que se tenha criado uma nova linha cinematográfica. Mas essa linha sempre existiu. Tudo se situa e resume em ter bom ou mau gosto no desenrolar da acção, da ideia. As pessoas pensaram sempre assim, têm dentro de si o mesmo sentimento. Nada mudou.

— Porque é que deixou de realizar filmes a partir de 1953? (Quando, nesse ano, apresentou «Anathan», Sternberg escreveu «Não sei qual será o meu próximo filme, nem mesmo se farei ainda mais algum).

— Seria melhor perguntar-me porque é que fui director. Para mim ser realizador foi circunstancial. E tê-lo sido não modifica, em absolutamente nada a minha maneira de ser e de pensar quanto ao cinema. Tenho-o no coração e devoto-lhe o que sou e o que sinto.

— Joseph von Sternberg continua a trazer, na actualidade, qualquer contribuição ao cinema?

— Acredito sinceramente que sim.

(Em San Sebastian, no Festival, a retrospectiva dedicada à sua obra foi êxito artístico-cultural e de bilheteira, com a presença significativa de um público jovem, críticos, realizadores e espectadores interessados, simplesmente).

Acrescentou:

— Mas também penso e estou convencido que também, continuo a aprender, diàriamente, algo de cinema.

«NUNCA RECEBI UM PRÉMIO»

Ao proceder-se à cerimónia de encerramento do Festival, com a proclamação e entrega dos prémios, Joseph von Sternberg, na sua qualidade de presidente do júri, afirmou dirigindo-se aos concorrentes não distinguidos:

— Não desanimem. Prossigam. E se isto lhes pode servir de consolação, sempre lhes digo que, ao longo de uma carreira de mais de 30 anos, não recebo qualquer prémio.

«É mais do que provável — escreveu Sternberg, com amarga ironia no capítulo II do seu livro de memórias intitulado «Fun in a chinese laundry» — que, tal como a Idade da Pedra, do Ferro, do Bronze foram seguidas pela idade da Máquina, a nossa seja conhecida pela designação de Idade do Celulóide, logo seguida pela idade do Átomo. Esta minha hipótese baseia-se no princípio de que as obras de arte sobrevivem quando tudo o mais desaparece. Assim, é absolutamente possível que, removendo a areia da nossa época, o arqueólogo do futuro não encontre mais do que fitas de celulóide encolhido e ressequido ao abrir os pesados recipientes que, porventura, tenham ficado intactos. Se, como calculo e apesar, no entanto, das minhas dúvidas, vier a verificar-se uma melhoria na nossa arte, espero que se descubra um material mais leve para guardar as nossas obras. Como já contei anteriormente, comecei a minha carreira transportando as latas em que se guardam as frágeis imagens.»

O comentarista internacional

I PEDRO ALVIM

ELE, o grande comentarista internacional, está sentado á direita de meia duzia de semanários políticos estrangeiros. À sua esquerda, tem a janela do gabinete. Sob os pés, a pele de um gato que dava pelo nome de «Unha Afiada». E em frente, na parede, há um mapa do globo e da já constituída (não sabiam?) colónia americana lunar.

Atenção!

O grande comentarista vai dar início ao seu trabalho. Já ajustou os óculos nas pálperas mortiças, serviu-se já do lenço, tirou, com um palito, cera do ouvido esquerdo. Cruzou os sapatos sob a secretária, tossiu, sacudiu os cotovelos, bateu no cabelo, deu um piparote num fósforo apagado. Ele aí vai, com sua pena mágica, incisiva, sintética e reveladora. Já ninguém o apanha: está a atravessar o mundo a uma velocidade louca! Escapa aqui de um tiro, ali de uma bomba de plástico, mais além de uma cilada engenhosa e cruel. Trata um presidente por tu, manda um rei à fava, escuta as confissões de um guerrilheiro. E, subitamente agradado, toma chá com um ministro, conversa com um secretário de Estado, ironiza com a jovem dactilógrafa de um «leader» influente. Semeia o papel de pontos finais, de pontos de interrogação, de sábias e ratas reticências... De todas as vezes que desenha uma vírgula tem uma inspiração funda — e quando termina um parágrafo, um parágrafo-azulejo, sacode, satisfeito, os cotovelos, num tlim! tlim! tlim! absolutamente eufórico.

Acode-lhe uma voz:

— O senhor chamou?

Ele precipita-se:

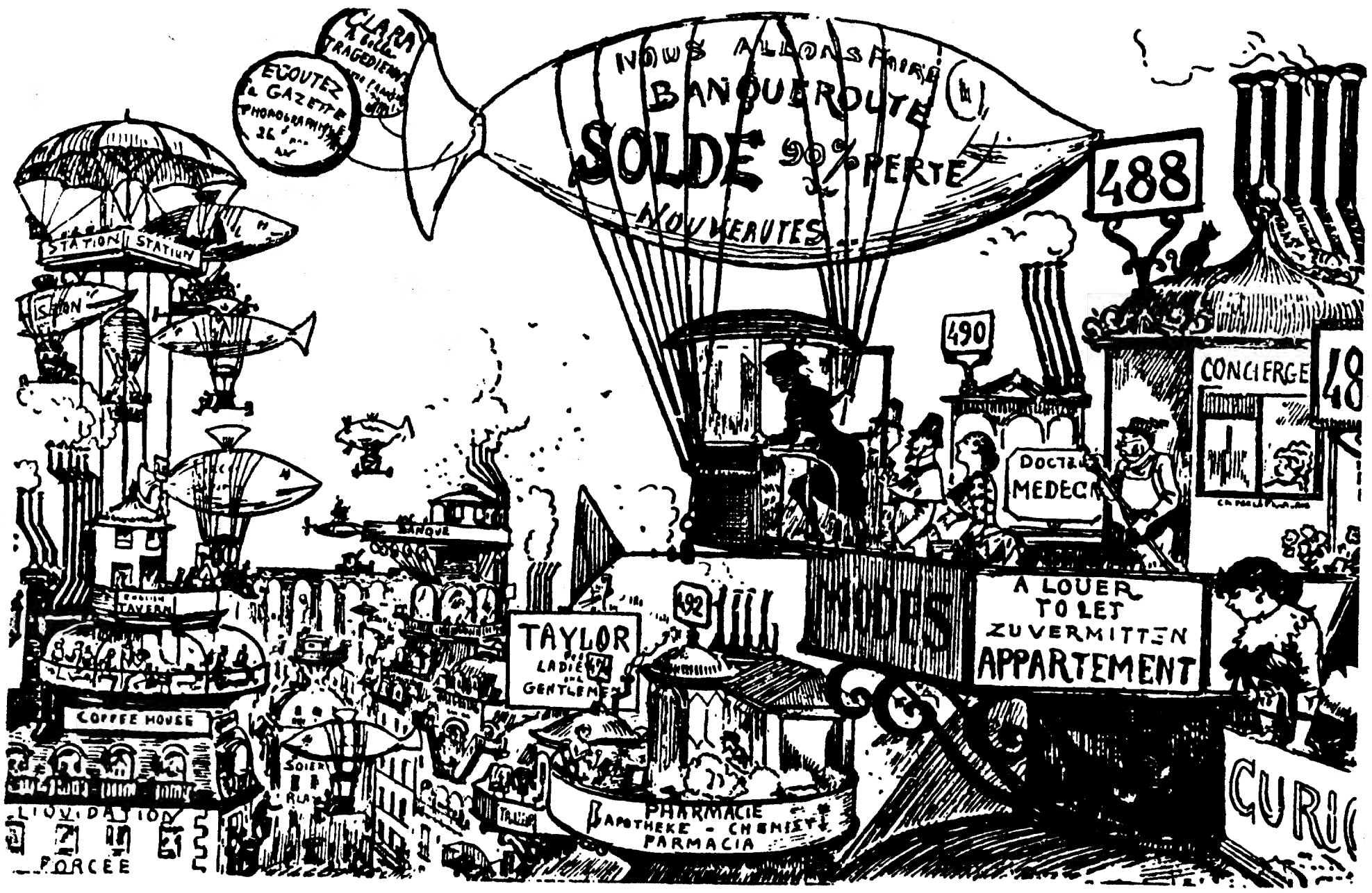
— Traga-me café!

Todo subtileza, arguto, «especulativo dentro dos limites da decência», ele, o comentarista, continua o seu rodopio através do mundo. Passa de nação para nação sem exibir passaporte: basta-lhe desfolhar os semanários políticos estrangeiros colocados à sua direita. E fala (traduz) francês, inglês, alemão, espanhol. Corrige o brasileiro — e, quanto ao árabe, Alá, que é grande, já o verteu para uma daquelas línguas. Ah, como é bom viajar, entrar em contacto com os povos, cotejar civilizações! O Chiado só não chega: é urgente o salto no seio das grandes capitais, ver quem mexe os cordelinhos, dizer com «h» aspirado uma frase que nos mostre aptos à compreensão do que se está passando «nowadays». E, deste modo animado, o comentarista enche folhas e folhas de papel com uma letra certa, «histórica», lapidar. Não se fatiga, não: o olho esquerdo, através da janela do gabinete, aguarda, ansioso, a chegada do carteiro. Que falta lhe não estão a fazer o avião-«Time», o navio-«L'Express», o comboio -«Spiegel», de cores rápidas e vivas! Só ele o sabe ,ele, o pertinaz viajante da política estrangeira — o homem que está em toda a parte (em parte nenhuma...) para informar os que continuam sempre de pé fixo na pedrinha presa do Chiado... Ele...

— Dá licença?

— Entre!

— Está ali o carteiro com uma cobrança...

Rápido de pupila, ele logo vê do que se trata. Hesita um momento, observa para si que o tem lá no jornal, e, todo inteiro, diz:

— Anule, por três meses, a minha viagem no paquete-«Le Monde»!